

# Celsus

---

## Sobre a Doutrina Verdadeira

---

Um Discurso Contra os Cristãos



Traduzido por R. Joseph Hoffmann  
Tradução para o Português: Luis V Vallejo

Título Do Original:

Celsus

On The True Doctrine

*A Discourse Against the Christians*

Oxford University Press

New York

1987

Celsus  
Sobre a Doutrina Verdadeira  
Um Discurso Contra os Cristãos

Tradução e Introdução Geral por  
R. Joseph Hoffmann

Tradução para o Português (BR)  
Luis V Vallejo

Capa: editoração eletrônica pelo tradutor da edição em português

<http://cloneclock.blogspot.com.br/>

## Sobre a obra

A principal obra do filósofo grego Celsius é uma exceção, pois as obras da maioria dos antigos críticos da igreja foram queimadas pelos imperadores cristãos ou destruídas no segundo e terceiro séculos.

Seu ataque polêmico sobre as crenças e práticas dos cristãos, “*Sobre a Doutrina Verdadeira*”, escrito por volta de 178 dc, é um dos mais antigos documentos desse tipo que sobreviveu. Preservado na sua quase totalidade na obra “*Contra Celsum*” uma apologia escrita por Orígenes da Alexandria, “*Sobre a Doutrina Verdadeira*” fornece uma visão precisa das atitudes de um dos mais destacados observadores pagãos da época: interessado nas tendências das recentes religiões, mas duvidando do entusiasmo religioso e da mais nova seita proselitista do império.

A lúcida reconstrução do tratado de Celsius feita pelo professor Hoffmann, baseada em arquétipo de um manuscrito do século XIII, encontrado na Biblioteca do Vaticano, sobre “*Contra Celsum*”, é a primeira tradução moderna para o inglês dessa clássica obra da antiguidade. Uma extensa introdução e numerosas notas explicativas fazem o texto completamente

acessível aos estudantes bem como aos estudiosos da história da religião e filosofia.

### **Sobre o autor**

R. Joseph Hoffmann é o diretor de Estudos do Cristianismo Antigo do Departamento dos Estudos do Oriente Próximo da Universidade de Michigan em Ann Arbor. Em 1985, foi escolhido para ser o diretor geral do Projeto de Pesquisa em Criticismo Bíblico. Ele já escreveu três livros sobre as origens do cristianismo: “*Marcião: Sobre a Restituição do Cristianismo*”; “*Origens do Cristianismo: Uma Introdução Crítica*” e “*Jesus Fora dos Evangelhos*”.

### **Sobre o Tradutor para o Português**

Luis Valentin Vallejo é escritor. Autodidata em história e matemática escreve para a Internet. Entre suas obras que podem ser encontradas gratuitamente na rede, estão “*A Revolta de Papel*” a verdadeira história da Inconfidência Mineira, “*O Caçador de Nuvens*”, a destruição do mito de Santos Dumont e a real história dos inventores do avião, “*O Fogo da Cruz*”, um painel vívido do que foi a Inquisição, “*O Herói Sátiro*”, mostrando quem foi Pedro I e os antecedentes da declaração da Independência do Brasil, “*O Que Você Sabe Sobre Religião?*”, um

roteiro no qual a pessoa pode avaliar seus conhecimentos sobre religião e descobrir que sabe muito pouco, “*Zoroastrismo e Mitraísmo: A Fonte das Religiões Monoteístas do Ocidente*”, no qual se mostra como o cristianismo, judaísmo e islamismo copiaram o esquema do mitraísmo e do zoroastrismo, da antiga Pérsia, além de diversas traduções como, por exemplo, “*O Jesus Histórico e o Cristo Mítico*” de Gerald Massey.

Pode ser contatado em

<http://cloneclock.blogspot.com.br/>





## ÍNDICE

|   |     |
|---|-----|
| Prefácio da Tradução em Português                   | 11  |
| Lista de Livros Antigos                             | 15  |
| 1 - Introdução Geral                                | 21  |
| 1.1 - Visão Apocalíptica e suas Consequências       | 25  |
| 1.2 - Posturas desafiadoras e defensoras            | 35  |
| 1.3 - Ataques à Moralidade Cristã                   | 43  |
| 2 - Oposição Pagã - Da Crítica Moral à Intelectual  | 79  |
| 2.1 - Luciano                                       | 81  |
| 2.2 - Críticas Adicionais                           | 87  |
| 3 - Celsus  | 93  |
| 3.1 - A Identidade de Celsus                        | 97  |
| 3.2 - O Argumento                                   | 105 |
| O Texto   | 133 |
| Cap. 1 Introdução - Sobre a Doutrina Verdadeira     | 135 |
| Cap. 2 A Falta de Originalidade na Fé Cristã        | 143 |
| Cap. 3 Mensagem aos Judeus                          | 161 |
| Cap. 4 A Doutrina Cristã Comparada com a dos Gregos | 187 |
| Cap. 5 Crítica aos Ensinamentos Cristãos            | 207 |
| Cap. 6 Sobre Judeus e Cristãos                      | 231 |
| Cap. 7 Crítica à Doutrina Cristã                    | 249 |
| Cap. 8 A Doutrina Cristã sobre Deus                 | 279 |
| Cap. 9 A Doutrina Cristã sobre a Ressurreição       | 287 |
| Cap. 10 A Iconoclasia Cristã                        | 309 |
| Bibliografia  | 337 |



## **Prefácio da Tradução para o Português**

*Luis VC Vallejo*

O livro de Celsus – em português, Celso – traz a visão de uma testemunha do nascimento do cristianismo, revelando talvez, o lado mais fiel e verdadeiro de um movimento que, semelhante a dezenas de outros, infrutíferos, surgidos na história antiga do mundo, teve a seu favor um conjunto de circunstâncias tão sinérgicas que, ao invés de fracassar como os anteriores, floresceu e tornou-se no sucesso que hoje apresenta.

Toda seita, religião ou algo assemelhado, para que tenha um desenvolvimento favorável, trabalha sempre sobre alguns fatores indispensáveis, mas não suficientes, inerentes a seus seguidores:

- a sua ignorância
- a sua boa fé – ou seja, fácil receptividade
- a sua capacidade de crer, sem questionar, em “testemunhos”, “aparições”, “escrituras”, “milagres” e “inspirações”

Geralmente, os exemplos de pessoas anteriores a Jesus, que se apresentaram como filhos de deus – Celsus cita vários deles - cujos seguidores

desapareceram rapidamente após suas mortes e cujas seitas por eles criadas sendo restritas a uma região, feneceram, possuíam tais atributos indispensáveis, porém não tiveram a sorte de contar com as seguintes circunstâncias diferenciadas principais - todas relacionadas ao império romano - que permitiram o crescimento avassalador da seita cristã:

- A época (o auge do Império Romano)
- O local (território dominado por Roma)
- O público alvo (as classes desfavorecidas e os povos dominados pelo império romano)
- A destruição do templo dos judeus e o aniquilamento de Israel pelos romanos

Esse crescimento, principalmente dentro da capital do império – Roma – aliado ao esfacelamento do poder constituído e crises sociais gravíssimas, obrigou o imperador Constantino, convertido ao cristianismo por razões políticas, em 313, a lançar o “*Édito de Milão*” decretando o fim das perseguições religiosas, fato esse que coroou o esforço e os trabalhos dos poucos espertalhões que, quatro séculos antes decidiram levar adiante a seita, puramente por interesses econômicos pessoais.

Para se entender a verdadeira dimensão do trabalho de Celsus, bem como seu pensamento, necessitamos de uma série de informações que Hoffmann - mesmo com

seu ecletismo e cultura, e apesar de sua bem cuidada Introdução Geral - deixa de fornecer, pois presume que o leitor já os conheça. Visando suprir essa carência – que decerto impediria a maioria dos leitores brasileiros de compreender a obra – resolvemos, de forma sucinta, colocar nesse prefácio os seguintes itens:

- Noções de Contagem de Tempo: Calendário e Eras Geológicas
- Noções sobre as religiões suméria, persa, egípcia, grega e romana.
- Visão geral do império romano
- Noções sobre as personalidades e lugares citados no livro
- Mapas

(Obs: itens excluídos nesta versão PDF)

Adicionamos ainda, um glossário, visando explicar os termos menos usuais que abundam no decorrer do livro.

### **Notas:**

As notas de pé da página **sem referência** são de Joseph Hoffmann. Todas as **referências marcadas** por “NTP” significam “notas da tradução em português” e foram acrescentadas por mim por julgar ser necessária uma maior explicação a ser dada ao assunto.

Luis V Vallejo



## Lista de Livros Antigos

A não ser que seja informado, as traduções de textos bíblicos e de outras obras antigas foram feitas por Joseph Hoffmann. Para maior clareza, os títulos de obras clássicas e de patriarcas da igreja são fornecidos em inglês, aqui e em todo o restante desta obra, exceto nos casos de trabalhos que são mais conhecidos nas suas versões em grego ou latim. Tais obras estão disponíveis em várias edições e traduções.

### Antigas obras atribuídas aos cristãos

|                              |  |
|------------------------------|--|
| The Apocryphon of John       | <i>(Evangelho Apócrifo<sup>1</sup> de João)</i>    |
| The Epistle of Barnabas      | <i>(Epístola de Barnabé)</i>                       |
| The First Apocalypse of John | <i>(O Primeiro Apocalipse<sup>2</sup> de João)</i> |

---

<sup>1</sup> **Apócrifo:** Oculto – secreto – Para os primeiros cristãos eram os escritos sem o caráter divino. Hoje, significa não autêntico, aplicado pelos cristãos particularmente aos textos do AT e NT cujas autenticidades não estão suficientemente estabelecidas e por isso, rejeitados pela igreja católica. (NTP)

---

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| The Gospel of Thomas              | <i>(O Evangelho de Tomé)</i>            |
| Second Treatise of the Great Seth | <i>(Segundo Tratado do Grande Seth)</i> |

### **Obras Clássicas**

|                        |  |
|------------------------|--|
| Apollodorus of Athenas | <i>The Library</i>   |
| Apollonius             | <i>Mirabilia</i>   |
| Apuleius               | <i>The Metamorphoses</i>                                   |
| Cícero                 | <i>On The Nature of the Gods</i><br><i>Tuscan Orations</i> |
| Diógenes Laertius      | <i>Lives of the Philosophers</i>                           |
| Epictetus              | <i>Discourses</i>  |
| Euripedes              | <i>The Bacchantes</i><br><i>Phoenecian Maidens</i>         |
| Galen                  | <i>On Appropriate Books</i>                                |
| Herodotus              | <i>The History</i>   |
| <br>                   |  |
| Iamblichus             | <i>Against Apion</i><br><i>The Antiquities of the Jews</i> |

---

<sup>2</sup> **Apocalipse:** Revelação – Livro que tem por objetivo a revelação dos destinos da humanidade e o fim do mundo. Suposta revelação feita a João na ilha de Patmos, no reinado de Domiciano, onde se faz a predição da vitória definitiva do cristianismo, no final do mundo. Sua linguagem é cifrada e alegórica. ALEGORIA: Ficção, apólogo, parábola – ficção em que se personificam os elementos morais. (NTP)



---

|                     |   |
|---------------------|---|
| Lucian              | <i>Wars of the Jews</i><br><i>Alexander the False Prophet</i><br><i>The Death of Peregrinus</i><br><i>Imaginings</i>                      |
| Marcus Aurelius     | <i>Meditations</i>  |
| Philo of Alexandria | <i>On Husbandry</i><br><i>On Languages</i>  |
| Platão              | <i>Crito</i><br><i>Laws</i><br><i>Phaedro</i><br><i>Politics</i><br><i>The Republic</i><br><i>The Seventh Letter</i><br><i>Theaetetus</i> |
| Pliny               | <i>The Natural History</i>  |
| Plotinus            | <i>The Enneads</i>  |
| Plutarch            | <i>Lives of the Nobles Greeks and Romans</i><br><i>Moralia</i>  |
| Porphyry            | <i>The Life of Plotinus</i><br><i>Pythagoras</i>  |
| Sêneca              | <i>Epistles</i>   |
| Suetonius           | <i>The Twelve Caesars</i>   |
| Tacitus             | <i>The Annals of Imperial Rome</i>  |



**Obras de Patriarcas**

|                       |  |
|-----------------------|--|
| Clement of Alexandria | <i>An Exhortation to the Greeks</i><br><i>Miscellanies</i><br><i>The Pedagogue</i>   |
| Epiphanius of Salamis | <i>The Panarion, or Medicine Chest</i>   |
| Eusebius              | <i>Ecclesiastical History</i>  |
| Hippolytus            | <i>A Refutation of All Heresies</i>  |
| Ignatius of Antioch   | <i>The Epistle to the Ephesians</i><br><i>The Epistle to the Romans</i>  |
| Irenaeus              | <i>Against Heresies</i>  |
| Justin Martyr         | <i>The First Apology</i>   |
| Macarius the Great    | <i>The Apocriticus</i>   |
| Minucius Felix        | <i>Octavius</i>  |
| Origen of Alexandria  | <i>Against Celsus*</i><br><i>Homily on the Book of Jeremiah</i>  |
| Tertulian             | <i>Against Marcion</i><br><i>The Apology</i><br><i>On the Flesh of Christ</i><br><i>On Penitence</i><br><i>On the Resurrection of the Flesh</i><br><i>On the Soul</i><br><i>The Prescription Against the Heretics</i><br><i>To the Nations</i> |

\* As referências para a tradução de Chadwick dessa obra (Cambridge, Inglaterra, 1953) são fornecidas aqui como *Origen, Contra Celsum*.



**Celsus - "Alethes Logos"**

## **Sobre a Doutrina Verdadeira Um Discurso Contra os Cristãos**

### **INTRODUÇÃO GERAL**

O cristianismo foi criado sob controvérsia. Não somente os 27 livros canônicos<sup>3</sup>, mas também os livros individuais do Novo Testamento estão cheios do espírito de disputa e defesa – tanto que, sem dúvida, ao se considerar o cânon como a mais antiga referência da

---

<sup>3</sup> **Canônico:** Pertencente ao cânon. **CÂNON:** é o catálogo de livros sagrados. Ao homem que escreve livros sagrados, inspirado por Deus, dá-se o nome de *hagiógrafo*. Canônico é o termo empregado para designar um livro sagrado. Para que um livro seja canônico devem ser observadas as seguintes regras:

- deve ser inspirado;
- deve conter uma revelação formal e verdadeira;
- deve ser aprovado pela Igreja de forma explícita ou solene.

Os livros podem ser *protocanônicos* ou *deuterocanônicos*. Os primeiros são aqueles que entraram no cânon sem qualquer controvérsia e os segundos são aqueles em que houve controvérsia para participarem do cânon (NTP).

literatura apologética<sup>4</sup> cristã pode-se criar uma celeuma bastante séria<sup>5</sup>.

As próprias cartas de Paulo para as comunidades rebeldes de crentes cristãos, como Roma e Laodicea<sup>6</sup>, sugerem que as igrejas em desenvolvimento, surgidas pela expulsão dos Nazarenos heréticos das sinagogas da Palestina, foram intimadas desde cedo a se defenderem dos detratores gregos e judeus, que faziam chacota da nova, e considerada por todos, excêntrica fé messiânica<sup>7</sup>.

---

<sup>4</sup> **Apologética:** Parte da teologia que defende o cristianismo dos ataques dos hereges. Relativo à **apologia:** discurso para justificar ou defender (NTP)

<sup>5</sup> Uma discussão dos argumentos anti-heréticos do cânon do Novo Testamento, com referência especial à influência do Marcionismo, pode ser encontrada em "*Marcion and The New Testament: An Essay on the Early History of the Canon* (London, 1950) John Knox.

<sup>6</sup> **Laodicea:** Laodicea – nome de várias cidades da Ásia Menor, dados em homenagem à mãe do imperador *Seleucus I Nicator* (Laodice) e a filha do imperador *Antiochus I Soter*. A mais famosa pelo concílio cristão ficava na Turquia. (NTP)

<sup>7</sup> **Messiânica:** deriva de messias. **MESSIAS:** Hebraico: ungido. Nos livros sagrados dos judeus designa o redentor, o enviado especial que deveria salvar Israel e o mundo – O mesmo significado de CRISTO: Do grego: *khristos*, latim: *christu*. Significa messias, ungido, rei, pessoa consagrada pela unção. (NTP)

No entender dos estranhos – notadamente judeus e gregos – a pregação dos missionários cristãos, baseada na humilhação e execução de um desconhecido rabino da galiléia, era, ou insanidade ou uma simples tolice.

A real situação dos cristãos na sociedade, sua visível ilegitimidade e o assédio que resultou dessa percepção, formou um quadro marcado pela luta que promoveram em benefício do seu cristo contra o mérito das acusações; sendo que, mesmo assim, se gabavam da continuidade entre seu destino e sua própria rejeição, interpretando a sizígia<sup>8</sup> com uma crescente convicção do julgamento de deus sobre a "*sabedoria*" humana.

---

<sup>8</sup> **Sizígia:** Para os gnósticos significava pares de emanções divinas (masculinas e femininas), que reforçavam o dualismo bem-mal - Conjunção ou oposição de um planeta com o sol, especialmente do sol, lua e terra quando estão em conjunção. Essa conjunção ocorre duas vezes por mês, perto da lua cheia e lua nova. Ação de conhecer; conhecimento, ciência, sabedoria – **GNOSE:** conhecimento esotérico da verdade espiritual, combinando mística, sincretismo religioso e especulação filosófica, que diversas seitas dos primeiros séculos da era cristã, consideradas heréticas pela Igreja, acreditavam ser essencial à salvação da alma - qualquer doutrina que, na história das crenças e religiões, apresenta tais características. (NTP)

(1 Cor. 1.20f) Paulo assegurava aos seus convertidos que essa mensagem parecia tolice somente para aqueles que estavam perecendo. "*Para nós, que estamos salvos, nada mais é que o poder de deus.*" (1 Cor. 1.18).

Não é difícil reconstruir as linhas principais no desenvolvimento das antigas polêmicas anticristãs dos escritos preservados até nós no Novo Testamento.<sup>9</sup> Como esses antigos temas são as bases para polemistas posteriores, como Celsus, Fronto e Porfírio, sua menção aqui pode ser bastante útil.

---

<sup>9</sup> Mt. 3.7-10; Lc. 3. 7-9: a pregação de João, o batista, comum nas fontes, reforça os evangelhos de Mateus e Lucas



## 1.1 - A visão apocalíptica e suas consequências

O cristianismo começou como um movimento apocalíptico de um tipo especificamente não doutrinal. Os antigos crentes em Jesus tinham fé numa mensagem de um julgamento escatológico<sup>10</sup>, uma mensagem esboçada não só nos ensinamentos de uma figura como João, o Batista e a comunidade monástica de *Khirbet Qumran*<sup>11</sup>, mas também influenciada pelo judaísmo helênico<sup>12</sup> do primeiro século.

Como os outros judeus de sua geração, Jesus de Nazaré parece ter acreditado que a história caminhava para a catástrofe, com o advento do "*dia do Senhor*" quando a humanidade seria chamada para prestar contas de seus pecados.

---

<sup>10</sup> **Escatológico**: referente à escatologia: Doutrina que estuda o fim do mundo (NTP)

<sup>11</sup> **Qumram**: Localidade à oeste do mar Morto, próximo de Qalya (Israel). Atualmente *Khirbat Qumram* (NTP)

<sup>12</sup> **helênico**; referente ao HELENISMO: é o conjunto da civilização grega. Sempre representou o espírito pagão de resistência ao cristianismo. No tempo do imperador Juliano, tornou-se uma verdadeira religião. Na época bizantina, o helenismo invadiu a igreja grega. (NTP)

Todavia era possível escapar do iminente julgamento, com a condição das pessoas se arrependem de seus pecados. Daí, a origem da mensagem do pregador itinerante conhecido como João, o batista:

*"Raça de víboras: quem os está advertindo para escapar da retribuição que está preste a chegar? Pois provem seu arrependimento pelos seus frutos; e não comecem a falar entre si "Nós somos filhos de Abraão." Eu posso lhes dizer que deus pode criar filhos de Abraão dessas pedras que aqui estão. O machado já está próximo das raízes dessas árvores, e toda árvore que falhar em produzir um bom fruto será cortada e lançada ao fogo"*<sup>13</sup>

O evangelho<sup>14</sup> de Jesus, não muito diferente em espécie da mensagem propagada por João, o

---

<sup>13</sup> Mt. 4.17; cf. Mc. 13.29-31. A discussão sobre a fraqueza dos fundamentos da visão escatológica de Jesus pode ser encontrada em *The Quest of the Historical Jesus* (London 1910) de Albert Schweitzer, publicada originalmente como *Von Reimarus zu Wrede*, 1906.

<sup>14</sup> **Evangelho:** cada um dos 27 livros do Novo Testamento que contêm tudo o que Jesus fez e ensinou - cada um dos

batista, é centrado nos prazeres e infortúnios dos últimos dias e na urgência exigida na crença que o "filho do homem" descerá para anunciar o julgamento de deus, mesmo antes que Israel se arrependa totalmente:

*Posso dizer-lhes sem medo de errar: Hoje, alguns diante de mim não morrerão antes que tenham visto manifestar-se o poder de deus (Mar 9.1)*

*Se vocês forem perseguidos em algum lugar, transfiram-se para outro; mas não conseguirão entrar nas cidades de Israel antes da chegada do filho do homem (Mat. 10.23)*

---

quatro livros dos apóstolos Mateus, Marcos, Lucas e João, incluídos no Novo Testamento, que narram especialmente. a vida, a doutrina e a ressurreição de Jesus - qualquer sistema filosófico, ensinamento etc. que tenha por objetivo regenerar o ser humano - princípio, doutrina etc. indiscutível por corresponder à verdade, segundo aqueles que a defendem; dogma - qualquer coisa que mereça crédito, confiança por parte de alguém – do grego: boa notícia. Porém é bom notar que Jesus nada escreveu e que os evangelhos não existem na sua forma original. Foram escritos - se realmente o foram, não se tem prova disso - em papiros que duram no máximo 100 anos. Os evangelhos atuais foram escritos por S. Jerônimo, por volta do século IV (NTP)

*Eu lhes digo: esta geração não passará antes que todas essas profecias se cumpram (Mar 13.30)<sup>15</sup>*

As imagens apocalípticas usadas por Jesus e outros pregadores itinerantes para ilustrar a urgência de suas mensagens não eram menos típicas:

*"Naqueles dias, o homem que estiver no telhado com seus pertences dentro de casa, não deve descer para pegá-los, e aquele que estiver no campo, não deve voltar. Lembrem-se da mulher de Lot ! Aquele que procurar salvar sua vida, perdê-la-á, aquele que perdê-la, a salvará e viverá".*

Paulo assegurava aos seus convertidos que o dia do filho do homem virá de repente – *"como um ladrão à noite"* – (I Tess 5.2) – e ainda, sua vinda poderia ser pressentida por cristãos atentos em

---

<sup>15</sup> Uma discussão dos argumentos anti-heréticos do cânon do Novo Testamento, com referência especial à influência do Marcionismo, pode ser encontrada em *"Marcion and The New Testament: An Essay on the Early History of the Canon (London, 1950) John Knox*

observar cuidadosamente os céus e determinados sinais na terra.

Assim, no evangelho atribuído a Marcos, a incerteza que rondará a época do juízo final (Cf. Mc, 13.32) é amenizada pelo conhecimento da profecia que Jesus fez descrevendo uma série de eventos pré-escatológicos: o nascimento de um falso messias; um aumento das guerras; calamidades naturais; perseguição aos cultos pelos seus crentes e distúrbios familiares através da apostasia<sup>16</sup> dos jovens sobre a fé de seus pais (Mc. 13.6-12)

Com exceção dos desastres naturais, a maioria dos sinais descritos por Marcos eram eventos ultrapassados na época que este evangelho foi escrito e, a atribuição de sua autoria a Jesus, indica o alto grau de expectativa que caracteriza a visão cristã da história nas últimas décadas do primeiro século.

O cristianismo, incluindo o fantástico culto a João, o Batista, não era o único em produzir um

---

<sup>16</sup> **apostasia:** renunciar a uma religião – renunciar – abandonar (NTP)

messias; na verdade, seu cristo luta com os cristos de outras seitas apocalípticas para converter fiéis.

As “*guerras e rumores de guerras*” mencionadas pelo evangelista, nada mais são que referências às incursões romanas na Palestina que se iniciaram em 66 e a “*profecia*” de que “*não sobrar  nenhuma pedra sobre pedra (do templo)*” (Mc. 13.2)   um indício que a devastac o foi efetuada antes que Marcos escrevesse seu evangelho (Cf. Lc. 21.20ff)

O inquirito de cristãos pelos conselhos das sinagogas, as evidentes persegui es esporádicas e expulsões do culto das congrega es judias do Diáspora<sup>17</sup> – procedimentos para os quais não havia regra geral ou padrão<sup>18</sup> – foram também muito difundidas antes da destrui o do templo.

---

<sup>17</sup> **Diáspora:** a dispersão dos judeus pelo mundo, depois que Roma arrasou Israel. Em sentido amplo, qualquer dispersão de uma popula o ou grupo de pessoas. (NTP)

<sup>18</sup> O contexto religioso da eucaristia   fornecido por várias religiões secretas e particularmente pelas celebra es ligadas ao culto de Mithras. Ver Richard Reitzenstein, *The Hellenistics Mystery Religions: Their Basics Ideas and Significances* (Pittsburgh, 1978) esp. Pp. 11-89

A lembrança de que Jesus havia previsto tais eventos e os relacionados especificamente ao fim do mundo, sem dúvida, causava um efeito consolador na comunidade perseguida levada agora a encontrar seu próprio caminho religioso entre os cultos secretos que se difundiam em Roma.

Além disso, é certo que os cristãos, localizados na Palestina no final do primeiro século, encararam a destruição do templo como uma manifestação do descontentamento de deus com os judeus e um sinal de sua própria tão esperada salvação, precedida pelo retorno de Jesus em toda a sua glória:

*“Então o filho do homem retornará em sua majestade juntamente com os santos anjos e se sentará no trono da glória.”*  
(Mt. 25.31)

A destruição do templo foi então interpretada como o início do fim dos tempos; outros sinais, que deveriam acontecer nos céus, iriam aparecer (Mc.13.24-26) e imediatamente se sucederiam à descida de um Jesus glorificado, com poderes para julgar os incrédulos, os que não se arrependeram e os perseguidores.

Escritos quando tais expectativas estavam no auge, os evangelhos sinópticos<sup>19</sup> aprovaram raivosamente o castigo dado pelos romanos ao fanatismo judeu, julgando o fim do templo (visualizado alegoricamente<sup>20</sup> ao se relacionar a morte de Jesus na cruz com a ruptura do véu do templo em Mc. 15.38) em termos escatológicos do começo de uma nova aliança com um novo Israel. (At. 4.10-12)

Os dirigentes festejavam nos redutos cristãos, aproveitando-se do enfraquecimento da vigilância das sinagogas, acreditando principalmente que o senhor estava preste a chegar para terminar o que as legiões romanas haviam começado.

Na comemoração da última ceia dos discípulos com seu mestre se mantinha a esperança de que ele iria aparecer para continuar seu governo na comunidade; na verdade, a linguagem por eles usada e os símbolos que colocavam à disposição

---

<sup>19</sup>**Evangelho sinópticos:** Os evangelhos de Mc, Lc e Mt, que apresentam grande semelhança na apresentação dos fatos são conhecidos como evangelhos sinóticos. (NTP)

<sup>20</sup> **Alegoria:** Ficção, apólogo, parábola – ficção em que se personificam os elementos morais. (NTP)



dos fiéis eram direcionados a sugerir a sua presença na eucaristia:

*"Eu sou o pão da vida..., o pão que veio do céu e que, se comido por alguém, esse alguém não morrerá.... Se alguém comer desse pão, viverá eternamente: pois esse pão é verdadeiramente minha carne, o alimento que dou para a vida do mundo"* (Jo. 6.48f) <sup>21</sup>.

Para a comunidade esperançosa, com a atenção voltada aos céus em busca de algum sinal do reaparecimento do seu salvador, a eucaristia cumpria a função de preencher um período intermediário, com a simulação de sua presença e de um cuidado contínuo com seu povo, como também de um sacramento<sup>22</sup> – um meio eficaz – simbolizando sua promessa com a igreja:

*"Toda vez que vocês comerem o pão e beberem do cálice, estarão proclamando a morte do Senhor, antes de sua volta"* (I Cor. 11.26)

---

<sup>21</sup> Martin Werner, *The Formation of Christian Dogma* (London, 1957) p. 25

<sup>22</sup> **Sacramento:** Do latim antigo: juramento – Qualquer sinal sagrado significando a salvação oferecida por Cristo. (NTP)



## 1.2 - Posturas desafiadoras e defensoras

Jesus não voltou, pelo menos, não do modo ou no tempo esperado. Todavia, como se previa, os primeiros oponentes ao culto cristão - provavelmente mesmo antes da expulsão dos cristãos das sinagogas - começaram alertando e depois exortando os crentes sobre o que era o principal dogma<sup>23</sup> da nova religião: que Jesus tinha sido o filho do homem; que não foi aceito por seus adversários, freqüentemente era incompreendido pelos seus mais íntimos correligionários e que a mensagem que ele pregara era, na verdade, uma mensagem sobre ele próprio e sobre sua vinda.

Realmente, nunca é demais lembrar que a identificação de Jesus como o filho do homem

---

<sup>23</sup> **DOGMA:** ponto fundamental de uma doutrina religiosa, apresentado como certo e indiscutível, cuja verdade se espera que as pessoas aceitem sem questionar - declaração de uma doutrina religiosa formulada de modo autoritário e preciso, que se expõe não para ser discutida, mas para crer-se nela. Para ser qualificada como tal, tem de preencher duas condições: ser derivada da revelação e ser promulgada por alguma grande autoridade eclesiástica - originalmente, na Grécia, decisão política de um soberano ou de uma assembléia. (NTP)

escatológico, explicava, apesar de fazê-lo somente em parte, a firmeza da crença na sua ressurreição; pois, se fosse verdade que o filho do homem ainda estivesse por vir, então estaria provado que sua morte não fora definitiva. E mais: sua paixão foi um rito de passagem para conduzi-lo à sua glorificação e triunfo sobre os poderes do pecado e da morte.

Os evangelhos são notoriamente circunspectos<sup>24</sup> em apresentar as palavras de Jesus sobre o filho do homem usando a primeira pessoa nos discursos, mas são unânimes ao apresentar a história de sua vida como a concretização de suas próprias palavras com relação ao destino de sua apocalíptica figura:

*“Ele tomou à parte os doze e começou a contar a eles o que aconteceria com ele, dizendo: “Escutem: estamos a caminho de Jerusalém, onde o filho do homem se entregará aos gentios, depois será condenado a morte; eles o ridicularizarão, o flagelarão, cuspirão nele*

---

<sup>24</sup> **Circunspectos:** prudentes, que mantêm uma atitude reservada em relação a algo (NTP)

*e o matarão. No terceiro dia, ele ressuscitará.” (Mc. 10.32-34) .*

Em qualquer hipótese, é certo que, não importando se os ensinamentos sobre o filho do homem e sua vinda foram feitos pelo próprio Jesus, os primeiros cristãos estavam convencidos que seu mestre seria aquele – tinha sido aquele – designado por deus para terminar com a velha ordem; e, em virtude de sua designação, era errado considerá-lo como mais um simples judeu, vítima da justiça romana.

A modificação da crença cristã em uma segunda vinda é um capítulo a parte na história dos ensinamentos cristãos e não pode ser explorada aqui detalhadamente.

É suficiente analisar as palavras de Paulo sobre a consolidação dos cristãos em Tessalônica<sup>25</sup>, escritas talvez em meados do primeiro século, com o propósito de aplacar os receios de que a morte de alguns crentes desmentia a promessa

---

<sup>25</sup> Segunda maior cidade da Grécia e, na antiguidade, tão importante quanto Constantinopla (ex Bizâncio e hoje Istambul) (NTP)

de Paulo de que todos que cressem nos evangelhos seriam “*transportados para encontrar o senhor nos céus*” (I Tess.4.17). Mais tarde, alguns cristãos parecem ter inventado várias inconsistências lógicas para explicar o atraso no cumprimento das promessas:

- que o evangelho deveria ser pregado e a conversão dos gentios seria conseguida antes do fim (Mc. 13.10);
- que nas proximidades dos últimos dias os poderes de Roma e do imperador, deveriam minguar (certamente tendo em vista o corolário<sup>26</sup> mundano da invisível batalha celestial entre os poderes do bem e do mal) (Rom. 16.20; II Tess 2.2-10);
- que o próprio Jesus manifestou sua ignorância sobre o exato momento do fim do mundo (Mc. 13.32);
- que Jesus tinha se recusado a especular sobre os tais sinais – obviamente uma

---

<sup>26</sup> **corolário:** verdade que decorre de outra, que é sua consequência necessária ou continuação natural - Consequência de uma verdade já demonstrada - coroa de folhas de ouro ou de outro metal que, na Roma antiga, era oferecida aos grandes atores, como reconhecimento e celebração de seu talento artístico. (NTP)

versão mais recente na redação das tradições evangélicas e uma das que destroem os antigos discursos escatológicos (Mc. 8.11-12);

- que a própria crucificação marcou a transição entre a velha e nova era (cf. Lc. 12.49-56; 17.22-37; Mt. 12.38-42).

Racionalmente falando, devemos considerar toda essa argumentação como parte de uma postura defensiva de uma comunidade sendo desafiada a fornecer provas de sua crença. Tais desafios não são difíceis de serem restaurados, e representam os mais antigos tópicos nos discursos polêmicos anti-cristãos – a maioria dos quais foram levantados em meras discussões entre cristãos e judeus, em sinagogas ou no mercado, e talvez, mais tarde e mais formalmente, em tribunais de sinagogas, como podemos constatar no episódio, narrado de forma romântica, do julgamento de Estevão (Atos 8).

Nas primeiras décadas do século II, parece que a polêmica tomou uma forma literária, como podemos constatar pela literatura apologética escrita especialmente para refutar os antigos

acusadores da igreja. No caso da epístola<sup>27</sup> atribuída a Tiago (5.8) - um personagem especialmente reverenciado entre os judeus cristãos como sendo o irmão biológico de Jesus - a perseguição de cristãos causou uma debandada da igreja, ou mais precisamente, da visão escatológica que tinha se apoderado dos primeiros cristãos.

Na época em que a Segunda Carta atribuída a Pedro foi escrita (comprovadamente depois do ano 110) a apostasia se tornou aparentemente epidêmica e parece que foi incrementada por uma multidão de críticos - provavelmente escritores judeus e pagãos - que apontavam o não acontecimento do juízo final como prova de que o cristianismo era um embuste.

O autor (autodefinindo-se como um ancião chamado Pedro, "*preste a abandonar o seu tabernáculo*"<sup>28</sup> *terrend'*) incentiva a igreja a

---

<sup>27</sup> **Epístola:** carta (NTP)

<sup>28</sup> **Tabernáculo:** do latim "tenda pequena" - o corpo humano como morada temporária da alma - local de habitação; residência - qualquer lugar considerado sagrado - local da tenda onde ficava a arca da Aliança, quando os israelitas moravam no deserto - morada eterna; céu (NTP)



lembrar-se de seu antigo ideal. O método, de ponta a ponta, é defensivo:

*“Portanto, quando revelamos a vocês o poder e a vinda de nosso senhor Jesus Cristo, não demos atenção a tais fábulas maliciosamente inventadas, pois, na verdade, fomos testemunhas oculares de sua majestade.”* (II Pedro 1.16)

Usando sua posição “apostólica” como arma contra os adversários, o autor reclama daqueles que interpretam as escrituras de forma pessoal, de maneira incompatível com a crença cristã.

Tais pessoas, não só estão erradas como são comprovados adúlteros, libertinos, caluniadores, asnos falantes que se julgavam profetas (2.12ff). Pior, fica claro que eles (ou alguns deles) são crentes cristãos (2.21) que se desviaram da verdadeira fé pela influência dos cétricos.

O que os cétricos ensinavam é descrito com algum detalhe pelo autor da epístola:

*“Onde está, agora, a promessa de que ele voltaria novamente? Mal os primeiros crentes adormeceram, e tudo voltou*

*exatamente ao que era no começo da criação; nada mudou” (II Pedro 3.4).*

Essa refutação do autor padronizou o tom para a literatura apologética cristã que seria usada nas próximas décadas: o ataque, assegura ele, é obra daqueles que adoram ridicularizar e seguir seus próprios conceitos. Sua ignorância é pior porque é deliberadamente projetada para subverter a palavra de deus nas profecias e escrituras (3.16f), as quais eles “*distorcem a seu bel prazer*”.

### 1.3 - Ataques à moralidade cristã

O ataque às profecias cristãs e às esperanças escatológicas da comunidade era pré-especulativo, ou seja, era dirigido contra a base mais primitiva da crença cristã e não era, como tal, um ataque à doutrina ou às proposições teológicas<sup>29</sup>. Nem foi esse o primeiro objetivo de tais ataques feitos pelos críticos anticristãos, mas sim ao tedioso hiato, entre a espera e a realização da profecia, provocado pelo gradual desvanecimento e eventual abandono da antiga forma de crença na parúsia<sup>30</sup>.

Como observou Martin Werner:

*“Toda a primeira geração de crentes morreu sem ter conseguido ver cumprida a promessa de Paulo (do juízo final) provando assim que eles não compunham a comunidade dos santos dos últimos dias. Isso significava que a era apostólica não se configurava, em termos da expectativa dos cristãos primitivos, como o princípio dos últimos*

---

<sup>29</sup> **Teologia:** Estudo da religião e das coisas divinas (NTP)

<sup>30</sup> **Parúsia:** A segunda vinda de Cristo (NTP)

*tempos. Assim, com a queda desta pressuposição do significado definitivo da era apostólica, criou-se o significado escatológico da morte de Jesus. Essa mudança de rumo, foi comprovadamente responsável pela virada que levou a crise ao cristianismo, a qual, começando no período pós apostólico, provocou um processo de helenização no catolicismo primitivo."*

Dessa forma, enquanto não se pode afirmar que os arrebatamentos retóricos das críticas dos pagãos e judeus foram os responsáveis pela queda do entusiasmo, a perda das primeiras gerações de cristãos invalidaram qualquer tentativa de explicar a fase apocalíptica da crença cristã para aqueles já com tendências a encarar com desconfiança a nova religião.

Além disso, o próprio entusiasmo, proveniente da visão cristã da história como um relógio prestes a parar, era um problema persistente e preocupante para a antiga igreja. Para remediar a forma mais ativa desse entusiasmo, em Corinto<sup>31</sup>,

---

<sup>31</sup> **Corinto:** Cidade da Grécia, rival de Atenas e Esparta (NTP)

nos meados do século, Paulo escreveu, trabalhando contra as chances de desenraizar “*tal imoralidade que não é encontrada nem mesmo entre os pagãos*” (I Cor. 5.1)

Todavia, seus corolários – partidarismo, gula, competição por purificação e demonstração de dons espirituais (carisma<sup>32</sup>) sob forma de profecias e discursos empolgados (I Cor. 11-15) – não podem ter ficado limitados a Corinto.

A epístola, atribuída no Novo Testamento a Judas e escrita nos últimos dias do primeiro século, indicava o alastramento do problema bem depois dos valentes esforços de Paulo em conter a libertinagem e a licença sexual em determinadas congregações.

---

<sup>32</sup> **Carisma:** dom extraordinário e divino concedido a um crente ou grupo de crentes - autoridade, fascinação irresistível exercida sobre um grupo de pessoas, supostamente proveniente de poderes sobrenaturais - conjunto de habilidades e/ou poder de encantar, de seduzir, que faz com que um indivíduo (p.ex., um cantor, um ator) desperte de imediato a aprovação e a simpatia das massas - fascínio, fascinação (NTP)

O autor da epístola de "Judas" escreve para amaldiçoar aqueles que "*andam pelos caminhos de Caim e se entregam ao erro de Balaam e perecem na rebelião de Korah.*" (Jd. 11).

Essas referências indicam claramente um desvirtuamento interno e, talvez, uma crescente libertinagem dentro das igrejas: Para os autores do século I, Caim personificava a traição, luxúria, avareza e auto complacência.<sup>33</sup> O erro de Balaam (Num 22-24) era a cobiça e a corrupção da juventude; a referência à rebelião de Korah (Num 16 1-34; Josephus, *Antiquities* 4.2) versa sobre os inimigos de Moisés, que se acreditava terem sido lançados vivos ao *Sheol* (inferno).

A última das referências pode indicar que a fonte dos problemas estava num grupo de agitadores que lutava por conseguir prazer, aqui e agora, como parte integrante dos festins de amor:

*"Eles se encontram presos aos assuntos carnis e por isso são corruptos"* (Jd. 10)

---

<sup>33</sup> Cf. *Wisdom of Salomon* 10.3; *Jubilees* 4.1-5; *Apocalypse of Moses*, 3.2; *Testaments of the Twelve Patriarchs*.

Pensando de forma escatológica, parece que isto nasceu de uma forma ascética<sup>34</sup> de devoção, bem representada nas cartas de Paulo (Ro. 6. 12-15; I Cor. 6.10-19) originando-se da convicção de que, como a ordem atual é corrupta, alguém devia desafiar o mundo através de auto-mortificação, desprezo pela carne e pelo ardor antinomiano<sup>35</sup>, do qual uma faceta era a complacência sexual.

Essas contestações ao juízo final, por sua vez, correspondem a um panorama teológico rival na antiga igreja: a ênfase antinomiana, incentivada especialmente por alguns dos convertidos de Paulo, tomou, por exemplo, uma posição contra lei de Paulo (e sem dúvida a de outros missionários).

---

<sup>34</sup> **Ascético:** que ou aquele que se dedica à vida de asceta, que exerce o ascetismo - que ou aquele que se volta para a vida espiritual, mística; místico, contemplativo - que ou aquele que é sisudo, austero, incorruptível - Doutrina religiosa consistindo na prática de mortificações corporais para o aperfeiçoamento moral. Filosofia fundamentada no menosprezo do corpo a fim de prover a vitória do espírito sobre os instintos e paixões. (NTP)

<sup>35</sup> **antinomiano:** Seguidores da seita que sustenta ser a fé apenas, sem necessidade de obras, a única condição para a salvação(NTP)

Esses cristãos alegavam que, sem a coação da lei judaica, tudo era possível; e, como os cristãos são salvos mais pela graça e fé do que por suas obras, tudo era permitido. Devido ao teor de sua pregação às igrejas, Paulo, na verdade, não podia competir com tal lógica.

Entretanto, as conseqüências práticas nas congregações iniciais de gentios, desde cedo, se delinearam claramente para ele. Assim o encontramos aconselhando a comunidade cristã em Roma – que ele conhecia somente através de relatos – de que a lei era sagrada, justa e boa (Ro. 7.12) apesar de que não se devesse confundi-la com os procedimentos que conduzem à salvação.

Das exortações de Paulo, podemos concluir que ele pretendia acabar com as ilusões dos cristãos romanos sobre o significado do evangelho:

*"Não somos assim tão miseráveis, acredito, para que vivamos pela carne; pois se assim o fizermos, morreremos; mas, se vivermos para o espírito e recusarmos as paixões da carne, viveremos."*(Ro. 8.12-13)



A contestação ascética, apresentada pelo próprio Paulo e compartilhada por judeus sectários em Qumran e pelo menos, por alguns cristãos gnósticos<sup>36</sup>, originou-se da visão apocalíptica de que o mundo material está repleto de obstáculos para a salvação.

Os desejos carnis e a procriação da raça humana conseqüente de tais desejos eram contrários às finalidades imaginadas por deus que queria "criar uma nova terra e um novo céu", tendo declarado que a antiga ordem e a influência da antiga era haviam chegado ao fim. (Isa. 65.17f)

Apesar de patriarcas da igreja como Irineu e Tertuliano terem investido contra o asceticismo de tais grupos - como os Encratitas, Marcionitas<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> **Gnosticismo:** Sistema de filosofia religioso, cujos partidários diziam ter conhecimento completo e transcendental da natureza e dos atributos de deus. Segundo eles, o mundo em que vivemos foi emanado por um deus inefável, do qual nada se pode afirmar. O mundo foi habitado primeiramente por espíritos puros e depois veio a matéria, o princípio do mal. Daí, sua condenação absoluta da vida material. (NTP)

<sup>37</sup> **Encratitas e marcionitas:** Encratitas são membros da seita ascética fundadas por um retórico sírio chamado Tatian,

e outras seitas gnósticas assemelhadas - não conseguiram sucesso para virar o vento a seu favor, ou seja, acabar com a libertinagem que estava comumente associada aos cultos de salvação existentes no império.

Como se pode notar, o salvacionismo instalou-se na igreja cristã de Corinto nos meados do século I; no final desse século, o autor de uma carta atribuída a Tiago apresenta uma já arcaica solução – a realização de obras (2.14) – como

---

no século II. A seita condenava relações sexuais, o casamento, o consumo de carne e de bebidas fortes, substituindo o vinho da eucaristia por leite ou água. Rejeitava também muitos ensinamentos de Paulo, os Atos dos Apóstolos e a salvação de Adão. Marcion: ou Marcião - nascido em Sinop (Turquia), no começo do século II e fundador da seita dos MARCIONITAS. Os marcionitas acreditavam em três princípios: o deus bom, o **demiurgo** e a matéria essencialmente dominada pelo demônio. O universo e o homem apresentavam um misto de bem e mal e eram resultantes da luta entre o demiurgo e a matéria. **DEMIURGO**: Criatura intermediária entre a natureza divina (o deus supremo criador de tudo) e a humana - Na filosofia platônica, o deus criador do universo, o organizador da matéria. Deriva do termo grego *demiourgoi* que significa “trabalhadores da cidade”. Este era um termo geral empregado pelos gregos para designar artistas, comerciantes e médicos. Em alguns estados se davam o nome de *demiurgi* aos funcionários públicos (NTP)

um sucedâneo para a doutrina da salvação-pela-fé defendida por Paulo em suas desesperadas tentativas de trazer as igrejas sob controle moral.

Porém, nas primeiras décadas do século II, a aliança entre o cristianismo e as religiões ocultas era fato consumado; na verdade, a descrição da primeira eucaristia no evangelho de Marcos mostra claramente a modificação cerimonial do que parece ter se originado como uma celebração da Páscoa por Jesus e seus seguidores, e o evangelho de João (6.51-58) faz a associação explícita da eucaristia com os mistérios<sup>38</sup>: aqui, Jesus transforma-se no pão

---

<sup>38</sup> **mistérios**: Crença religiosa na qual se afirma que alguém somente pode obter o conhecimento por revelação e jamais pode conseguir alcançar o total entendimento. Mistério eucarístico: um ritual secreto religioso para transmitir felicidade duradoura aos iniciados. As religiões, ou sociedades de mistérios são cultos secretos greco-romanos que proporcionavam aos seus adeptos um tipo de experiência que não era encontrada nas religiões oficiais. Os iniciados eram chamados de *mystes* e os mentores, de *mystagogos* (líderes dos *mystes*). Os diretores espirituais dos cultos eram os *hierophantes* (reveladores das coisas sagradas) e os *dadouchos* (portadores da tocha). (NTP)

sagrado da vida e garante a imortalidade e ressurreição para os neófitos<sup>39</sup>.

Inácio da Antioquia não hesitou em declarar que a eucaristia era "*pharmakon tes zoes*", o remédio para a imortalidade<sup>40</sup>; "*não é como pão nem bebida comuns que os recebemos*" insiste Justino, "*(mas como) alimento que é abençoado pela oração deste mundo e pelo qual, nosso corpo e sangue, através de transmutação, são nutridos.*"<sup>41</sup>

Como podemos verificar nos relatos de Plínio, o Jovem, ao imperador Trajano,<sup>42</sup> escritos por volta de 111, os rumores dos excessos cristãos tinham se difundido por toda Ásia Menor e estavam, sem

---

<sup>39</sup> **Neófito:** pagão recém-convertido ao cristianismo; cristão-novo - pessoa que vai receber o batismo ou recentemente batizada -L aquele que passa um certo tempo no convento, preparando-se para professar; noviço - iniciante, aprendiz de qualquer ofício; novato, principiante - aquele que está em um local pela primeira vez - pessoa recém-admitida em uma empresa (NTP)

<sup>40</sup> Ignatius of Antioch, *Epistle to the Ephesians*, 20.2; *Epistle to the Romans*, 7.3

<sup>41</sup> Justin Martyr, *First Apology*, 66

<sup>42</sup> *Epistles*, 10.96; *Trajan's Reply, Epistles*, 10.97 (em R. A. B. Mynors, ed. Oxford Classical texts, 1963)

dúvida, na mente popular, ligados aos rituais noturnos de Bacchae<sup>43</sup> nas florestas.

Nesses rituais, descritos por Lívio durante o reinado de Augusto (27 AC – 14 DC), eram incluídas bebedeiras, orgias com mulheres, relações promíscuas e outras festividades assemelhadas.

Plínio tinha conhecimento de muitas outras práticas clandestinas dos cristãos – inclusive rumores de que eles, de vez em quando, sacrificavam e comiam seus jovens e entregavam-se a incestos rituais em orgias sexuais.

O próprio Plínio parece que acreditava na negação dos cristãos sobre tais acusações (*“Eles afirmam... que se encontram para partilhar a refeição, com alimentos inocentes e comuns”*) ao mesmo tempo em que demonstrava uma grande ignorância sobre suas crenças.

---

<sup>43</sup> **Bacanais:** festivais, que sempre descambavam para orgias, em honra ao deus do vinho Baco. (NTP)

Outros observadores aproximadamente do mesmo período, não eram assim tão indiferentes. O retórico latino Marcus Cornelius Fronto (100-166?) descreve os festins dos cristãos (talvez os Carpocracianos<sup>44</sup> mencionados por Clemente de Alexandria)<sup>45</sup> como abominações e afrontas ao senso de decência romano:

*"Um recém nascido é coberto com farinha, sendo o objeto que vai enganar o incauto. Então, ele é colocado diante da pessoa que vai ser admitida nos rituais. Manda-se que sopra sobre ele, que parece estar bem sob a camada de farinha. Então, o bebê é assassinado com instrumentos que estavam escondidos. É o sangue deste inocente – sinto um calafrio em mencionar isso – é esse*

---

<sup>44</sup> **Carpocracianos:** membros de uma seita gnóstica do século II, fundada por Carpocrates, um cristão gnóstico. Pregavam que a matéria é o mal e o espírito, o bem. Acreditavam que Jesus não passou de mais um simples gnóstico e a salvação somente era conseguida através de gnose e conhecimentos esotéricos. Diziam que podiam entrar em contato com os demônios e dominá-los. Foram os primeiros a utilizarem imagens de Jesus, Platão, Pitágoras e outros filósofos. (NTP)

<sup>45</sup> Clement of Alexandria, *Miscellanies*, 3.2.10

*sangue que eles sorvem com bocas sedentas e os seus membros que disputam avidamente; esta é a vítima com a qual eles selam o pacto”.*<sup>46</sup>

Fronto também nos fornece uma descrição bem detalhada de supostas paixões incestuosas das congregações cristãs:

*"Em um dia especial eles fazem uma festa com todas as suas crianças, irmãs, mães – gente de todos os sexos e idades. Aí, excitados com o banquete, depois de muita comida e bebida, começam a liberar paixões incestuosas. Eles obrigam um cão amarrado no candelabro a perseguir um pedaço de carne que mantêm fora do alcance de sua corrente. Desse modo, a luz é derrubada e se apaga, e então como numa ação previamente combinada, na vergonhosa escuridão e com um desejo inexplicável, copulam aleatoriamente, todos sendo*

---

<sup>46</sup> Fronto, extraído por Minucius Felix em Octavius, 9.5-6, em *Ancient Christian Writers* 39, ed. G. W. Clarke (New York, 1974)

*culpados de incesto, alguns por atos, mas todos por cumplicidade”<sup>47</sup>.*

Justino, o Mártir, Tertuliano e Epifânio, só para mencionar três antigos autores cristãos, tinham conhecimento de grupos cristãos de várias procedências que se dedicavam a semelhantes ritos bizarros. Epifânio informa sobre uma obscura seita, que ele chamou de Phibionites<sup>48</sup>, que

*"se unem uns com outros (irmãs e irmãos) na paixão da fornicação... A mulher e o homem aparam nas mãos o líquido seminal do homem, e de pé, voltam-se para o céu, com as mãos lambuzadas pela sujeira, orando: "Te oferecemos este presente, o corpo de Cristo", e então, mostrando sua depravação, engolem o líquido dizendo: "Este é o corpo de Cristo e a*

---

<sup>47</sup> Octavius, 9.5-6

<sup>48</sup> **Phibionites:** Seita gnóstica de Alexandria, descrita por Epifânio Os membros se reuniam em banquetes enormes, que ao seu final descambava para uma violenta orgia, com troca de casais e os fatos narrados aqui. (NTP)



*Páscoa que motiva o sofrimento de nossos corpos e nos faz proclamar a paixão de Cristo." Da mesma forma, também com as mulheres em período menstrual, de forma nojenta, elas coletavam o sangue da menstruação e em conjunto o engoliam dizendo: "Este é o sangue de Cristo."<sup>49</sup>*

As antigas acusações contra as sociedades cristãs eram então dirigidas contra as congregações antinomianas e libertinas que se formaram a partir da diáspora da nova religião.

Devem ter existido, lado a lado com as mais extremas formas de salvacionismo e fanatismo, com tendências para apaziguamento e mediação; e os antigos autores preocupavam-se em atacar as seitas libertinas insistindo que tinham deturpado o nome "cristão": "*Queremos que aqueles acusados por vocês sejam julgados de forma que, quem seja culpado, seja punido como malfeitor e não como um cristão*".<sup>50</sup>

---

<sup>49</sup> Epiphanius of Salamis, *Panarion*, 26.4-5

<sup>50</sup> Justin, *1 Apology*, 7

Esse processo de diferenciação, com seus corolários teológicos e doutrinários, é de importância inestimável em avaliar o crescimento da "ortodoxia"<sup>51</sup> ou "crença verdadeira" cristã, pois faz parte do esforço em corrigir uma impressão dada pelos movimentos extremistas de que uma articulação de sistemas de crença contrários estaria impondo-se.

Assim também atacavam os adversários: para os que creem de forma errada – ou seja, os hereges<sup>52</sup> – deve-se esperar que ajam de forma errada.<sup>53</sup>

É impossível avaliar a extensão dos abusos atribuídos às seitas cristãs, mas é certo que na época de Tertuliano (145-220) as suspeitas sobre

---

<sup>51</sup> **ortodoxia** - conjunto dos padrões, normas ou dogmas estabelecidos, tradicionais - leis que a Igreja considera verdadeiras - que não tolera o novo e o diferente – **ortodoxo**: indivíduo que segue rigorosamente qualquer doutrina estabelecida - cristão que segue a fé oriental de rito bizantino (NTP)

<sup>52</sup> **hereses**: os que praticam HERESIA: Doutrina condenada pela igreja católica. Os teólogos a definem como um erro voluntário e persistente que se opõe a um dogma da igreja católica (NTP)

<sup>53</sup> Tertullian of Carthage, *A Prescription against Heretics*, 43

a nova religião estavam difundidas e eram assuntos preferidos das publicações adversárias. *"Ainda não se passaram nem duzentos e cinquenta anos desde que nossas vidas começaram,"* escreveu Tertuliano em *Ad Nations*, *"e já os rumores que circulam contra nós, apoiados na crueldade da mente humana, estão tendo um sucesso considerável...Se o Tiber inundasse suas margens ou o Nilo ficasse em seu leito, se o céu ficasse imobilizado ou a terra arrasada, se a peste matasse ou se sobreviesse a fome, sempre diriam "Isso é obra dos cristãos!"*<sup>54</sup>

Entre as acusações que se fizeram aos cristãos, Tertuliano em sua *Apology* menciona assassinato, canibalismo, traição, sacrilégio<sup>55</sup> (ateísmo<sup>56</sup>) e

---

<sup>54</sup> Tertullian, *To The Nations*, 7-8; *Apology* 11

<sup>55</sup> **sacrilégio**: pecado grave contra a religião ou contra as coisas sagradas - profanação de lugares, objetos e pessoas que apresentam caráter sagrado - atentado contra o que é especialmente digno de respeito ou de admiração; ação digna de reprovação (NTP)

<sup>56</sup> **ateísmo**: doutrina ou atitude de espírito que nega categoricamente a existência de Deus, asseverando a inconsistência de qualquer saber ou sentimento, direta ou indiretamente religioso, seja aquele calcado na fé ou revelação, seja o que se propõe alcançar a divindade em uma perspectiva racional ou argumentativa - doutrina originada no *enciclopedismo* setecentista, especialmente em Holbach

incesto – crimes já referidos na apologia de Justino e talvez também pelo autor de I Pedro 2.12 (*katalalousin hymon hos kakopopion*: " [as nações] ... bradam contra suas maldades").

Um "crime" considerado mais geral é a tribalidade das comunidades cristãs e seu desprezo por clubes, associações religiosas e o divertimento dos cidadãos comuns. A isso, Tertuliano refuta detalhadamente:

*"Somos um corpo unido por uma profissão religiosa comum, por uma disciplina única e pelo envolvimento com uma esperança comum. Nossos encontros são como uma assembléia ou congregação, onde fazemos preces a*

---

(1723-1789), que recusa a existência de Deus, com base em uma concepção materialista e cientificista da realidade [A doutrina contemporânea mais divulgada de ateísmo materialista é o marxismo.] - pensamento fundamentado em um pessimismo radical que conclui pela descrença em Deus, cuja existência se mostra incompatível com o sofrimento humano (Schopenhauer), ou um instrumento de fuga diante da tragicidade (Nietzsche) e do absurdo (Sartre) da existência - denominação atribuída às concepções heterodoxas ou dubitativas a respeito da existência da divindade, tais como o *panteísmo*, o *ceticismo*, o *deísmo* enciclopedista etc. (NTP)

*deus, para que, com a força de nossa união, possamos atingi-lo com nossas súplicas. Esse tipo de violência deus aprova. Também oramos pelos Imperadores – por seus ministros e por todas as autoridades, pelo bem estar do mundo, para o prevalecimento da paz e para que o juízo final demore muito a chegar. Nos reunimos para ler nossos escritos sagrados, quando, devido alguma particularidade dos tempos, sejam necessários tanto uma advertência quanto uma recordação... No mesmo lugar também são feitas exortações, administradas penitências e censuras sagradas... Apesar de termos nossa tesouraria, ela não se destina a compras comuns... Nossos fundos são de quase sempre depósitos de caridade. Pois não são retirados e gastos em festas, bebedeiras ou comilanças, mas sim para manter e enterrar os pobres, para prover sustento de crianças órfãs e de idosos confinados em suas casas”.*<sup>57</sup>

---

<sup>57</sup> Tertullian, *Apology*, 39

Tertuliano continua a descrever o significado das festas cristãs de amor, onde:

*"presta-se um respeito especial aos inferiores ... e como esse é um ato de serviço religioso, não se configura como vilania ou falta de humildade. Os participantes, reclinados, alimentam-se antes de orar a deus. Quanto mais se come para satisfazer a ânsia do faminto, mais se bebe para adequar o casto... Eles falam como se o senhor os ouvisse e depois de lavar suas mãos e acender velas, pede-se a cada um que cante de pé, quase sempre, um hino a deus – tirado das escrituras ou composto por eles mesmos (uma prova que não estão embriagados!). Como a festa começou com uma prece, igualmente é encerrada com outra. Saímos da reunião não como uma horda de malfeitores, nem como um bando de vagabundos, nem para mergulhar em atos licenciosos, mas para cuidar melhor da nossa humildade e de nossa castidade; mais como se*

*estivéssemos saindo de um seminário de virtude do que de um banquete*".<sup>58</sup>

A descrição de Tertuliano do ágape<sup>59</sup> não exclui a possibilidade de abusos e, realmente, suas analogias – as festas de Apaturia, as Bacanais, os ritos ocultos dos Atticos e o culto de Serapis<sup>60</sup> –

---

<sup>58</sup> Tertullian, *Apology*, 39

<sup>59</sup> **ágape** – do latim “amor, caridade” - festa dos primitivos cristãos que consistia de uma refeição comum com a qual era celebrado o rito eucarístico que, além de propiciar a mistura de pobres e ricos, seu ritual incentivava o beijo da paz; com o tempo, entretanto acabou degenerando para orgias e foi proibida pela cristandade - banquete ou almoço de confraternização por motivos diversos (sociais, políticos etc.) - qualquer refeição entre amigos - uma das antigas designações da eucaristia - esmola entre os primitivos cristãos(NTP)

<sup>60</sup> **Apaturia** era um festival anual grego, comemorado em novembro, que durava 3 dias. Visava principalmente fortalecer os laços de amizade. No terceiro dia, as crianças que tinham nascido desde o último festival, recebiam seus pais e padrinhos, que após um juramento de cuidar da criança, tinham seus nomes registrados. As **Bacanais** eram um dos festivais em honra a Dionísus (Baco) deus do vinho. Da Grécia foram introduzidas em Roma, onde inicialmente somente eram admitidas mulheres. Com o passar do tempo, foi permitida a participação de homens e o festival se transformou em orgia desenfreada, inclusive com práticas de sacrifício humano e canibalismo. No auge de popularidade, as Bacanais eram comemoradas em até 5 vezes por mês. Em 186, o senado romano proibiu as Bacanais em toda a

sugerem que as festas cristãs freqüentemente eram tomadas por ondas de devassidão.

Na visão de Tertuliano isso devia ser tolerado, porque os banquetes, apesar de seu custo, beneficiavam os carentes e porque os cristãos eram incentivados (como os Megarianos<sup>61</sup>) "a

---

Itália, porém, elas continuaram a existir na parte sul do país. **Atticos** eram os habitantes de Atica, região da Grécia. **Serápis** era um deus, criado pelos egípcios e depois adotado pelos gregos, que era representado pelo touro sagrado Ápis. Mais tarde foi adorado também pelos romanos como deus sol (Zeus-Serápis) e considerado pelos gnósticos como símbolo da divindade. Na Grécia, **Zeus**, o filho mais novo de Cronus e Rhea, era o supremo deus do monte Olimpo e do panteão de deuses que nele habitavam. Era o maior guia espiritual tanto dos outros deuses como também dos homens. Zeus, apesar de casado oficialmente com Hera, era um conquistador insaciável e produziu uma série de filhos deuses, quando se relacionava com deusas e filhos humanos quando se relacionava com pessoas. A sua maior capacidade era a partenogênese (gerar filhos sem fertilizar a mulher) e fez isso com muitas deusas e humanas. Para conquistar as deusas usava seu charme e poder. Já com humanas, usava disfarces. Aqui aparecia como um cisne, ali como uma chuva de ouro, ou como um touro, ou na forma de águia. (NTP)

<sup>61</sup> **Megarianos**: escola filosófica grega, fundada por Euclides da cidade de Megara, em 400 ac, tendo como finalidade, cultivar o bem e estudar outras linhas do pensamento filosófico. (NTP)



*festejar como se soubessem que iam morrer amanhã'.*

Em todo caso, fica óbvio, pela forma de seus argumentos, que os não cristãos adoravam apontar inconsistências nas atitudes públicas dos cristãos diante das "licenciosidades" pagãs e de sua complacência interna com o vinho e canções.

É provável que os antigos críticos pagãos do cristianismo estivessem mais incomodados pela aparente incoerência da posição cristã diante da sociedade e diante das religiões reconhecidas pelo estado.

Na época de Justino e, sem dúvida alguma, após ela, era comum a insistência dos cristãos no seu direito exclusivo de salvação, na sua indestrutibilidade (*"Quanto mais vocês nos despedaçam, mais crescemos"*<sup>62</sup>) na sua antiguidade, na superioridade de sua ética e na forma única de sua religião.

Para um intelectual pagão do século II, como Celsus, essas eram posições intoleráveis e

---

<sup>62</sup> Tertullian, *Apology*, 50

irracionais, sendo realmente refutadas por tudo que se conhecia sobre a civilização romana e as suas antecedentes e por tudo que se queria acreditar sobre a moralidade romana, justiça e religião.

Se alguém tentasse estimar o aumento de vícios nos ataques à moralidade cristã entre as épocas de Justino e de Tertuliano, se poderia dizer que sua fonte estaria localizada numa percepção generalizada entre os intelectuais romanos de que os cristãos, desprezando os rituais e convenções da civilização imperial, não possuíam bases ou padrões com os quais pudessem aferir a moralidade de suas ações.

Essa percepção estava tão difundida, que cristãos declarados, freqüentemente eram convencidos por seus acusadores a comer lingüiças enchidas com vísceras cruas de animais como prova de suas preferências por sangue humano.<sup>63</sup>

Aos poucos, os cristãos, pessoas que se consideravam não dispostas a "*prestar homenagens vãs e tolas ao imperador – homens*

---

<sup>63</sup> Tertullian, *Apology*, 9

*que acreditavam na religião verdadeira e preferiam celebrar suas festividades com pureza de alma ao invés de devassidão generalizada* – foram sendo encarados pelos seus observadores como inimigos públicos<sup>64</sup>, uma raça inferior que praticava infanticídio<sup>65</sup> e o *onocetismo*, adoração de jumentos<sup>66</sup>.

O consenso previsível dos apologistas, em continuação de sua igualmente previsível avaliação de tolas práticas pagãs, insistia que os cristãos eram intrinsecamente bons, puros e confiáveis – *"Nós não somos criminosos... recebemos do próprio deus a prática da bondade, temos, igualmente, o perfeito conhecimento dela como nos foi revelada pelo mestre perfeito, e cheios de fé realizamos a sua vontade, agradando a um juiz que não ousamos desafiar. Suas noções (dos pagãos) de virtude foram conquistadas por simples autoridade humana e também sobre a autoridade humana seus deveres se baseiam: assim, seu sistema de moralidade prática é deficiente."*<sup>67</sup>

---

<sup>64</sup> Tertullian, *Apology*, 35

<sup>65</sup> Tertullian, *To The Nations*, 15

<sup>66</sup> Tertullian, *To The Nations*, 14

<sup>67</sup> Tertullian, *Apology*, 45

Combinada com seu desprezo provocativo pela filosofia moral do império estava uma certa atitude elegíaca<sup>68</sup> diante da religião imperial. Os apologistas calculam que o cristianismo não só começou a desacreditar os deuses, mas provou que eram falsos e os reduziu a um nível de uma superstição piedosa. *“Não procurem pelas pias profanas, o tripé de Cirra ou o caldeirão de bronze de Dodona<sup>69</sup>... A profecia de Castalia morreu silenciosamente, assim como a de Colophon..... Tome-se qualquer outra profecia, ou mesmo a loucura dos oráculos não confiáveis,*

---

<sup>68</sup> **Elegíaco:** referente a ou próprio de elegia - que expressa tristeza (geralmente por algo já passado); lamentoso - que chora muito. (NTP)

<sup>69</sup> **Oráculos:** Geralmente eram templos onde se faziam consultas para prever o futuro. O mais famoso oráculo da antiguidade era o de Apolo de **Delphi**, perto do monte Parnaso. As consultas eram respondidas por uma mulher, com mais de 50 anos, chamada de Pythia. Antes de consultar o oráculo, a Pythia devia banhar-se na fonte de Castalia. **Dodona** era o mais antigo oráculo existente, onde as consultas eram feitas ao próprio Zeus. Os sacerdotes de Dodona, faziam profecias, baseados nas folhas de um carvalho sagrado, nas águas de uma fonte sagrada e pelo som de um gongo. **Amphiarus** era outro oráculo na cidade de Oropus, na antiga região grega de Attica. Colophon era uma colônia grega perto de Éfeso, na Turquia. Amphiloccia era uma região da Turquia. (NTP)

*como o de Amphiaraus e Amphilocus e as coloquem junto com... a dos intérpretes de sonhos como Pythia de Apollo e com aqueles possuídos de espíritos.*"<sup>70</sup>

Em seu *Exhortation to the Greeks* (1.1) Clemente alega que os pagãos deram crédito a lendas sem valor: "*Orfeu*<sup>71</sup> e os *Tebanos* e os *metimínicos*"<sup>72</sup> também não são dignos de serem chamados de homens, já que eram enganadores e acobertados

---

<sup>70</sup> Clement of Alexandria, *Exhortation to the Greeks*, 2 na edição de G.W. Butterworth, London

<sup>71</sup> **Deuses:** **Orfeu** era considerado deus da música e das artes. Quando tocava suas composições, as árvores, os animais e até as pedras, dançavam. Casou-se com Eurídice, que em pouco tempo morreu de uma picada de cobra. Orfeu desce ao mundo inferior e com sua música maravilhosa convence o deus desse mundo, **Hades**, a lhe devolver Eurídice. Este consente, com uma condição: no caminho de volta, eles não podiam olhar para trás. Na saída do subterrâneo, quando Orfeu consegue ver novamente a luz do dia, ele se volta para chamar Eurídice, que desaparece instantaneamente. Orfeu foi cultuado como deus imortal e, por volta de 500 ac, foi criada uma religião de mistérios baseada nos seus ensinamentos. **HADES:** pode significar também inferno ou residência dos mortos. O deus romano equivalente ao grego Hades era Plutão. (NTP)

<sup>72</sup> **Tebas** cidade grega a nordeste de Atenas. Existe também uma cidade Tebas no Egito. **Methym** era uma ilha grega (NTP)

*pela música, ultrajaram a existência humana – sendo influenciado por demônios, através de certas feitiçarias engenhosas, para conduzir o homem à ruína”.*

Os pagãos comemoravam “*façanhas de violência*” em seus rituais religiosos, e com “*clavas e pedras, estátuas e figuras, forjaram a estupidez dos costumes*” (2.2) Adoravam Dionísus<sup>73</sup> em

---

<sup>73</sup> **Dionisus:** na religião greco-romana, era o deus da fertilidade e vegetação, sendo adorado especialmente por ser o deus do vinho e do êxtase. Também chamado de **Baco** e em Roma, de **Líber**. A mitologia conta a história de **Zagreus** (esquartejado), que foi esquartejado, ainda criança, pelos Titãs e cujo coração Zeus implantou na mortal Semele, gerando Dionisus (ver nota sobre Zagreus, mais adiante). Zeus havia prometido aparecer diante de Semele com todo o seu esplendor e quando o fez, a matou com seus relâmpagos e raios. Então, Zeus retira de seu ventre Dionisus, com seis meses de gestação, e o termina de criar, em um músculo de sua perna. Como Dionisus representava a seiva da vida, logo foram instituídas festas que se transformaram em fenomenais orgias, chamadas pelos romanos de Bacanais. Associados a Dionisus estavam divindades das florestas: os **sátiros**, faunos, centauros, as Menades, as Ninfas, Musas, os silenos e outras divindades. Dionisus era representado, no começo, por um homem barbado, tendo ao lado um sátiro. Mais tarde passou a ser representado por um jovem efeminado, tendo ao lado, igualmente um sátiro. As mais antigas representações mostram Dionisus com um falo, significando a fertilidade. Dionisus foi até o mundo dos mortos para libertar

orgias nas quais celebravam seu frenesi sagrado, banqueteadando-se de carne crua; igualmente selvagens são os rituais associados com o culto de Demeter<sup>74</sup>, Corybantes<sup>75</sup> e Eleusis<sup>76</sup>.

---

sua mãe, Semele – que se transformou numa deusa imortal - e depois voltou para o nível superior. Essa jornada foi interpretada por seus seguidores como o inverno (viagem ao mundo oculto), quando toda a vegetação desaparece embaixo da neve, e com a primavera (volta ao mundo superior). Com essa idéia, iniciou-se o culto a Dionisus-Zagreus, que tinha três fases:

Primeira: Culto a Dionísus (fase de fertilidade); segunda: morte de Dionisus e sua descida aos infernos (fase de inverno); terceira: culto ao renascimento de Dionisus, que nada mais é que a ressurreição de Dionisus (fase da primavera). Devem-se notar as semelhanças do culto de Dionisus com a história de Jesus, pois sua principal característica era honrar a um deus que morria e ressuscitava. As festas em honra da morte e ressurreição de Dionisus eram feitas de três em três anos, pois era esse o período que, se acreditava, o deus passou oculto (morto para o mundo superior) no mundo inferior. Note a relação: três anos com três dias. Essas festividades, a princípio só de mulheres (**bacchantes** ou bacantes), realizadas a noite, ao som de tambores e flauta, as mulheres dançavam e entravam em transe e no auge da cerimônia, matavam animais despedaçando-os (geralmente bois, bodes e veados) que eram comidos crus, numa celebração relembrando o que os Titãs fizeram com Zagreus (ver anexo com a história completa de Dionisus). (NTP)

<sup>74</sup> **Demeter**: na mitologia grega, era filha de Cronus e Rhea, irmã e esposa de Zeus (o deus supremo) e deusa da

Para Clemente, o que devia ser ressaltado nos excessos das religiões secretas estava perfeitamente óbvio:

*"Os mistérios são meros costumes e opiniões vãs. É uma fraude da serpente que os homens adoram enquanto se voltam para crenças espúrias com suas iniciações sagradas que, na verdade, não passam de profanações e rituais solenes sem santificação... Que manifestação*

---

agricultura e da vegetação. Seu nome significa "mãe dos cereais" ou "mãe terra". Era conhecida pelos romanos como Ceres. Geralmente Demeter era aparentada com Gea ou Gaia (Gaea – a Terra) possuindo assim vários apelidos, sendo identificada como "Grande Mãe dos Deuses" ou simplesmente "Grande Mãe" (Rhea ou Cybele) (NTP)

<sup>75</sup> **Coribantes:** Eram as servidoras da deusa Cybele (A Grande Mãe). Metade humanas e metade demônios, eram selvagens e seus rituais eram orgias fenomenais. Eram confundidos freqüentemente com os Curetes de Creta (servos de Zeus). Acredita-se que tinham cultos místicos onde as características principais eram danças selvagens, que dizia-se que tinham poderes de curar doenças mentais. (NTP)

<sup>76</sup> **Eleusis:** Demeter teve sua filha Persephone raptada por Hades, o deus do mundo inferior. Assim, ela inicia uma jornada para resgatar sua filha e, no caminho, descansa em Eleusis, uma cidade da Grécia, onde ensina aos seus habitantes todos os rituais de seu culto. (NTP)



*vergonhosa! Antigamente, a noite que estendia um véu sobre o prazer de homens equilibrados, era um período de silêncio. Mas agora, quando a noite serve aqueles que estão sendo iniciados, abundam tentações de conversas licenciosas e se acendem as tochas de pecaminosas paixões desenfreadas... Ah! Como sofre a noite para esconder os mistérios. Deixemos que as orgias sejam protegidas pela escuridão.<sup>177</sup>*

Como Justino e seu contemporâneo, Tertuliano, Clemente contrapõe o mistério verdadeiro aos falsos rituais dos descrentes; a verdadeira gnose<sup>78</sup> contra as falsas doutrinas dos pagãos.

Os cristãos foram estigmatizados como ateus por sua recusa em prestar homenagens aos deuses

---

<sup>77</sup> Clement of Alexandria, *Exhortation*, 2

<sup>78</sup> **gnose**: ação de conhecer; conhecimento, ciência, sabedoria - conhecimento esotérico da verdade espiritual, combinando mística, sincretismo religioso e especulação filosófica, que diversas seitas dos primeiros séculos da era cristã, consideradas heréticas pela Igreja, acreditavam ser essencial à salvação da alma - qualquer doutrina que, na história das crenças e religiões, apresenta tais características (NTP)

reconhecidos pelo estado; Clemente anula a acusação e a redireciona contra os críticos: *"Estou certo em classificar como ateus, homens que, ignorando o deus verdadeiro, adoram vergonhosamente uma criança que foi despedaçada por Titãs<sup>79</sup> - uma pobre mulher deprimida, e partes do corpo que, para manter a decência, realmente não devem ser mencionadas."*<sup>80</sup>

Clemente (novamente como Tertuliano, *Apology*, 11) menciona como prova desse "ateísmo" o fato de que os deuses eram realmente homens que viveram e trabalharam na terra; sua condição divina era meramente honorífica (2.2.24) como se podia notar pelas *"incontáveis multidões de homens mortais e perecíveis que foram considerados deuses"*<sup>81</sup> Eles nasceram não de virgens mas de mães humanas, que, mais tarde,

---

<sup>79</sup> refere-se a **Zagreus**, que na mitologia de Orfeu, era filho de Zeus e Persephone e foi esquartejado pelos Titãs a mando de Hera. Os Titãs devoraram os pedaços de Zagreu, restando somente seu coração, que foi entregue a Zeus por Athena. Zeus engoliu o coração e produziu um filho em Semele com o coração de Zagreu. Esse filho foi chamado de Dionisus. (NTP)

<sup>80</sup> Clement of Alexandria, *Exhortation*, 2

<sup>81</sup> Clement of Alexandria, *Exhortation*, 2

foram elevadas a condição de deusas, por causa da reputação de seus filhos; além disso, com suas paixões, ciúmes, refregas, ofensas, ardores sexuais e azares, elas se traíram, demonstrando sua origem humana.

Finalmente, uma parte da crítica de Clemente sobre a evolução dos deuses foi de considerável serventia aos oponentes pagãos do cristianismo que puderam invocar (como fez Celsus) que os cristãos adoravam como deus um homem de proporções bastante insignificantes.

Os temas principais de Clemente aparecem com tanta freqüência nas críticas morais pagãs ao cristianismo que não se pode evitar a impressão de que a polêmica, em ambos os lados, tornou-se tematicamente estereotipada desde muito cedo: se os pagãos eram ateus por adorarem o deus errado ou muitos deuses, os cristãos eram ateus por rejeitarem os deuses estabelecidos pelo império e se recusarem a reconhecer a divindade do imperador; se os mistérios pagãos eram desfigurados pela imoralidade, o culto cristão tinha implantado o incesto e a glotonaria; se as Bacantes em seu frenesi muitas vezes praticavam o canibalismo, comendo estranhos, os cristãos,

por sua vez, confraternizavam-se em banquetes de Thyesteans<sup>82</sup> e bebiam o sangue de crianças inocentes.<sup>83</sup>

Assim como nada havia de exclusivo nos símbolos e mitos usados pelos cristãos, assim também nada havia de exclusivo sobre as acusações que cada lado imputava ao outro: "*O que vocês fazem de forma aberta e elogiada,*" escreve Justino, falando sobre a utilização de crianças, "*disso que nos culpam, na verdade, não nos atinge, pois evitamos fazer tais coisas; atingem sim, somente aqueles que as fazem e que prestam falso testemunho contra nós.*" (*First Apology*, 27)

Ao invocar a superioridade moral do cristianismo e defender sua afirmação de possuir a única

---

<sup>82</sup> **Thyiestan:** Thyestes era irmão de Atreus, rei de Micenas, e seduziu a esposa deste. Isso causou tanta confusão e matanças que, em dado momento, Atreus matou os filhos de Thyestes, cortou-lhes as mãos e pés e mandou preparar os membros e serviu-os em um banquete para Thyestes. Depois que este se fartou de comer, Atreus lhe mostrou as mãos e pés de seus filhos. Banquete de Thyestanos ficou então sendo conhecido como sendo uma festa onde é servida carne humana (NTP)

<sup>83</sup> Tertullian, *To The Nations*, 15

chave para a salvação, os apologistas iniciaram uma longa história **de polêmicas tolas marcadas principalmente pela banalidade de seu conteúdo.**

Durante as disputas, os autores cristãos, habitualmente insistentes na originalidade de suas crenças e ritos, defendiam simultânea e vigorosamente a antiguidade de sua religião – sua menção das profecias e canções dos hebreus, dos mitos e filosofia gregos, e mesmo dos rituais pervertidos que ela veio substituir.

Na época de Justino, qualquer comparação séria entre o cristianismo e o paganismo tornou-se impossível com a consolidação do argumento de que a religião cristã era ao mesmo tempo a realização de antigas expectativas e a religião verdadeira cuja perfeição foi prevista e imitada espontaneamente pelos demônios:

*"ao terem ouvido a proclamação dos profetas de que o Cristo estaria por vir e que os homens inimigos de deus seriam punidos pelo fogo, muitos (espíritos malignos) surgiram sendo chamados de filhos de Júpiter, dando a impressão de*

*que seriam capazes de produzir nos homens a idéia de que tudo o que foi dito a respeito de Cristo não passava de meros contos maravilhosos, como obras escritas pelos poetas.*<sup>84</sup>

---

<sup>84</sup> Justin, *First Apology*, 54

## II – Oposição Pagã

### Da Crítica Moral à Intelectual

As críticas morais ao cristianismo antecedem aos ataques filosóficos de autores como Celsus por um motivo óbvio: o cristianismo do primeiro século ainda tinha que desenvolver um sistema de crença que pudesse ser atacado ou um cânon consolidado de obras pelos quais tais crenças pudessem ser estudadas e criticadas.

Foi somente quando a doutrina começa a suplantar o ardor apocalíptico - e as práticas a ele associadas - que o alvo dos autores pagãos mudou do que os cristãos faziam para o que ensinavam; dos ocasionais excessos dos festins de amor para a história nos evangelhos e suas implicações religiosas.

Tácito e Plínio, os primeiros escritores a notarem o cristianismo, falam da religião com desdém social, como sendo *exitiabilis superstitio, prava et immodica superstitio, e inflexibilis obstinatio*, ou seja, que os cristãos eram fanáticos supersticiosos que defendiam com teimosia sua condição.

De acordo com Tácito, eles odiavam a humanidade e de acordo com Crescens, um filósofo cínico de meados do segundo século, eles eram ao mesmo tempo ímpios e ateus.

Todos esses antigos críticos argumentavam sem fundamentos. É quase certo que, baseados em impressões esporádicas e por ouvir dizer, refletiam o desagrado generalizado dos romanos pelo que era novo e não autorizado, além do nos contar muito pouco sobre as particularidades da nova religião que os oponentes achavam que eram passíveis de críticas.



## 2.1 - Luciano

Em meados do século II, esta situação muda dramaticamente. O retórico Luciano, nascido em Samosata (Síria) em 120, acreditava que o cristianismo era uma forma de sofisma<sup>85</sup> dirigido a uma classe do povo extraordinariamente crédula – uma crítica explorada mais tarde pelo filósofo Celsus (*Against Celsus*, 3.44)

Os membros da nova seita cultuavam “*um sofista*<sup>86</sup> *crucificado*”, designação essa que aparenta ser uma visão dos judeus do cristianismo usada pelos autores pagãos.<sup>87</sup>

---

<sup>85</sup> **sofisma**: argumento ou raciocínio concebido com o objetivo de produzir a ilusão da verdade, que, embora simule um acordo com as regras da lógica, apresenta, na realidade, uma estrutura interna inconsistente, incorreta e deliberadamente enganosa - argumentação que aparenta verossimilhança ou veridicidade, mas que comete involuntariamente incorreções lógicas; paralogismo - qualquer argumentação capciosa, concebida com a intenção de induzir em erro, o que supõe má-fé por parte daquele que a apresenta; cavilação - mentira ou ato praticado de má-fé para enganar (outrem); enganação, logro, embuste (NTP)

<sup>86</sup> **sofista**: aquele que usa sofismas (NTP)

<sup>87</sup> Joshua Bem Pandera é execrado em determinados midrashim como um herético que “*viveu uma vida de erros*” e “*causou um desencaminhamento de Israel*” devido à sua

Ao lado da impressão popular sobre os defeitos sociais e filosóficos da nova religião, Luciano apresentava os sectários como homens e mulheres de uma casta notadamente inculta, dispostos a endeusar, a toque de caixa, novos profetas e líderes.

Este é o caso do sarcástico filósofo que se tornou pastor cristão, *Peregrinus Proteus* (169). Depois de uma juventude de devassidão, durante a qual, dizia-se que tinha sofrido "*milhares de transformações,*" Proteus voltou-se para "*os pastores e escritores cristãos*", tornando-se um especialista na "*religião surpreendente que eles possuem*":

*"Em pouco tempo ele os deixara como bebês e se transformara em seu profeta, chefe e líder da sinagoga; e tudo por esforço próprio. Ele interpretava e comentava seus livros sagrados e, até mesmo, escreveu vários. Eles o consideravam um deus, o transformaram*

---

apostasia. Ver R.T. Herford, *Christianity in Talmud and Midrash*, (New York, 1903) Joseph Klausner, *Jesus of Nazareth* (London, 1925) e R.J.Hoffmann, *Jesus Outside the Gospels* (Buffalo,1984) pp.

*em legislador e o elevaram a patrono oficial da seita, ou pelo menos, a vice patrono, vindo atrás do homem que ainda adoram nos dias de hoje, aquele que foi crucificado na Palestina por criar um novo culto.”<sup>88</sup>*

Aqui, Luciano satiriza a facilidade disponível de ascensão que uma pessoa razoavelmente inteligente, como Peregrinus, encontra entre os analfabetos. Dentro de pouco tempo o filósofo desfrutava a condição de segundo, vindo atrás do próprio “fundador” – uma referência óbvia à rapidez com que Jesus foi retirado, por seus seguidores, da sua insignificância.

Como Jesus, ele é proclamado deus; como Jesus, ele foi preso devido a seus ensinamentos, “*um evento que ajudou relevantemente em sua carreira futura*”. Enquanto os cristãos consideravam sua prisão uma tragédia (assim também, os Apóstolos, apud Mc. 10.32-33), Peregrinus adquire, através disso, “*status, uma aura mágica, e uma fama pública do quanto ele*

---

<sup>88</sup>Lucian, *The Death of Peregrinus*, 10-13; em ed. Lionel Casson, *Selected Satires of Lucian* (New York, 1962)

*estava apaixonadamente envolvido com a seita.*<sup>89</sup>

Existe pouca dúvida de que os piores instintos de Peregrinus foram usados para traçar uma comparação com a farsa criada por Jesus, o enganador que usou artes mágicas para atrair discípulos e levar Israel à apostasia.

Luciano continua satirizando a reação dos cristãos à prisão de Peregrinus, numa maneira que revela algo sobre sua lealdade e práticas; acima de tudo, deixando claro pela sua descrição, que os protestos feitos pelos autores cristãos como Justino, o Mártir, e Lucas acerca dos benefícios da fidelidade da comunidade na seita não são, na sua totalidade, exagerados.

Sua devoção leal a um membro prisioneiro, seu cuidado com viúvas e órfãos, sua adoração a seu fundador, sua indiferença aos assuntos mundanos e ao próprio martírio, e sua crença arraigada na imortalidade são citadas – com desprezo estudado, é verdade - como sendo

---

<sup>89</sup> Lucian, *Peregrinus*, 10-13

principalmente as características bem conhecidas da irmandade cristã:

*"Desde o amanhecer podem-se ver viúvas de cabeças brancas e crianças órfãs vadiando perto da prisão, e os chefões da seita cuidando para subornar os carcereiros para que possam passar a noite com (Peregrinus). Levam até ele refeições completas, lêem suas sagradas escrituras para ele, e nosso excelente Peregrinus... era saudado como um novo Sócrates. De locais muito distantes, como a Ásia Menor, comunidades cristãs enviam delegações, pagando suas despesas com fundos comunitários, para ajudá-lo com conselhos e consolação... Por isso, por estar Peregrinus preso, o dinheiro chovia sobre ele, fazendo com que, desse modo, ele acumulasse uma soma considerável. Nota-se, por um lado, que os pobres diabos se convenceram que todos se tornariam imortais e viveriam eternamente, o que leva a maioria a não temer a morte e se entregar a ela voluntariamente. Por outro lado, o seu primeiro legislador os*

*persuadiu que todos se tornariam irmãos assim que rejeitassem os deuses gregos (portanto infringindo nossa lei) e começassem a adorar a ele – o próprio sofista crucificado - e levando suas vidas de acordo com suas regras. Eles desprezam todas as posses sem distinção e as tratam como propriedade comunitária. Tais doutrinas eles aceitam estritamente como artigo de fé. Conseqüentemente, se um profissional astuto, que sabe como tirar vantagem da situação, entra para o meio deles, torna-se um milionário da noite para o dia, zombando dos ingênuos por sua esperteza”.*<sup>90</sup>

---

<sup>90</sup> Lucian, *Peregrinus*, 13-15

## 2.2 – Críticas Adicionais

A crítica ao cristianismo pela falta de um sistema filosófico coerente – uma crítica que não pode ser separada facilmente dos ataques sócio-morais sobre o tipo de gente que foi influenciada pela nova religião – tornou-se uma obsessão nos livros polêmicos pagãos do meio do século dois em diante.

O próprio Celsus, numa famosa passagem, alega que a maioria dos cristãos “*não quer explicar nem receber explicação sobre a coerência daquilo que acreditam*”, mas sim ganhar convertidos explicando a eles que “*não façam perguntas, somente tenham fé.*”<sup>91</sup>

A inadequação filosófica da nova religião não era apenas algo desconhecido dos não convertidos. Mestres cristãos também divergiam sobre o alcance dos livros sagrados, os quais, não fundamentados em premissas teológicas, argumentos e definições, eram apenas suficientes para apresentar as crenças da nova religião.

---

<sup>91</sup> *Against Celsus*, 1.9

Já no final do século II, o mestre cristão Rhodo zomba de um humilde bispo marcionita chamado Apelles<sup>92</sup>, sem melhor razão do que ele "*costumava dizer que não era necessário investigar a fundo um argumento e que cada um pode ficar restrito à própria crença; assim, assegurava que aqueles que colocavam suas esperanças no crucificado, seriam salvos.*"<sup>93</sup>

Como regra, os críticos pagãos do início do século II, inclusive Celsus, atacam, não o que os cristãos crêem, mas a credulidade cristã. Sua atitude é resumida pela descrição da nova religião por Suetonius, como sendo "*superstitio nova ac malefaca,*" um culto sem as virtudes redentoras das religiões antigas;<sup>94</sup> pela opinião de Epicteto,<sup>95</sup> os cristãos estavam sendo conduzidos ao martírio (em imitação ao seu mestre) por um fanatismo cego; e pela visão estoíca de Marco Aurélio (170)<sup>96</sup> sobre o "suicídio" cristão: "*Estar pronto para morrer deve ser um estado advindo do*

---

<sup>92</sup> Apelles foi discípulo de Marcião e depois fundou sua própria seita cristã.

<sup>93</sup> Eusebius of Caesarea, *Ecclesiastical History*, 5.13.5

<sup>94</sup> Suetonius, *Lives of the Caesars*, 5.16 (Nero)

<sup>95</sup> Epictetus, *Dissertations*, 4.6.7

<sup>96</sup> Marcus Aurelius, *Meditations*, 11.3



*próprio julgamento do homem, não como uma simples obstinação como fazem os cristãos, deve vir premeditadamente e apropriadamente (como persuadir outros que a morte não é horrível), não com demonstrações trágicas."*

No século II, missionários cristãos ainda tinham o hábito de pregar sobre o Cristo de Paulo, Marcion e Apelles: o evangelho de um homem que tinha ensinado na Galiléia e Judéia, que não foi reconhecido por seu próprio povo durante seu ministério público, que foi crucificado como um bandido, ressurgiu dos mortos e nomeado deus filho pelo deus supremo.

**Se nada havia de muito novo nessa história – Roma tinha herdado, de muito longe e há muito tempo, seus mitos de salvadores – a reativação desses detalhes pela comunidade Cristã era um alvo fácil para o ridículo.**

Como seu fundador, os cristãos eram pregadores sem lar, que conseguiam o pouco dinheiro que precisavam para sobreviver de suas reuniões evangélicas; como o fundador e como Paulo, eles levavam uma vida repleta de perigos, a rejeição

era o seu destino comum; como pessoas feitas de tolos por cristo, eles aceitaram sinceramente o destino de Jesus na certeza que o triunfo dele era o seu triunfo e que ressuscitariam no último dia. Com boa vontade, tal emulação podia ser considerada como imprudência ou, para usar o jargão geral, "superstição".

Alguns observadores do século dois, sendo Galeno o mais famoso,<sup>97</sup> concordavam fazer concessões à credulidade dos cristãos porque, apesar de tudo, *"a maioria das pessoas é incapaz de acompanhar, mantendo o raciocínio lógico, um argumento demonstrativo, precisando então de parábolas e seus benefícios, tal como vemos agora com essa gente chamada de cristãos, retirando sua fé de parábolas e milagres, agindo ainda, de vez em quando, do mesmo modo como aqueles que praticam a filosofia."*

Uma vez que qualquer posição filosófica deve, sob a óptica de Galeno, basear-se na vida moral, as parábolas e mitos dos cristãos, apesar de

---

<sup>97</sup> Para uma discussão geral sobre a visão de Galeno, ver Richard Walzer, *Galen on Jews and Christians* (London, 1949)

serem frágeis em termos estritamente intelectuais, não deviam ser julgados tão duramente.

Galeno era também um crítico de qualquer "escola" que ensina aos seus seguidores a aceitar tudo pela fé, "*como os seguidores de Moisés e Cristo ensinam aos seus.*"<sup>98</sup>

---

<sup>98</sup> Galeno, citado a partir de fragmentos estudados em Walzer, 48-49



### III - Celsus

Dos antigos críticos da igreja cristã, o filósofo grego Celsus (185) é simultaneamente o mais acessível e o mais eclético. É acessível porque seu eloqüente oponente, Orígenes de Alexandria, transcreveu em tal quantidade trechos do livro de Celsus, *On The True Doutrine* (Sobre a Doutrina Verdadeira) que ficou possível reconstruir em detalhes as principais características dos argumentos do filósofo.

Já no caso do mais vigoroso oponente da igreja no século III (e de certo modo mais difundido) Porfírio, não acontece o mesmo, cujos quinze volumes contra os cristãos (*A Filosofia dos Oráculos*) foram queimados por ordem dos imperadores Teodosio II e Valentiniano III em 448 e somente são conhecidos principalmente por meio de excertos que aparecem nos trabalhos de patriarcas da igreja.<sup>99</sup>

---

<sup>99</sup> No caso de Porfírio, o leitor deve se referir a Adolf von Harnack, *Porphyrius, "Gegen die Christen"* (Berlin, 1916). De acordo com Harnack, Porfírio era o filósofo pagão mencionado por Macarius Magnes (começo do século V) em

O discurso de Celsus nos mostra ser ele, ao mesmo tempo, um filósofo eclético – um amador em várias escolas de pensamento, incluindo o Platonismo e o Estoicismo<sup>100</sup> - e um estudante da história dos costumes religiosos de várias nações.

Celsus silencia sobre a suposta imortalidade dos cristãos, um fato que pode sugerir seu descrédito em tais relatos ou sua preferência por uma discussão em nível mais elevado.

---

*Apocriticus* ( Trad. Inglesa por T. W. Crafer[New York, 1919] esp. Pp. 51-161)

<sup>100</sup> **estoicismo:** Firmeza – austeridade – inflexibilidade moral - Doutrina filosófica de Zenão que tem como ponto de partida a idéia básica de tensão e esforço. Em todos os corpos do mundo não existe matéria sem força e força sem matéria. O elemento que é simultaneamente a força mais ativa e o corpo mais sutil é o fogo. O maior bem constitui no esforço para se chegar à virtude. O resto é indiferente, inclusive a própria dor. Os estóicos esforçam-se para tornar-se indiferentes às circunstâncias exteriores preconizando uma insensibilidade que chega ao ponto da dureza. Acreditam ainda que, do mesmo modo que o homem possui uma alma, o universo também tem a sua, que é o próprio deus. Principais estóicos: Cleantes, Crisipo, Zenão, Ariston de Quio, Hérito de Cartago, Diógenes de Seleucia, Sêneca, Epícteto e Marco Aurélio. **Zenão:** Filósofo grego fundador do estoicismo. Nasceu no século IV ac . Não confundir com Zenão de Eléia, o sofista, nascido entre 490 e 485 AC. (NTP)

Todavia, pode ser que, atacando as crenças da comunidade cristã em um plano filosófico, ele tenha elevado o nível da discussão no lado cristão, saindo da apologia para a argumentação.

E apesar de seu repetitivo desprezo pela baixa realização intelectual dos mestres e presbíteros cristãos, a maior parte de sua composição demonstra a seriedade com que foi tratada a nova religião nas últimas décadas do século II.<sup>101</sup>

---

<sup>101</sup> No desenvolvimento temático de polêmica anticristã, ver os ensaios em *The Conflict Between Paganism and Christianity*, ed. Arnaldo Momigliano (Oxford, 1963)





### 3.1 - A Identidade de Celsus

A identidade de Celsus é objeto de conjeturas cultas. Keim afirma<sup>102</sup> que ele era amigo de Luciano de Samosata, cuja visão satírica do cristianismo já discutimos (ver pág. 74). O próprio Orígenes nos conta<sup>103</sup> que Celsus estava morto "*há muito tempo*"<sup>104</sup> e em algum lugar (1.8) o coloca sem muita certeza na "*época de Adriano ou anterior*" confundindo-o com outro filósofo epicureano<sup>105</sup> chamado Celsus, que viveu no reinado de Nero (54–68).

---

<sup>102</sup> Theodor Keim, *Celsus's Wahres Wort* (Zurich, 1873); cf. Pierre Labriolle, *La Réaction païenne: étude sur la polemique antichrétienne* (Paris, 1934). A discussão contemporânea padrão é a de Pierre Nautin, *Origène, sa vie e son oeuvre* (Paris, 1977)

<sup>103</sup> Cf. Eusebius, *Ecclesiastical History*, 6.36.2

<sup>104</sup> Origen, *Against Celsus*, Preface, 4

<sup>105</sup> **epicureano**: Relativo a uma linha filosófica fundada pelo filósofo grego Epicuro (341 ac), que durou cerca de 800 anos (de 400 ac a 400 dc). *Lato sensu*, é um sistema de ética que engloba vários conceitos de estilo de vida, confundido muitas vezes com o hedonismo, a doutrina que ensina que o prazer ou a felicidade é o mais importante bem. Em termos gerais, pode-se dizer que o epicurismo é uma devoção ao prazer, conforto, à vida digna, com uma certa delicadeza de estilo. Mais detalhadamente, ensinava, em física, que existia uma teoria de átomos, um conceito mecânico de casualidade, que

Muitos estudiosos acharam que o período que Orígenes atribui às atividades de Celsus – os anos 30 do século II – foi muito antigo, preferindo, a maioria deles, colocá-lo por volta dos anos 60 a 70. Essa divergência de interpretação se justifica pela confusão de Orígenes sobre quem era Celsus.

Galeno<sup>106</sup> conta ter endereçado uma carta a "*Celsus, o epicureano*," um homem que escreveu vários livros contra a magia, e Luciano dedica seu "*Alexander, the False Prophet*", um trabalho no

---

o universo era infinito e que havia um equilíbrio de forças em todos os seus fenômenos. Ensinava ainda que existiam deuses, concebidos como seres abençoados e imortais, completamente alheios a tudo que acontecia no mundo. O seu conceito básico de ética era a identificação do bem com o prazer e que o bem supremo e última conquista era a ausência de dor para o corpo e alma. Ensinava ainda a redução de toda a relação humana ao princípio de utilidade, que tinha como ponto máximo a amizade. Conseqüentemente isso traria a limitação dos desejos, a prática de virtudes, das quais o prazer é inseparável, e uma vida sossegada e retirada. Os antecessores de Epicuro foram, em física, Leucipo e Demócrito, e em ética Antifon Sofista, Aristipus de Cirene e Eudoxus de Cnidus, um geômetra e astrônomo. Ele foi grandemente influenciado pela filosofia e ensinamentos de Aristóteles, utilizando as partes essenciais de sua doutrina e continuando o estudo dos problemas que ele propôs. (NTP)

<sup>106</sup> Galen, *On the Appropriate Books*, 16

qual o cristianismo se ligava ao epicurianismo<sup>107</sup> através de um certo Celsus que “*penetrou suficientemente no assunto (de magia e mágicos) e apresentou um vasto material....em (sua) exposição sobre mágicos, um excelente e utilíssimo trabalho que deverá trazer sensatez a quem abri-lo.*”<sup>108</sup>

As refutações à identificação do Celsus no tratado de Orígenes com o oponente filosófico dos mágicos conhecido por Galeno e Luciano foi centrada no argumento – desmontado inteiramente por Chadwick – que o Celsus de Orígenes “*está muito longe de ser, em qualquer sentido, um epicureano. Sua filosofia era meio platônica e nada tinha a ver com o epicurianismo.*”<sup>109</sup>

Nesse caso, aconteceu que, Orígenes, enganado por Ambrosio, que o convidou a escrever a refutação, inferiu o epicurianismo de Celsus<sup>110</sup> pelo conhecimento que tinha da correspondência

---

<sup>107</sup> Lucian, *Alexander, The False Prophet*, 38-39

<sup>108</sup> Lucian, *Alexander*, 21; cf. 25,43,61

<sup>109</sup> Em Origen, *Contra Celsum* (Cambridge,1953) Introduction, p.xxv

<sup>110</sup> Origen, *Against Celsus*, praef. 4

de Galeno com o autor de vários livros contra os mágicos.<sup>111</sup>

Além disso, Orígenes julgava Celsus um epicureano banal e inconsistente, alguém que por conveniência pessoal está pronto a suprimir determinados dogmas no interesse de destruir os dogmas do oponente:

*"Outros autores o consideram um epicureano, mas aqui (ou seja, com referência ao martírio) por parecer ter fundamentos mais sólidos para criticar o cristianismo, ao esconder as doutrinas de Epicuro, ele pretende (defender outro ponto de vista)... Ele sabia que, se admitisse ser um epicuriano, não seria digno de crédito nas suas críticas contra aqueles que, de algum modo, introduziram uma doutrina da providência e que estabelecerem um deus para todo o universo".<sup>112</sup>*

---

<sup>111</sup> Origen, *Against Celsus*, 1.68

<sup>112</sup> Origen, *Against Celsus*, 1.8

Teodore Keim, ao procurar restaurar a *True Doctrine* de Celsus, descredencia a opinião de Orígenes, argumentando que Celsus não era um epicuriano nato<sup>113</sup> mas sim um platonista eclético.

E, mais recentemente, Robert Wilken foi mais longe ao declarar "*rotular Celsus de epicuriano (era) tornar mais fácil a tarefa de criticar.*"<sup>114</sup>

Basta considerar unicamente a punição severa, sem justificativa, de Tertuliano às tendências epicurianas de Marcion<sup>115</sup> para compreender que tal termo era usado muito livremente na controvérsia religiosa e provavelmente era usado para sugerir ateísmo e desprezo por costumes sociais e pela religião popular.<sup>116</sup>

Finalmente, da mesma forma, foi o uso do nome de Epicuro no posfácio de *Alexander, the False Prophet*, onde Luciano menciona o amor de Celsus à verdade e às principais virtudes do

---

<sup>113</sup> Keim, *Celsus' Wahres Wort*, pp. 275-93

<sup>114</sup> Robert Wilken, *The Christians as the Romans Saw Them* (New Haven, Conn. 1984) p.95

<sup>115</sup> Tertullian, *Against Marcion*, 5.19.7

<sup>116</sup> Cf. Origen, *Against Celsus*, 1.10

epicurianismo, num contundente contraste à apresentação enganosa do herói farsante desta história.<sup>117</sup>

Além disso, existem inúmeras semelhanças entre o amigo de Luciano e o oponente de Orígenes. Ninguém pode deixar de notar que ambos eram considerados ardentes opositores aos mágicos, o amigo de Luciano escreveu inúmeros tratados contra eles,<sup>118</sup> o adversário de Orígenes acusou de serem, os milagres de Jesus, práticas de magia, que foram aprendidas por seus discípulos.<sup>119</sup>

Quando se aceita que ambos, Luciano e Celsus “o epicureano,” tinham o mesmo desprezo pelas ações dos charlatões e pela credulidade das pessoas religiosas e julgaram o cristianismo como sendo especialmente suscetível a críticas nesses aspectos,<sup>120</sup> então há pouca utilidade em discutir se Luciano e Orígenes falavam de filósofos diferentes em seus trabalhos.

---

<sup>117</sup> Lucian, *Alexander*, 61

<sup>118</sup> Lucian, *Alexander*, 21

<sup>119</sup> Origen, *Against Celsus*, 1.6

<sup>120</sup> Cf. Origen, *Against Celsus*, 1.9; Lucian, *Peregrinus*, 13f; *Alexander*, 38

Sobretudo, como o amigo de Luciano viveu sob o reinado de Cômodo (180) e o oponente de Orígenes escreveu por volta de 177-180,<sup>121</sup> ou durante as perseguições de Marco Aurélio, não existe razão para se discutir estritamente em bases cronológicas as suas diferenças de identidades.

Para finalizar, considerando que qualquer decisão se aproxima do fato principal que é verificar quando o Celsus do trabalho de Orígenes é ou não epicureano e quanto há de verdade que as opiniões epicureanas não são ressaltadas nas passagens citadas no livro "*Contra Celsum*", devemos considerar

- a) que Orígenes apresenta apenas extratos do trabalho de Celsus;
- b) que o trabalho de Celsus foi composto depois da conversão ao epicurismo, que Orígenes enxergava (4.54), isso explicando
- c) que o epicurismo de Celsus é explicado por Orígenes "a ser comprovado (não pelo trabalho contra os cristãos) mas através de outros livros"

---

<sup>121</sup> Ver os comentários de Origen, *Against Celsus*, 8.69; 8.71, e a discussão de Chadwick, *Contra Celsum*, xxvi

(1.8) escritos provavelmente antes de Alethes Logos<sup>122</sup>.

De qualquer forma, o fato inegável de que o Celsus da Apologia de Orígenes mostra uma inclinação meio platônica, não exclui a possibilidade de que é o mesmo Celsus da sátira de Luciano. O mais provável, como Keim supôs, é que a *True Doctrine* foi escrita no final do século dois, durante as perseguições de Lyon e Vienne (177) feitas por ordem de Marco Aurélio.<sup>123</sup>

---

<sup>122</sup> **Logos:** Na filosofia de Platão: deus como fonte de idéias – Para a escola dos neoplatônicos: uma das formas da divindade – para os cristãos: o filho de deus, a segunda pessoa da trindade. (NTP)

<sup>123</sup> Theodor Keim, *Celsus' Wahres Wort*, 271



### 3.2 - O Argumento

O grande historiador da igreja Philip Schaff descreve o "True Doctrine" de Celsus como "superficial, impreciso e volúvel ... prova impressionante de falta de habilidade em raciocínio natural para entender a fé cristã."<sup>124</sup> "O tratado não tinha", reclama Schaff, "nenhuma humildade, nenhum senso da corrupção da natureza humana e da necessidade dos homens de redenção; está repleto de paixões bárbaras e de preconceitos, na verdade, cego para todas as realidades espirituais."<sup>125</sup>

Tais avaliações evidenciam as **tendências apologéticas de uma agora desatualizada escola historiográfica**. Schaff ainda percebeu que os argumentos de Celsus contra o cristianismo eram curiosamente modernos: "Ele emprega todos os meios que a cultura de sua época dispunha, todas as armas do conhecimento, da opinião geral, da esperteza, do

---

<sup>124</sup> Philip Schaff, *History of the Christian Church*, vol 2: *Ante-Nicene Christianity* (Grand rapids, Mich. 1910) p. 90

<sup>125</sup> Philip Schaff, *History of the Christian Church*, p.90

*sarcasmo e de uma soberba efervescência de estilo para destruir o cristianismo; e antecipou a maioria dos argumentos e sofismas de deístas<sup>126</sup> e infieis de épocas antigas.”<sup>127</sup>*

As mais recentes avaliações do trabalho de Celsus centralizam-se sobre o seu conservadorismo básico. Seu ataque ao cristianismo não é, como sugere Carl Andersen, uma polêmica planejada, antes *“foi escrita a partir de um ponto de vista consistente, e sua rejeição ao movimento cristão surge de seus conceitos sobre a sociedade na qual vivia, as tradições intelectuais e espirituais de sua sociedade e as convicções religiosas nas quais elas estavam fundamentadas.”*<sup>128</sup>

Em resumo, Celsus pode ser considerado como um defensor da velha ordem e de seus valores

---

<sup>126</sup> **deísmo:** uma atitude religiosa não ortodoxa que sobreviveu de meados do século 17 a meados do século 18. Em linhas gerais se referia ao que se chamava de “religião natural”, a aceitação de uma série de conhecimentos religiosos que seriam inatos em todas as pessoas ou que poderiam ser adquiridos utilizando-se a razão e não através de revelação ou ensinamentos de qualquer igreja. (NTP)

<sup>127</sup> Philip Schaff, *History of the Christian Church*, p. 90

<sup>128</sup> Wilken, *The Christians*, p.117

religiosos, alguém que encarava o cristianismo como uma sedição potencialmente culta, desenvolvendo novas idéias que a ele pareciam modificações irracionais das velhas doutrinas.<sup>129</sup>

O ataque de Celsus ao cristianismo não foi estimulado por destempero ou erro para entender o plano de deus para o mundo na nova religião. Pelo contrário, ele "*percebeu que os cristãos tinham reforçado as ligações tradicionais entre a religião e a nação ou povo*"<sup>130</sup> numa era em que as tradições religiosas eram largamente empregadas para definir a continuidade de um povo com seu passado e sua lealdade nacional à autoridade constituída.

Assim, Tertuliano se gaba de que os cristãos "*não prestam homenagens vãs, nem falsas, nem tolas ao imperador; pois, como pessoas que acreditam na verdadeira religião, preferem comemorar seus dias festivos com uma consciência limpa;*"<sup>131</sup> por esta razão ele orgulhosamente diz que "*são*

---

<sup>129</sup> Origen, *Against Celsus*, 5.26

<sup>130</sup> Wilken, *The Christians*, p.124

<sup>131</sup> Tertullian, *Apology*, 35

*considerados inimigos públicos – inimigos da humanidade – uma sub-raça de homens.”<sup>132</sup>*

Este sentimento que move a vaidade de Tertuliano pode ter sido o maior tormento para as preocupações de Celsus: era um homem culto famoso que não somente convencia multidões, como realmente aposentava os velhos costumes<sup>133</sup> que julgava serem a própria razão pela duração do império,<sup>134</sup> chegando mesmo a dizer que sem os cristãos em cada cidade, o imperador acabaria não tendo pessoas a quem governar.<sup>135</sup> “*Tomem cuidado, deixem aqueles a quem chamam de terceira raça se tornem os primeiros, uma vez que não existe nação que não seja realmente cristã. Não importa que a nação tenha sido a primeira, agora, no entanto, é cristã.*”<sup>136</sup>

Aqui havia uma associação religiosa, apesar de exagerada pelos cálculos de Tertuliano, comportando-se como uma nação, destruindo as

---

<sup>132</sup> Tertullian, *To the Nations*, 8

<sup>133</sup> Tertullian, *Apology*, 35

<sup>134</sup> Tertullian, *Apology*, 32

<sup>135</sup> Tertullian, *Apology*, 37

<sup>136</sup> Tertullian, *To the Nations*, 8

tradições e história de uma nação e ainda obrigando seus membros a serem leais à tradições e história de sua própria autoria.

É bastante surpreendente encontrar um filósofo conservador como Celsus, lembrando aos cristãos que sua segurança e bem estar tinha um preço: *"Se todos adotassem uma atitude cristã, a lei nada valeria, a autoridade legitimada seria abandonada, as coisas terrenas voltariam a ser um caos e cairiam nas mãos de foras da lei e bárbaros selvagens – e no mundo, nunca mais se ouviria falar do culto cristão e da sabedoria. Na verdade, para que sua superstição possa persistir, é necessário o poder do imperador."*<sup>137</sup> A maior parte do trabalho de Celsus deve ser analisado tendo em mente esse propósito principal – a defesa da tradição e da autoridade.

Celsus começa seu ataque defendendo a proscrição do cristianismo em todo o império. Os membros dessa seita agrupam-se em segredo *"com medo de serem encontrados e levados a julgamento."*

---

<sup>137</sup> Origen, *Against Celsus*, 8.69

Como fazem os adeptos de outras seitas secretas, os cristãos aproveitam-se dos ingênuos e dos ignorantes para conseguirem propagar sua religião, sem nunca fornecer, nem questionar, quaisquer razões para suas crenças.

Celsus explica que sua intenção ao refutá-los é revelar o verdadeiro caráter de sua religião e estudar a fonte de suas opiniões. Isso começa a fazer, primeiramente, demonstrando com extensos detalhes, a falta de originalidade da doutrina cristã, explicando que a principal fonte da religião cristã, o judaísmo, não passa de uma história entre muitas, não podendo ser universalizada nem se tornar fonte de legislação pela razão de que não oferece nada mais além de uma perspectiva imperfeita do mundo e de suas origens.

O judaísmo, além disso, compartilha com outras grandes civilizações, alguns preceitos daquela doutrina antiga e verdadeira que todos os antigos – indianos, persas, gregos e romanos – apresentam em suas histórias individuais.

A preocupação de Celsus, nesta seção de abertura, é mostrar que a unidade de crença,

história e costumes, foram violados pelos cristãos, como apóstatas do judaísmo e da "história mosaica". Pode se dizer que as tendências ao sincretismo de Celsus ficam mais evidentes nas suas refutações da abertura. Ele não mostra grande simpatia ao judaísmo (que considera uma religião plagiada) e nem mesmo ao monoteísmo estrito de Moisés, que ele considera um feiticeiro. "*Não importa nem um pouco*" ele diz, "*como se denomina o deus supremo – ou se usam nomes gregos ou nomes indianos ou os nomes usados antigamente pelos egípcios*".

O verdadeiro veneno de Celsus é reservado aos cristãos, que assimilaram as piores tendências do judaísmo – ou seja, o monoteísmo radical e exclusivista – juntando a eles o culto a um homem que se julgava filho de deus, mesmo com todo o descrédito que tal título podia trazer.

Seu ataque a versão da vida de Jesus narrada nos evangelhos é uma obra prima da crítica, juntando visivelmente trechos de tradições polêmicas que circulavam entre os escritores judeus e pagãos: ou seja, a história de Jesus ser

filho bastardo,<sup>138</sup> que era filho de um soldado romano e que aprendeu truques de mágica no Egito. Todas essas constam das doutrinas judaicas e remontam a protótipos antigos.<sup>139</sup>

Ao lidar com as fontes cristãs, principalmente com o evangelho de Mateus e, provavelmente, também com evangelhos marcionitas e gnósticos, Celsus age com racionalidade, com o prazer de um promotor de justiça, destacando inconsistências, absurdos e analogias: Quem testemunhou a apoteose de Jesus no rio Jordão? Por que se deve ensinar que as profecias do Velho Testamento se referem unicamente a Jesus, quando podem ser facilmente aplicadas a milhares de outras pessoas? Por que, se Jesus era realmente o filho amado de deus, este não o ajudou a livrar-se de seu sofrimento, antes, pelo contrário, deixou-o morrer como um mendigo?

Em determinadas partes, o ataque de Celsus se centraliza sobre alguns aspectos da história que

---

<sup>138</sup> Ver a discussão em Hoffmann, *Jesus Outside the Gospels*, pp. 39-43

<sup>139</sup> Exemplos em David Cartlidge e David L. Dungan, *Documents for the Study of the Gospels* (Philadelphia, 1980) pp. 129-80



estão incompletos ou não explicados satisfatoriamente, como, por exemplo, sua discussão sobre o caso da matança de recém nascidos por Herodes: *“Se Herodes tomou essa atitude para evitar que você, tomando seu lugar, se tornasse rei quando crescesse, por que então você não se tornou rei?”*

Em outras partes, centraliza seus ataques ao caráter de Jesus ou na credulidade e ingenuidade de seus discípulos. Se ele era um deus, *“por que não estaria ansioso para tornar público tudo o que professava?”* Se sua divindade era evidente a seus seguidores, *“por que ele foi traído por aqueles que lhes eram mais íntimos?”*

Para Celsus, tais inconsistências eram fatais. Ainda mais que o comportamento de Jesus não era inspirado por deus: ele era um mágico, se acovardou diante do perigo, desrespeitava os costumes de seu povo, era um comilão, comentando-se sobre seus hábitos alimentares: *“Será que o corpo de um deus necessita de tal nutrição?”*

Celsus demonstra uma notável intimidade com o caráter apologético dos escritos evangélicos. Ao

contrário de estudiosos modernos, que consideram os evangelhos principalmente como documentos canônicos da igreja cristã, Celsus os considerava como literatura missionária – como propaganda e proclamação – ao invés de biografias sagradas.

Nesse aspecto, Celsus foi o primeiro desmistificador do Novo Testamento, que, na história da igreja, foi seguido por Porfírio, Voltaire, Tom Paine, David F. Strauss, Arthur Drews e Rudolf Bultmann. *“Não devemos omitir uma realidade: os escritos dos discípulos somente contêm fatos sobre Jesus ressaltando aspectos positivos de sua vida.”* E mais, *“suas fábulas não foram tão bem arquitetadas de forma a poder dar credibilidade a essa monstruosa ficção: sei que alguns de seus patriarcas (...) ao tomar conhecimento das inconsistências, pena na mão, alteram os originais por três, quatro, várias vezes mais, até que possam ter um texto que seja capaz de negar as contradições apontadas pelos críticos.”*

Centralizada com esse argumento está a noção de que a morte de Jesus não foi planejada nem prevista, e que os autores dos evangelhos

fizeram um esforço não convincente para dar credibilidade ao que, em sua opinião, é a falha fundamental do cristianismo: *“você admitem que Jesus sofreu e morreu, ou melhor dizendo como vocês o fazem, que ele surgiu para suportar o sofrimento. Pois bem, qual é a prova que vocês têm que ele previu esse sofrimento? E, se ele, por algum período, se tornou um morto, como podem considerá-lo imortal?”*

No entender de Celsus, Jesus somente poderia ter sido um deus se o seu triunfo sobre a morte tivesse ocorrido na hora da crucificação. O fato crucial de que a ressurreição – ao contrário da crucificação – foi um evento não testemunhado por judeus, lança dúvidas na história propagada pelos cristãos, de quem se podia esperar que dissessem que seu mestre tinha realizado tal façanha.

Ainda mais, parece que os cristãos não foram avisados de que *“muitas congregações inventaram histórias similares para desencaminhar os ingênuos,”* sendo os mais

famosos exemplos os de Zamolxis<sup>140</sup>, Pitágoras<sup>141</sup>, Orfeu e Heracles<sup>142</sup>.

Aqui pode-se ver que as tendências epicureanas de Celsus se ressaltam: enquanto ele pede provas para a história dos cristãos, na forma de testemunhas, centra seu argumento na "*questão da ressurreição de um corpo ser uma possibilidade dada a mortais.*" Seu desafio se baseia no conhecimento de que, tais histórias dos cristãos, como outras tantas histórias, são puras lendas.

- I. Celsus interrompe seu diálogo entre um judeu e um cristão para entrar na discussão do próprio movimento. Desta parte de seu

---

<sup>140</sup> **Zamolxis:** antigo deus da Dácia, uma cidade do estado de Madhya Pradesh na Índia. (NTP)

<sup>141</sup> **Pitágoras:** (582 - 500 ac), filósofo e matemático grego. Suas doutrinas influenciaram Platão. Fundou um movimento com propósitos religiosos, políticos e filosóficos, conhecido como pitagorismo. Sua filosofia só é conhecida através da obra de seus discípulos. Os pitagóricos aconselhavam obediência, silêncio, abstinência de alimentos, simplicidade no vestir e nas posses e o hábito da auto-análise. Acreditavam na imortalidade e na transmigração da alma. (NTP)

<sup>142</sup> **Heracles:** nome grego do mais famoso herói da mitologia que os romanos conheciam como Hércules. (NTP)

trabalho pode-se deduzir que ele conhecia muito bem as divisões internas da igreja, como se pode comparar com as obras dos patriarcas da igreja.<sup>143</sup>

De acordo com Celsus, os cristãos do período antigo eram unificados em propósito, depois, mais recentemente, foram se fragmentando em várias divisões e partes, de tal forma que *"hoje eles têm em comum apenas uma coisa: o nome cristão."*

Apesar de silenciar sobre a imoralidade atribuída ao culto pelos autores antigos<sup>144</sup>, Celsus suspeitava enormemente das táticas usadas pelos cristãos em suas tentativas de

---

<sup>143</sup> Ver, por exemplo Justin, *1 Apology*, 7. Justino defende tais diversificações baseando-se que o cristianismo é uma filosofia; ao mesmo tempo coloca-se contra a heresia, alegando que nem todas as filosofias são "verdadeiras".

<sup>144</sup> Devemos entender que, talvez, Celsus não tenha silenciado sobre as imoralidades cometidas pelos cristãos e, no original de seu livro, tenha se referido a elas. Provavelmente, Orígenes, sem ter argumento para rebatê-las, tenha deliberadamente, suprimido qualquer menção a tal assunto em sua apologia. Lembrar que a recuperação do livro por intermédio da apologia de Orígenes somente pode ser feita 70%. Portanto, 30% se perdeu. (NTP)

converter as pessoas, estando convencido que seus rituais foram idealizados para excitar a congregação e toldar o pensamento. Ele compara as celebrações cristãs com as liturgias frenéticas do culto à Cybele<sup>145</sup> e seus efeitos semelhantes aos transe hipnóticos induzido pelos sacerdotes egípcios.

Apesar de serem extremamente iconoclásticos<sup>146</sup>, os cristãos “*adoravam um homem que foi preso e morto*” e tal culto não pode ser considerado melhor que o dos pagãos. É nesse pormenor que Celsus faz seu mais violento ataque aos cristãos: “*Pela razão de que eles mesmos admitem que (somente*

---

<sup>145</sup> **Cybele:** Filha do céu. Deusa da terra e da agricultura. Esposa de Saturno e mãe de Júpiter, Netuno e Plutão. Outros nomes: Ope, Reia e Vesta. O seu maior culto estava na Frigia (atualmente Turquia) (NTP)

<sup>146</sup> **iconoclastia:** O mesmo que iconoclasia. Doutrina religiosa do século VIII que proscovia imagens e o culto dos santos. Seus adeptos eram conhecidos como “*quebradores de imagens*” e começou com Leão III (o Isáurico, imperador do Império Bizantino – Império do Oriente - de 717 a 741) que determinou a destruição de todas as imagens e esculturas de locais sagrados. Foi aprovada pelo concílio de Constantinopla em 754 e condenada pelo concílio de Nicéia em 787. Essa prática foi extinta no século IX, voltando a aparecer entre os Hussitas, Vodenses e Albigenses. (NTP)

*os ignorantes e incultos) são preciosos diante de seu deus, mostram que querem e são capazes de convencer apenas os tolos, canalhas, estúpidos e somente os escravos, mulheres e criancinhas.” Os mestres cristãos aproveitam-se dos jovens e dos fracos intelectualmente e se gabam que vieram para convencer os pecadores, propagando sua mensagem para pessoas que, por seu próprio conceito, não eram indicados para serem salvos.*

Celsus vê na preferência do deus cristão pelos desvirtuados, não divindade, mas crime: um deus que é movido por sentimentos de compaixão é um deus que aprova o mal. Como um filósofo, ele compartilha da crença de Galeno (e também de Platão<sup>147</sup>) que a finalidade da filosofia é a

---

<sup>147</sup> **Platão:** filósofo de Atenas (427-347 ac) Discípulo de pitagóricos, sofistas e Sócrates. Criou a “filosofia platônica”, que é o primeiro sistema completo de filosofia espiritualista. Em essência, ensina que as semelhanças entre os indivíduos derivam de uma realidade pré-existente, sendo a dialética, ou filosofia de idéias, o principal tema do platonismo. As idéias são dispostas de forma hierárquica, ficando no topo a idéia superior, o bem, o próprio deus. Seu discípulo, Aristóteles, escreveu *Metafísica* ou *Primeira Filosofia*, cujo tema central é

ação moral; o cristianismo descredenciou a instrução como uma condição para se alcançar a virtude e parece dizer que deus prefere mais os pecadores que aqueles que aprenderam o caminho da virtude. Um deus desse tipo "*pode ser influenciado pelo choro ou diante de quadros emocionais*".

Talvez, raciocina ele, um homem bom não seja útil para tal deus, uma vez que tal deus precisa se afirmar, principalmente exercitando a misericórdia. Não é de se admirar, então, que eles lutem contra os filósofos, como fazem: "*O conhecimento é uma doença para a alma e a alma que adquire conhecimento perecerá.*"

Celsus encontra ainda uma inconsistência fundamental no deus cristão. Um deus verdadeiramente bondoso **deveria ser capaz de salvar os homens somente pelo seu poder divino**, o que provaria ser

---

que a matéria é incompreensível sem a forma que constitui os seres. No topo da escala dos seres está a forma sem matéria, ou deus – o ato puro. **METAFÍSICA:** a doutrina da essência das coisas, o conhecimento primário das causas. Transcendente é sinônimo de metafísica. (NTP)



ele onipotente. Por que deveria ser necessário para tal deus recorrer a medidas banais – como descer dos céus; qual deveria ser o motivo para tal descida?

Se o motivo era para se fazer conhecido, então, sua intenção fracassou estrondosamente devido à influência e vida inconspícua<sup>148</sup> de Jesus.

A crítica de Celsus aqui se focaliza sobre a contradição entre o propósito e o modo da revelação e sobre a influência dessa contradição na doutrina cristã de deus. Ao invés de ser onisciente, ele provou ser um desinformado, pois deveria prever as conseqüências de seus atos; ao invés de ser todo poderoso, ele provou ser limitado, desde que pareceu ser incapaz de evitar as tragédias que se abateram sobre seu filho.

Ao lado das críticas de Marcion ao demiurgo, Celsus caracteriza o deus cristão como um *“homem que acabou de ficar rico, que decide*

---

<sup>148</sup> **Inconspícua:** difícil de ver, de distinguir ou de notar. O que não chama a atenção. (NTP)

*se mostrar diante dos amigos... É a petulância e a ambição de poder que parece determinar os atos do deus cristão". Celsus ainda aponta que um deus que esperou tanto tempo para ajudar a humanidade a se livrar de sua miséria, não pode ser considerado bom: "Ele se mostra indiferente enquanto o mal triunfa sobre o bem."*

Depois de uma investida inicial de retórica contra a interpretação cristã da bíblia, Celsus volta a considerar os dois problemas que ele acha serem os principais responsáveis pelo desacordo: a existência e o aumento do mal e a doutrina da criação.

Ao primeiro, Celsus acha que o mal é intrínseco à matéria e, sendo constante e cíclico em sua ocorrência, por sua natureza, não pode crescer. Aquilo que é incorruptível – ou seja, a alma humana – é criada por deuses e, portanto não é suscetível de corrupção. Articulado com a visão do mal de Plotínio (*Enneads*, 1.8.9) Celsus contesta a crença cristã da criação, pois sendo boa *ab origine*, devido a sua fonte divina, ficou em

estado de desordem até a vinda de Jesus como salvador do mundo.

Se a quantidade de mal no mundo é constante, então "deus não necessitaria daquilo que os cristãos chamam de nova criação"(cf. Isa. 65.17) Acompanhando a acusação de Marcion contra o criador, Celsus acredita que o deus cristão não é melhor do que *"um operário inexperiente, que é incapaz de construir algo corretamente na primeira tentativa"*.

Finalmente, a doutrina cristã da criação é a ruína de seu sistema teológico: é uma doutrina desfigurada não só pela ingenuidade filosófica, como também marcada pela arrogância humana. Os cristãos, alega Celsus, adquiriram dos judeus a noção de que o mundo foi criado apenas para o benefício da humanidade. Quando ele não serve especificamente a esse propósito, imediatamente recorrem a uma nova ordem para adaptar os acontecimentos, atribuindo suas falhas ao aumento do mal autorizado pelo seu deus. Tal crença é a responsável pela doutrina cristã da redenção, que se

apóia na idéia errada de que deus abandonou sua criação por incontáveis eras e, depois de um período de esquecimento, decidiu reconduzi-la a um estado melhor.

A inconstância por parte do criador leva Celsus a concluir que o deus cristão é contraditório sobre os propósitos que estabeleceu para suas criaturas: ao falhar em construir um mundo perfeito, ele então castiga a humanidade por sua falha (dele) – ou pelo menos, aqueles que não professam a fé cristã. *“É também uma tolice desses cristãos supor que quando seu deus manda fogo (como se fosse um simples cozinheiro) toda a humanidade será devidamente assada e somente eles escaparão ilesos, não só aqueles que estiverem vivos, você pode pensar, mas também (dizem eles) aqueles que estiverem mortos ressuscitarão dos túmulos com seus mesmos corpos que possuíam quando vivos.”*

As premissas de Celsus nesta seção podem ser resumidas assim:

- i. O deus cristão não é todo poderoso, senão teria sido capaz de manter a criação funcionando de acordo com seus propósitos.
- ii. A existência de uma criação com vontade própria e desobediente, que funciona contrariando a vontade do criador dá a entender que ele não é bom; ele está pronto a recompensar aqueles que fazem a sua vontade, mas é forçado a castigar aqueles que não o fazem.
- iii. Finalmente o deus cristão prova ser inferior ao imutável primeiro princípio da especulação grega, ao decretar a ressurreição da carne, uma doutrina que é

considerada “nauseante e impossível”

Pode se dizer que, para Celsus, a fórmula cristã para a vida depois da morte, enfatizando, como faz, a sobrevivência física do corpo, é a parte mais irracional dos seus ensinamentos, pois viola o ideal platônico de imortalidade como sendo um estado não sobrecarregado pela temporariedade da matéria, e porque dá um atributo a deus, o qual, por sua natureza, ele não pode possuir.

- II. Celsus prossegue com um ataque sobre a falta de originalidade dos ensinamentos cristãos e os conflitos dentro de todo o movimento cristão. Aqui ele demonstra conhecer uma grande variedade de movimentos gnósticos e radicais, incluindo vários, de especial interesse, que apresentavam indícios que foram fundados por “apóstolos” femininas.

Dessa forma conhecia seitas cristãs criadas por Helena de Samaria, a lendária esposa de Simão Magus; outras fundadas

por Marcelina, Salomé, Miriamne (=Miriam, a mãe de Jesus?) e por Martha, a irmã de Lázaro (Jo . 11.1f). A polêmica ao catalogar esses grupos, todavia, reside em não se poder impressionar pela quantidade de seitas fundadas por mulheres conhecidas por Celsus; nem há uma boa razão para duvidar dessa lista, já que Irineu também relata a existência de sectários egípcios devotos de Marcelina, uma seguidora de Carpocrataes,<sup>149</sup> e Hipólito comenta (com um grau de precisão que é difícil averiguar) a influência de Miriamne entre os Ofitas.<sup>150</sup>

Salomé e Martha aparecem em vestígios gnósticos conhecidos como Pistis

---

<sup>149</sup>Irenaeus, *Against the Heresies*, 1.25.6

<sup>150</sup> A seita pode ser a mesma dos Naasenos, na verdade um grupo de seitas gnósticas cujo nome se deriva do termo grego para “serpente” (ophis) e que parece terem dado especial significado à serpente como representação de um deus supremo. Hipólito menciona os Ofitas (*Refutation of Heresies*, 5.7.1) juntamente com Peratae e os Sethianos; Irineu os lista (*Against the Heresies*, 1.30) juntamente com os Cainitas. Ver também R. M. Grant, *Gnosticism: An Anthology* (1961), pp 52-59

Sophia,<sup>151</sup> e de acordo com Clemente,<sup>152</sup> Salomé – cujo prestígio já tinha sido garantido na tradição de ressurreição preservada no evangelho de Marcos (16.1) - era figura importante no Evangelho dos Egípcios.

Como um observador da religião florescente, Celsus não poderia estar surpreso pelas divisões na igreja e a conseqüente falha dos cristãos em produzir uma única doutrina sobre deus. Isso o leva a tornar-se altamente disperso, mesmo procurando falhas no cristianismo gnóstico e no diteísmo<sup>153</sup> dos Marcionitas.

Todavia, para Celsus, a postulação de dois deuses – um criador e outro salvador – nada mais é que a materialização de uma dicotomia que os próprios ortodoxos são incapazes de resolver sem comprometer a doutrina de

---

<sup>151</sup> Cf. *The First Apocalypse of James*, V.3, 40.26

<sup>152</sup> Clement of Alexandria, *Miscellanies*, 3.45.63

<sup>153</sup> **diteísmo**: dois deuses (NTP)



imutabilidade do deus supremo: ou o deus único muda de idéia arbitrariamente, aqui ameaçando e condenando, ali perdoando e redimindo, ou então o mundo está dividido, como os Persas afirmam há muito tempo, entre deuses cujas intenções são hostis.

- III. Mesmo considerando que Orígenes manipulou a sua fonte, a última parte da polêmica de Celsus é simples e repetitiva. A indignidade do deus cristão, o absurdo da encarnação e a ingenuidade daqueles que abraçam a nova religião são novamente ridicularizadas. Para isso, Celsus acrescenta uma curta digressão sobre a falta de originalidade da ética cristã e chama ao uso da razão na determinação de preceitos religiosos. Os cristãos, afirma ele, não são os únicos que detestam a violência e desprezam o uso da força para se vingar de ofensas; nem são os únicos a se recusarem a adorar imagens. Repete também seu conceito sobre aqueles que adoram como deus “um homem que apareceu recentemente” e que necessitam incluir

em cada menção a deus alguma referência sobre Jesus – sem dúvida referindo-se à prática cristã de orar em nome de Jesus: *"Quando o chamam de filho de deus, na realidade não estão prestando homenagem a deus; mas sim tentando exaltar Jesus, colocando-o nas alturas."*

Talvez, em última análise, seja precisamente esse aspecto da crença cristã o que mais aborrecia Celsus, pois se os cristãos estavam prontos a homenagear o único filho de deus, por que não fazer o mesmo com aqueles que foram declarados oficialmente filhos de deus pela autoridade legítima?

Os cristãos assumiram, desde há muito tempo, que sacrificaram o monoteísmo de seus pais espirituais; sua ofensa, assim parece aos olhos pagãos, está em *"tentar garantir (através de uma iconoclastia dirigida aos deuses estabelecidos) que Jesus deve ser preservado como o deus e senhor do culto, sem ser rivalizado por nenhum*

*outro."* Assim procedendo, todavia, inadvertidamente reconhecem a existência de outros deuses; e segundo Celsus, se tais deuses existem, sua existência é consentida por um deus supremo e daí, digno de honrarias – que devem prestadas até mesmo pelos cristãos.

- IV. As acusações de exclusividade e religiosidade tribal estão presentes nas seções de encerramento do discurso de Celsus. O quadro que ele pinta é um culto de salvação embriagado em seu próprio sucesso em realizar conversões; pastores cristãos que operam com curas para divertir multidões, simpatizantes de várias classes que, certos de estarem recebendo o espírito santo, profanam estátuas de Zeus e Apolo<sup>154</sup> para depois se gabarem que estão protegidos contra a vingança pelo poder superior de seu deus.

---

<sup>154</sup> **Apolo** filho de Zeus e Leto, era o segundo deus de maior importância no panteão grego (NTP)

Diante de sua sombria realidade social – o fato de que são passíveis de punição e morte por seus atos – os cristãos acreditam que, como nada acontece contra a vontade de deus, mesmo seu castigo deve servir para sua glorificação e impulsionar o eventual triunfo de seu reino.

Se alguém for considerar a resposta de Celsus aos Cristãos apenas em termos do destino aparente que os mártires do século II já tinham conquistado para seu movimento, então seu ridículo ficará certamente obscurecido. Todavia, no seu próprio tempo, a voz de Celsus é a voz das instituições e da tradição. Os cristãos são perigosos precisamente porque colocam o avanço de suas crenças acima dos deuses comuns e do bem estar do estado.

## O TEXTO

O texto grego da obra *Against Celsus* de Orígenes na qual a presente tradução se baseia é uma edição Koetschau do manuscrito do Vaticano ("A" Vat. Gr 386. século 13 em *Die Griechischen christlichen Schriftsteller* 2-3 [Berlin, 1899]) As tentativas de reconstrução de *Alethes Logos* por Bader (1940), Otto Glockner (1924) e Theodor Keim (1873) foram consultadas, mas não houve tentativas de se restaurar a ordem original do trabalho de Celsus.

**Hoje se reconhece amplamente que Orígenes abreviou e omitiu passagens do livro de seu oponente com alguma regularidade** (ver, por exemplo, *Contra Celsum* 2.32, 2.79, 6.22, 6.26, 3.64, 6.17, 50,74; 7.27,32) Não obstante essa constatação, a maioria dos estudiosos coloca em 70% a percentagem do trabalho de Celsus que é acessível através da resposta de Orígenes (K.J. Neumann, J. Quasten, etc)

As referências foram feitas por intermédio da tradução magistral para o inglês de "*Contra*

*Celsus*” feita pelo professor Henry Chadwick e pela tradução de 1712 de James Bellamy.

**Celsus – "Alethes Logos"**  
(“Doutrina Verdadeira”)

## **Sobre a Doutrina Verdadeira** **Um discurso contra os Cristãos**

Traduzido para o inglês por R. Joseph Hoffmann  
Traduzido para o português por Luis VC Vallejo

### **I – Introdução**

O culto de Cristo é uma sociedade secreta cujos membros esgueiram-se pelos cantos com medo de serem levados a julgamento e punidos<sup>155</sup>. Sua teimosia é a persistência de um grupo ameaçado por um perigo comum, e o

---

<sup>155</sup> Aqui, Celsus pode estar se referindo ao assim chamado *Institutum Neronianum* mencionado por Tertuliano (*Ad Nationes* 1:7; *Apology* 5) e Sulpicius Severus (*Chronicles* 2:29) Atitudes brutais contra os cultos cristãos em Roma, nas décadas finais do século primeiro são também provadas pelo testemunho de Suetonius (*Os doze Cesares*, 16, 25:4) e o de Tacitus (*Annals* 15:44) Até o começo do século III havia um decreto para todo o império, tornando o cristianismo proscrito. No século II, o ensinamento da fé cristã era julgado através de um processo conhecido como *cognitio*, no qual

perigo é um incentivo mais poderoso que qualquer maldição para se obter sentimentos fraternos. Essa doutrina era originariamente bárbara, e apesar de que, mesmo os bárbaros são capazes de descobrir a verdade, nesse caso, os Gregos estão melhores equipados para julgar o mérito daquilo que se diz ser verdade nestes dias.

Eles praticam seus ritos às escondidas, para evitar a sentença de morte que se agiganta sobre eles. Nada há de novo ou importante sobre seus ensinamentos éticos; de fato, quando alguém os compara com outras filosofias, sua ingenuidade torna-se aparente.

Tome-se sua aversão pelo que chamam de idolatria. Como mostra Heródoto, os Persas, há muito tempo atrás, acreditavam que coisas feitas por mãos humanas, não podiam ser consideradas deuses. Realmente é absurdo que o trabalho de

---

magistrados provinciais tinham poderes discricionários ilimitados. Na carta do imperador Trajano ao jovem Plínio, proconsul de Pontus-Bythinia, em 111, sugere que a tendência geral daqueles tempos era ser leniente com aqueles que aderiam à nova religião, Ver A.N. Sherwin-White "The Early Persecution and the Roman Law, Again"



um artesão<sup>156</sup> (quase sempre a pior classe de pessoas!) possa vir a ser considerado um deus. O sábio Heráclito disse que “*aqueles que adoram imagens como deuses são tão tolos quanto aqueles que falam com as paredes*”<sup>157</sup>.

Os cristãos dizem que recebem uma espécie de poder ao pronunciar os nomes de demônios ou proferir certos encantamentos, sempre incorporando na fórmula o nome de Jesus e uma curta história sobre ele<sup>158</sup>. Mesmo essa prática é coisa antiga: o próprio Jesus aprendeu a realizar

---

<sup>156</sup> Celsus comprova o desprezo que os nobres tinham pelas classes trabalhadoras, para eles serviços humilhantes (NTP)

<sup>157</sup> Fragmento 5; Orígenes (*Contra Celsum* 7.62) e nota 6 deste texto; Clemente de Alexandria (*Exortação* 4.50.4) Aqui Celsus tenta mostrar que a aversão cristã contra as imagens é uma doutrina plagiada; Orígenes (1,5 –6) argumenta que a prática cristã reflete a perfeição de um princípio moral “escrito por deus nos corações dos homens”. Ambos, Orígenes e Celsus encaram a [iconoclasia](#) como uma questão ética: Os cristãos são culpados de quebrar a tradição e por isso merecem ser tratados como bandidos.

<sup>158</sup> Conforme Atos (3-5f; 5-15; 8.4-8) Jesus autorizou, segundo o evangelho mais elaborado de Marcos, os discípulos a praticarem o exorcismo (16: 9-20 – não é citado nos manuscritos mais antigos), curar e realizar milagres em seu nome. Está muito bem atestado que as mais antigas missões cristãs usavam a magia em grau bem avançado; ver Morton Smith, *Jesus The Magic* (New York,1978).

truques maravilhosos através do uso da magia e encantamentos. Ele sabia que outros o iriam seguir nessas práticas e, parece que excluiu de sua sociedade aqueles que o fizeram. Talvez essa seja a origem da hipocrisia que os cristãos manejam muito bem: *Será que ele agiu corretamente em expulsar aqueles que o estavam imitando?*<sup>159</sup> *Se ele mesmo se considerasse culpado por fazer magias, não teria razão em acusar os outros nem esses seriam considerados maus por seguirem seu líder.*

A cada dia, os mitos considerados por esses Cristãos estão ficando mais conhecidos que as doutrinas dos filósofos. Quem é que ainda não ouviu a fábula do nascimento de Jesus de uma

---

<sup>159</sup> A fonte onde Celsus busca sugestões não é clara; suas acusações podem refletir uma interpretação equivocada de Marcos 13:22, ou das censuras dos apóstolos (Marcos 8:17ff; 21, 33). Marcos (14:50-51) relata uma antiga tradição sobre a deserção de toda uma companhia de apóstolos, no fim da seção que inclui a traição de Judas (14:10) e a previsão sobre a negação de Pedro(14:26) Seja qual for o evangelho que Celsus consultou – possivelmente um texto marcionita – as tradições relacionadas com a censura e deserções estão firmemente documentadas. Cf. Orígenes (Contra Celsus – 2.39)

virgem ou as histórias de sua crucificação e ressurreição? E, por estas fábulas, os cristãos estão prontos a morrer - e realmente morrem!

Mas, eu não queria dizer que uma pessoa que está em dificuldades por causa de algumas dessas crenças excêntricas deva renunciar sua fé ou simule que renunciou a ela. O fato é esse e os Cristãos fariam melhor se atentassem a isto: Qualquer um deve, primeiramente, seguir a razão antes de aceitar uma crença, uma vez que alguém que crê sem testar a doutrina será certamente ludibriado.

Temos uma grande quantidade de exemplos em nosso tempo: os mendigos que se lamentam em Cybele, os profetas, os adoradores de Mithras<sup>160</sup>

---

<sup>160</sup> **Mithras:** também conhecido como Mitra e Mitras. É um antigo deus da Pérsia, que inspirou Zoroastro (Zaratustra – o mais importante profeta da história das religiões monoteístas) a estabelecer um culto do qual derivaram as três grandes religiões monoteístas: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Ver anexo sobre o mitraísmo (NTP)

e Sabazius<sup>161</sup>, aqueles crédulos em aparições de Hecate<sup>162</sup> e vários outros deuses<sup>163</sup>.

---

<sup>161</sup> **Sabazius:** deus da vegetação, na Frígia e na Trácia e cujo culto se espalhou na Grécia no século V ac. (NTP)

<sup>162</sup> **Hecate:** Deusa da mitologia grega. Única filha do Titã Perseu com Asperia, irmã de Leto. Era uma das favoritas de Zeus, que lhe deu uma parte dos céus, da terra e dos oceanos. Era invocada em todos os sacrifícios, pois representava o poder divino e era a intermediária das ações dos outros deuses. Dessa forma abençoava todas as atividades diárias das pessoas: nas batalhas em terra e mar, nas caçadas, na educação das crianças, nos ganhos com comércio, etc. Posteriormente foi confundida com Persefone, a deusa do mundo inferior. Foi também associada a Artemis, a deusa da lua. Mais tarde, essas ligações com o mundo inferior e a lua fizeram com que as pessoas a adorassem como deusa da noite, da magia e dos espíritos. Ela podia ser vista nas encruzilhadas e nos cemitérios, onde sempre aparecia acompanhada dos cães de Estix e por um cortejo formado pelas almas dos defuntos e uma enorme variedade de seres espectrais. Seu culto era extremamente difundido, em templos e nas casas das pessoas onde sua estátua - composta de 3 pessoas unidas pelas costas, segurando objetos como chaves, adagas, serpentes e cães - era colocada em altares na frente das casas e na beira das estradas. O último dia de cada mês era dedicado a ela e as pessoas colocavam nesses altares e nas encruzilhadas, oferendas, principalmente ovos, peixes, cebolas e mel. Eram sacrificados em sua honra filhotes pretos de cães e ovelhas. Era protetora dos feiticeiros e dos mágicos. (NTP)

<sup>163</sup> Celsus centra seus ataques no fato de que o cristianismo é somente outra forma de irracionalidade que caracteriza as religiões ocultas. Galeno (200-130 ac) também achava o

Assim como os charlatões dos cultos tiram vantagem da falta de instrução dos ingênuos, que deixam conduzir-se no cabresto, assim também fazem os mestres cristãos: eles não querem dar ou conhecer razões pelo que crêem. Sua expressões favoritas são: "**Não pergunte! Só creia!**" e "**Sua fé vai lhe salvar!**". "**A sabedoria deste mundo**" - dizem eles – "**é o mal. Ser simples é ser bom!**"<sup>164</sup>

---

cristianismo um culto que promovia superstições e explorava a credibilidade dos pobres e a falta de cultura através "mandando (seus discípulos) a aceitar tudo no que diz respeito a fé" (cf. Richard Walzer, *Galen and Jews and Christians* (London, 1949) p. 15

<sup>164</sup> Nos evangelhos, a ênfase na simplicidade aparece em passagens tais como Marcos 10.15f e Lucas 10:21; as epístolas de Paulo, I Cor 2.1f e 1.18-22 parecem refletir a atitude típica cristã da época – as décadas centrais do primeiro século – em busca de sabedoria voltada para estudos dos escritos e fluência do discurso em argumentações orais (cf. I Cor 1.17-20) Celso achava irritante a recusa dos cristãos em colocar sua doutrina em debates públicos; Orígenes, refutando, não achava nada demais pois "com respeito a artigo de fé, que é tão falado freqüentemente, consideramos (a fé) um instrumento útil para as massas; e é verdade que para aqueles que não encontram um meio de achar tempo dentro do seu trabalho para aprender filosofia, nós instruímos que acreditem sem examinar as razões para sua crença" (*Contra Celsus*, 1.10)

Se, ao menos, pudessem responsabilizar-se por responder meus questionamentos – que não os faço como alguém que está tentando entender suas crenças (há muito pouco a entender!). Mas, recusam-se a responder, e ainda desencorajam que se façam perguntas de qualquer espécie.

Por esta razão, encarreguei-me de compor um tratado para sua instrução; assim, poderão enxergar por si mesmos o verdadeiro caráter da doutrina que escolheram para abraçar e a verdadeira de base de suas opiniões.

## II – A falta de originalidade na fé cristã

Muitas nações do mundo seguem doutrinas similares aquelas professadas pelos cristãos. Isso leva alguns estudiosos a concluírem que existe uma fonte original para as várias opiniões que objetivam ser a “*doutrina (religiosa) verdadeira*”. Os historiadores dessas nações nos legaram suas explicações, sem mencionar que nos oferecem uma versão muito unilateral de sua religião nacional e uma visão preconceituosa das religiões dos povos vizinhos.

Os profetas dos judeus e seu grande herói, Moisés, escreveram a história de seu povo de um modo a favorecer suas crenças<sup>165</sup>. O modo dos egípcios encararem os judeus, o que não surpreende, é bastante diferente.

---

<sup>165</sup> Celsus acreditava que Moisés era um dos autores da Bíblia, o que hoje, comprovadamente não é verdade. A própria existência de Moisés é seriamente questionada nos meios históricos (NTP)

Todavia, anteriormente a esses pontos de vista, a esses preconceitos nacionais, está uma doutrina antiga que existiu desde o princípio – uma doutrina, segundo se conta, sustentada pelos homens mais sábios de todas as nações e cidades.

Esta doutrina foi abraçada não somente pelos sábios entre os judeus, mas também pelos sábios egípcios, assírios, indianos, persas, odrysianos, samotracianos e eleusianos.

Os galactophagi de Homero, os druidas de Gaul e mesmo os getae<sup>166</sup> (por exemplo) mesmo antes dos judeus, acreditam em doutrinas muito parecidas com aquelas que os judeus acreditam. Linus, Musaeus, Orfeu, Pherecydes, Zoroastro, o persa, e Pitágoras<sup>167</sup> estudaram essa doutrina e suas opiniões estão guardadas em livros que ainda podem ser consultados.<sup>168</sup>

---

<sup>166</sup> **Getae:** Dacianos, povos da Trácia, perto do Helesponto. (NTP)

<sup>167</sup> Personagens da história antiga, alguns míticos, como **Musaeus**, cujo nome significa “pertencente às musas” (NTP)

<sup>168</sup> A pesquisa de conhecimento de Celsus é projetada para mostrar que as doutrinas do Cristianismo, sendo derivadas do Judaísmo, são inadequadas para o mesmo propósito a que o



A história mosaica é uma entre muitas, e aqueles que tentaram universalizá-la ou disfarçar suas parcialidades tratando alegoricamente os livros de Moisés (mais corretamente – se é que se pode ser correto – do que aqueles que tomam tais obras ao pé da letra) vão por um caminho errado e enganador.

Se examinarmos a literatura de uma única nação, poderíamos concluir que houve apenas um dilúvio, um incêndio, um rompimento na ordem de criação. Mas, na realidade, aconteceram muitos dilúvios<sup>169</sup>, muitos incêndios – aqueles

---

Judaísmo é inadequado. Uma crítica freqüente ao Cristianismo no segundo século era sua inovação – crítica da qual, os antigos missionários, como Paulo, parecem ter usado para criar coragem (I Cor 2.24), mas que os apologistas como Justino (160 dc) achavam mais rentável representar o cristianismo como uma revelação de doutrinas eternas esboçadas no judaísmo e filosofia pagãs. (1 Apologia 32:59) Orígenes (1.18) rebate dizendo que os livros citados por Celsus não mais existem e em nenhuma ocasião eles podem ser comparados com a história Mosaica.

<sup>169</sup> A história do dilúvio é narrada nas plaquetas cuneiformes da Suméria, 4 mil anos antes de Cristo e mil anos antes de Abraão. Celsus está corretíssimo ao acreditar que os mitos da Bíblia dos hebreus eram plágios (NTP)

dilúvios no tempo de Deucalião<sup>170</sup> e o incêndio no tempo de Phaeton foram os mais recentes que os restantes.<sup>171</sup>

Os Gregos, naturalmente, acreditavam nessas antigas catástrofes uma vez que não possuíam registros de eventos anteriores, pois tais registros foram destruídos durante inundações e incêndios. Moisés tomou conhecimento dessas crenças,

---

<sup>170</sup> **Deucalião** era filho de Prometeus e Climene. Quando Zeus mandou o dilúvio para matar toda a humanidade pecadora, Prometeus avisou seu filho para construir uma arca e se salvar. Quando o dilúvio acabou, fizeram sacrifícios a Zeus e perguntaram ao oráculo de Themis como fariam para repovoar a terra novamente. Foram informados que deveriam atirar pedras para trás por cima de seus ombros. As pedras que Pyrra jogou se transformaram em mulheres e as de Deucalião, em homens (NTP)

<sup>171</sup> Celsus se refere ao conto de Critias, *Timaeus*(22) “Uma vez Phaeton, filho de Helios, aparelhou os cavalos na carruagem de seu pai e como não sabia conduzi-la pelo caminho certo, como seu pai, queimou tudo o que havia na terra....Isso é contado como mito, mas realmente significa uma referência aos corpos que se movem nos céus em volta da terra e um grande explosão de astros sobre a terra que ocorre depois de grandes intervalos” . O resultado dessa catástrofe é representado por um dilúvio mundial periódico, enviado pelos deuses para purificar a terra. Dois foram poupados: Deucalião e Pyrra. O alto conceito de Celsus pela sabedoria egípcia (*Contra Celsus* 1:14, 6:80) o leva a concluir que os mitos hebreus eram plágios.

comuns entre as nações adiantadas e entre homens notáveis e então atribuiu a si mesmo uma certa reputação de possuir poderes divinos. Essas doutrinas foram por ele usadas para educar os judeus.

Mesmo assim nada do que ele ensinava podia ser considerado original: o ritual da circuncisão, por exemplo, que eu não critico – chegou até aos judeus através dos egípcios, onde o rito era usado para produzir efeitos mágicos.<sup>172</sup>

Apesar disso, sem uma causa racional, os pastores e criadores de cabras seguiram Moisés, que ensinou a eles que não havia senão um Deus – aparentemente enganado por suas crenças bastante infantis – e os obrigou a abandonar sua tendência natural de acreditar na existência de deuses.

---

<sup>172</sup> Sobre a circuncisão egípcia, cf. Heródoto, *História*, 2,104; Orígenes: *Homily on Jeremiah*, 5,14. Novamente, o debate retorna à pergunta sobre quem copiou de quem: Orígenes (1,22) afirma que os egípcios faziam uso do nome de Abraão em algumas de suas fórmulas mágicas e começaram a circuncidar imitando a prática dos judeus. NTP: Gerald Massey prova sem qualquer sombra de dúvida que as origens desses costumes provém do Antigo Egito, milênios antes dos hebreus

De nossa parte, estamos com a maioria: Mnemosyne, que gerou as Musas, por intermédio de Zeus; Themis, mãe das horas, e assim por diante<sup>173</sup>.

Mesmo assim, esses pastores e criadores vieram a crer em um único deus, chamado por eles de Altíssimo – *Adonai*, o Celestial – e algumas vezes *Sabaoth*, ou aquele que é – e deixaram de crer em todos os outros deuses.

Mesmo excluindo os outros nomes do deus supremo, eles não deixaram de mostrar sua tolice! Não importa nem um pouco como alguém chama o deus supremo – ou se usa nomes gregos ou nomes indianos ou os nomes usados antigamente pelos egípcios.

---

<sup>173</sup> **Mnemosyne**: deusa da memória e inventora das palavras. Filha de Urano e Gea (Geia ou Gaia) era uma das três musas iniciais. Foi engravidada por Zeus e se tornou mãe das 9 outras musas. Themis é irmã de Mnemosyne, sendo considerada deusa responsável pela ordem das coisas, estabelecidas pelas leis e costumes. Igualmente foi engravidada por Zeus. Uma das suas filhas são as Horas. Os romanos a chamavam **Justitia**. (NTP)

Além disso, apesar de terem exclusividade junto ao deus supremo, não adoram, os judeus, os anjos e eles não estão incluídos em rituais de bruxaria, assim também como estava Moisés, como nos mostram suas escrituras?<sup>174</sup>

Eu devo retornar a falar sobre as doutrinas Judaicas durante o transcorrer dessa obra. Primeiramente, todavia, devo tratar de Jesus, o chamado salvador, aquele que, há algum tempo atrás, ensinou novas doutrinas e a quem se acreditava ser o filho de deus.

Tentarei mostrar que este salvador prejudicou a muitos e os obrigou a aceitar uma forma de crença nociva ao bem estar da humanidade.

Crescendo a partir das classes baixas, a religião continua a se difundir entre o vulgo: com efeito,

---

<sup>174</sup>Uma elaborada hierarquia de anjos foi desenvolvida nos livros do velho testamento, notadamente em Enoch 9-12, escrito no século dois antes de cristo. A defesa da adoração de anjos também é imputada contra os hereges, conforme em Col. 2.18, onde está ligada a certas práticas de automortificação. Celsus declara que Moisés, por ter aprendido artes mágicas, pôde executar truques no Egito. Ver Smith, *Jesus The Magician*, pp. 21-70

pode-se dizer, ela se espalha devido à sua vulgaridade e falta de cultura de seus adeptos<sup>175</sup>. E, apesar de existirem algumas poucas pessoas moderadas, razoáveis e inteligentes que estão inclinadas a interpretar sua crença de forma alegórica<sup>176</sup>, ela prospera em sua forma pura entres os ignorantes.

Vamos imaginar o que um judeu – deixemos de lado o filósofo – pode perguntar a Jesus:

*“Não é verdade, bondoso senhor, que você forjou a história de seu nascimento de uma virgem, para encobrir rumores sobre a verdade e circunstâncias desagradáveis sobre sua origem? Não seria o caso que, longe de ter nascido na cidade real de David, Belém, você realmente nasceu numa cidadezinha pobre de uma mulher que ganhava a vida*

---

<sup>175</sup> Cf. Cor 2.6f

<sup>176</sup> Celsus, sem dúvida, tem em mente tais mestres como Ignatius da Antioquia e Clemente de Roma, cujas interpretações tipológicas do Velho testamento, abriram caminho para a exegese alegórica de Clemente de Alexandria e o próprio Orígenes. NTP: **Exegese**: explicação, interpretação de uma obra

*como tecelã<sup>177</sup>? Não seria o caso que, quando seu pecado foi descoberto, a saber, que estava grávida de um soldado Romano chamado Panthera<sup>178</sup>, ela foi expulsa pelo seu marido – o carpinteiro – acusada de adultério? Não é fato, ainda, que, em sua desgraça, vagando longe de sua casa no silêncio e humilhação, ela deu à luz a um filho? E o quê mais? Não é verdade que você se empregou como operário no Egito, lá aprendendo sortilégios e adquirindo notoriedade da*

---

<sup>177</sup> Para analisar melhor as tradições do midrash e do talmude sobre o nascimento de Jesus e os milagres, ver *Jesus Fora dos Evangelhos*, J. Hoffmann (39-60). A alusão de Celsus a essas histórias é uma importante prova da força de sua propagação no século dois. Ele pode ter tido acesso a tradições escritas, que circulavam entre os judeus, com a finalidade de refutar os evangelhos.

<sup>178</sup> O nome “Panthera” é o mais citado para o pai romano de Jesus, na literatura polêmica dos judeus. A história per si pode ser uma tentativa dos críticos para desmoralizar o conto cristão do nascimento de uma virgem: Panthera (pantera) pode ser um trocadilho com a palavra grega para virgem – parthenos – usada em Mat 1.23 para explicar que o nascimento de Jesus foi conforme a profecia do Velho Testamento.

*qual você, agora, se gaba entre seus conterrâneos?"*<sup>179</sup>

Que absurdo! Os cristãos usaram de forma clara os mitos de Danae e de Melanippe<sup>180</sup>, ou os de Auge e Antíope<sup>181</sup> para inventarem a história do

---

<sup>179</sup> Nos círculos judeus se acreditava que Jesus tinha feito seus milagres através de artes mágicas aprendidas no Egito, alegação essa que foi editada nas tais seções apologéticas do evangelho de Marcos (3.22-23). No compêndio de contos Tol'doth Yeshu, baseados em tradições do talmude e midrash, Jesus é descrito como alguém que aprendeu encantamentos no Egito e retornou a Jerusalém onde "desencaminhou Israel" pela sua obra. Veja mais em *Jesus Fora dos Evangelhos*, J. Hoffmann (46-50)

<sup>180</sup> **Danae:** Era filha de Acrysius, rei de Argos. Um oráculo previu que ele seria assassinado por um de seus netos, filho de Danae. Para evitar esse evento, Acrysius trancou Danae em uma torre de bronze, onde ela não tinha contato com ninguém. Apesar disso, Danae teve um filho, Perseu, tendo ficado grávida de Zeus que a visitou sob a forma de uma chuva de ouro. Acrysius, desesperado, colocou Danae e Perseu em um cofre que foi lançado ao mar. O cofre foi parar na ilha de Serifo, onde um pescador salvou a mãe e o filho.

**Melanippe:** Irmã de Hyppolita, a rainha das Amazonas (NTP)

<sup>181</sup> **Antíope:** Filha do deus-rio Asopo e que foi engravidada ao mesmo tempo por Zeus e Epopeio. Dessa gravidez milagrosa nasceram os gêmeos Anfion e Zeto. O primeiro filho de Zeus e o segundo filho de Epopeio. **Auge:** filha do rei de Tegea. Mãe de Telephus, cujo pai era o deus Heracles (Hercules) (NTP)



nascimento de Jesus de uma virgem<sup>182</sup>. Sua mãe deve ter sido uma linda mulher para que o deus supremo possa ter tido uma relação com ela!

Esse é um ponto interessante, uma vez que, como dizem os filósofos, deus, por natureza não aprecia corpos mortais, portanto não pode amar uma mulher. Será que temos que acreditar que este deus supremo se apaixonou por uma mulher sem casta – desconhecida e despercebida mesmo para seus vizinhos? É estranho que o reino de deus, o princípio básico de seus ensinamentos, esteja baseado na sina de uma mulher desgraçada, cujo marido a rejeitou.

Vamos continuar a examinar perguntas que um judeu faria a Jesus:

*"Quando você foi batizado no rio Jordão, por João, conta-se que se viu o que parecia um pássaro pairando sobre*

---

<sup>182</sup>Nas comparações clássicas das narrativas sinóticas infantis, ver o material fornecido por Dungan (*Sources for the Study of the Gospel*) pp 129-36 – NTP: no mitraísmo, encontra-se a história de **Anahita**, que deu a luz a Zoroastro, sendo virgem. Isso cerca de mil anos AC.

*você<sup>183</sup>. E o que contam as testemunhas desse evento fantástico? Eu também estou ansioso para conhecer quem ouviu a voz atestando que você era o filho de deus. Pois, até agora o que somente se ouviu foi sua voz e sua palavra para atestar tal milagre, o que é pouca coisa. Mas, talvez você queira argumentar que temos as palavras dos santos profetas – aqueles que se incomodam em serem suas testemunhas. Com o devido respeito, tenho que perguntar o que levou você a acreditar que é o alvo dessas profecias em detrimento aos milhares de pessoas que viveram depois que foram feitas? O que pode ser aplicado a você, certamente também pode ser aplicado a outros, você não é o único que apareceu clamando e apregoando ser o filho de deus. E não seria razoável, se você realmente for, como você diz, o filho de deus, que deus o ajudasse a escapar das calamidades ou,*

---

<sup>183</sup> Smith (*Jesus the Magician*) encontrou um paralelo interessante entre a história da epifania de Marcos( 1.11) e um papiro mágico grego

*que você fosse capaz de escapar delas, por si mesmo? Você diz também que a graça divina transforma qualquer um em filho de deus.<sup>184</sup> Assim sendo, qual é a diferença entre você e qualquer outra pessoa?"*

*"Porém, vamos rever a história sobre o seu nascimento: você diz que os magos vieram adorá-lo como a um deus, quando você era um recém-nascido,<sup>185</sup> e que eles contaram isso a Herodes, o Tetrarca que mandou seus homens para matar aqueles que nasceram naquela época, esperando destruir você juntamente com eles. Isso foi feito, dizem, para que se assegurasse que você não reinaria quando crescesse. Isso é muito intrigante! Se Herodes fez isso para evitar que você viesse a ser rei*

---

<sup>184</sup> Cf. João 3.1

<sup>185</sup> Esta história só aparece em Mateus (2.9), todavia não se sabe como Celsus teve conhecimento do texto do evangelho de Mateus. Para identificar os magos, ver J. Bidez e Franz Cumont (*Les Mages Hellenisés*) 33-36

*quando crescesse, ocupando o seu lugar, então por que você não se tornou rei? Por que – imaginando-se filho de deus – você saiu mendigando comida, acovardando-se ante a ameaça do povo e vagabundeando como um mendigo?”*

De acordo com os judeus, Jesus agrupou em volta de si dez ou onze<sup>186</sup> desagradáveis personagens – coletores de impostos, marinheiros e similares - e estes se apressaram em tornar sua vida o melhor possível, geralmente através de duplas ocupações de modos questionáveis.

Mas (os judeus vão querer perguntar):

“Não é formidável que você tenha sobrevivido a isso tudo? Principalmente, quando você era

---

<sup>186</sup> Aqui, pode ser que Celsus deliberadamente erre na conta do número de apóstolos – talvez para depreciar a significação simbólica do número doze – ou não tenha sido capaz de determinar o número preciso. Os críticos Judeus afirmam que Jesus tinha bem menos apóstolos que os evangelhos contam. Lucas (10.1) parece planejar em refutar a acusação de que Jesus era incapaz de atrair um grande número de seguidores.(cf. Marcos 6.7)

criança e teve que fugir para o Egito para não morrer. Eu fico preocupado com o fato de você, sendo um deus, tenha ficado com medo da morte.

Um anjo dos céus avisou sua família do perigo que vocês estavam passando e que teriam que fugir.<sup>187</sup> Esse foi o segundo anjo, se ouvi corretamente, que foi enviado para lhe dar avisos. Cabe perguntar por que muitos outros não poderiam ter sido enviados pelo Altíssimo – sendo você seu filho muito amado!

Por isso tudo, os antigos mitos dos gregos que atribuíam um nascimento divino a Perseu<sup>188</sup>, Amphion<sup>189</sup>, Aecus<sup>190</sup> e a Minos<sup>191</sup>, são igualmente boa prova do seu fantástico trabalho

---

<sup>187</sup> Mat. 2.13 – O material citado é peculiar ao evangelho de Mateus

<sup>188</sup> Conforme já visto, **Perseu** foi concebido por Zeus, de forma milagrosa. Ver Danae (NTP)

<sup>189</sup> **Amphion** (Anfion) . Também já visto. Ver Antíope (NTP)

<sup>190</sup> **Aecus** era filho de Zeus e Aegina e rei da ilha de Aegina. Pai de Telamon e Peleus e avô de Aquiles. Zeus raptou Aegina, que concebeu Aecus, também de forma milagrosa (NTP)

<sup>191</sup> **Minos**: Rei de Creta, filho de Zeus e da princesa fenícia Europa. (NTP)

em benefício da humanidade – e não tiveram, certamente, menos perda de plausibilidade que as histórias de seus seguidores. O que você fez com palavras ou com façanhas que é tão maravilhoso como o que fizeram esses heróis antigos? Desafiado no Templo para produzir algum sinal que comprovasse ser você o filho de deus<sup>192</sup>, nada nos apresentou.”

“Talvez você nos mostre aqueles truques dos quais os seus discípulos tanto se gabam: aquelas curas e ressurreições ou alimentar a multidão com alguns pães (tendo ainda sobrado!).<sup>193</sup> Histórias monstruosas para serem verdadeiras.

Mas vamos pensar no caso de que tais coisas foram realmente realizadas por você. São elas tão diferentes do tipo de coisas feitas pelos feiticeiros – que também propagam realizar milagres maravilhosos, tendo aprendido seus truques com os egípcios?

Pelo menos, os feiticeiros, por alguns centavos, fazem suas mágicas para qualquer um, no

---

<sup>192</sup> Parece que Celsus tinha em mente João 10.24

<sup>193</sup> Marcos 6:34-44

mercado. Eles expulsam demônios, curam doenças de todas as espécies e fazem aparecer os heróis mortos do passado – sentando-se em longas mesas e comendo bolos e iguarias imaginários. Eles fazem objetos se moverem, como se estivessem vivos – tudo ilusão, pode ter certeza, mas bastante impressionante para a imaginação média.

Pergunto então: Se esses homens são capazes de realizar essas maravilhas, não deveríamos também, encará-los como filhos de deus? Ou faríamos melhor dizendo que são artifícios de pessoas malignas, que estão possuídas pelo demônio? <sup>194</sup>

Eu acho, Jesus, que o Altíssimo não escolheria um corpo como o seu, nem o corpo de um filho de deus teria nascido como você nasceu. Conhecemos seus hábitos alimentares. Qual! Será que o corpo de um deus necessita desse tipo de nutrição?

---

<sup>194</sup> Cf. Apuleios, *Metamorphoses*, 1-4. Celsus considerava os discípulos como uma corja de mágicos que apregoava sua obra no mercado. Atos 5.12-16

Ficamos sabendo, por diversas vezes, de suas tentativas mal sucedidas de convencer os outros a abraçar sua causa – evidentemente que os truques não foram suficientes para atrair sua atenção. Muitos se perguntam por que um deus precisa utilizar tais artifícios para ser persuasivo – mesmo comendo peixe depois de sua ressurreição.<sup>195</sup>

Melhor pensando, acho que suas ações são as de alguém que é odiado por deus, as ações de um feiticeiro.” Assim fala nosso judeu a Jesus.

---

<sup>195</sup> Lucas 24-43. Esta passagem em Lucas parece inventada para oferecer uma prova irrefutável da ressurreição física de Jesus. Sua finalidade apologética agora está bem definida, tendo sido projetada para combater certas heresias (como, por exemplo, as de Marcião e Basilides) que afirmam que Jesus era um ser humano apenas na aparência. Ver Hoffmann- *Marcion: On the Restitution of Christianity* – pp 55-83



### III – Mensagem aos Judeus

Quero agora me dirigir aqueles crentes judeus que abandonaram a fé de seus pais, iludidos e ridiculamente enganados por esse Jesus, tornando-se estranhos em seu meio. Nosso judeu diria a eles:

*"Por que, ó filhos de Israel, vocês abandonaram a lei de seus pais e tornaram-se escravos do poder deste homem, apesar de nossas prévias advertências? Vocês foram enganados. Vocês desertaram de Israel em troca de outro nome. Quando punimos esse Jesus que os ludibriou<sup>196</sup> - vocês abandonaram a lei – ou melhor, principiaram a abandonar a lei de seus pais.*

---

<sup>196</sup> A responsabilidade dos judeus na execução de Jesus é uma parte curiosa na polêmica de Celsus; parece que ele aceitava a tradição comum do talmude que Jesus tinha sido apedrejado e depois pendurado (morto) em praça pública na noite de páscoa – uma tradição ainda mencionada em Tess 2.15. Cf. Hoffmann *Jesus Outside the Gospels* pp 48-49

*Mas, por que começaram a sair da religião dos Judeus? Como podem desdenhar das origens nas quais vocês mesmos se orgulham de terem sido criados? Ou podem apresentar outra origem para sua doutrina além da nossa lei? Não é verdade que nossos próprios profetas falavam por deus entre os homens? João, a quem vocês reverenciam como profeta, era também judeu. E, como doutrina central de sua fé – a crença de que a morte chegou e que deus julgará os bons e maus – sua religião nada de novo está ensinando.*

*"Vejam seu Messias. Jesus, de acordo com seus escritos, manteve todas as festas e costumes judeus. Ele até participou de nossos sacrifícios.<sup>197</sup> Será isso a chancela de um filho de deus? Esse seu deus é arrogante. Ele é um grande mentiroso. Ele é um blasfemador e profanador do Sábado.*

---

<sup>197</sup>Celsus é estranhamente moderno ao fazer essa distinção entre o Jesus histórico e as crenças dos discípulos. Cf. Marcos 14.12

*O pior de tudo é que ele lutou para convencê-los, ou aqueles que pareciam estar prontos a serem enganados, a segui-lo em sua profanação e mentiras. Ele é um mentiroso, porque algumas vezes respeitava as linhas gerais de nossas leis e não hesitava em abandoná-las quando fosse conveniente: a circuncisão, as festas da lua nova, a distinção entre o que era e não era impuro.*

*Tudo isso foi feito com o propósito enganoso de converter todos os judeus, o único, portanto, que os levaria à derrota. Aquele que pode punir os maus, somente virá de deus, e, nesse dia, como vocês irão desprezar esse Jesus!"*

*"Vejam seu deus: Como podem considerá-lo como deus, se, de fato, ele não se preocupou em tornar público nada do que professava?"<sup>198</sup> Depois que foi*

---

<sup>198</sup> Celsus argumenta que se Jesus fosse um deus, teria obrigação de fazer-se conhecer por palavras e obras; passagens como as de Marcos 3.13 que sugerem uma certa relutância em uma parte de Jesus em promover sua

*julgado e condenado e foi decidido que seria punido, onde o encontramos? Escondido – tentando fugir!<sup>199</sup> E, ainda, não foi ele traído por aqueles a quem, tolamente, chamava de discípulos?<sup>200</sup> Se ele fosse um deus, seria de se esperar*

reputação como curandeiro, são interpretadas como significando que Jesus não queria ser considerado um deus. Hoje é unânime a opinião que estas passagens (cf Marcos 6.43-8.36) são partes de uma ironia dramática no evangelho de Marcos. Sobre o assunto “oculto” como tema dos evangelhos, ver Wilhelm Wrede, *The Messianic Secret* (pp. 24-81)

<sup>199</sup> Novamente aqui, a cultura de Celsus o leva a concluir que a agonia no jardim de Getsemane (Marcos, 14.32-42) foi premeditada (como Lc 24:43) para enfatizar uma cristologia especial da igreja – nesse caso sendo antidocética – sendo prova que Jesus perdeu a virtude divina essencial da serenidade. Em Marcos 15, no julgamento diante de Pilatos (que Celsus não menciona) assegura que Jesus apresentou uma atitude esperada de um deus após sua prisão. **NTP:** Mais uma vez lembramos que os evangelhos foram escritos no século IV, não existe nenhum original dos mesmos, e, como Celsus não menciona Mc 15, provavelmente em sua época (cerca do ano 150) não havia sido escrita a tal cena, preparada, segundo parece, especialmente para rebater Celsus nesta passagem - NTP: **DOCÉTICO:** Heresia para os cristãos, surgida no século II, ensinando que Jesus, sendo deus e assumindo a aparência de ser humano, havia nascido, vivido e morrido somente em aparência. (grego: *dokein* – parecer)

<sup>200</sup> Cf. Mc 14.17-21, 14-52f; 14 66-72

*que tivesse que fugir? Teria permitido que, ele mesmo, fosse preso? E, principalmente: Poderia um deus – um salvador, como é chamado, e filho do Altíssimo – ser traído pelos mesmos homens a quem os ensinou e partilhou tudo?*

*Vejam que absurdo vocês escolheram para criar uma doutrina: nenhum general que se preze seria passível de traição pelos seus milhares de comandados, nem mesmo um líder de ladrões, comandando uma turma de bandoleiros se deixa ludibriar por aqueles a quem tenta liderar. E Jesus? Ele foi traído por aqueles que lhe eram mais chegados, seus comandados diretos, e procedeu, não como um general, nem (quando zombou de seus discípulos) obteve o respeito de seus seguidores, mesmo num grau mínimo, como o que fazem os ladrões quando respeitam seu chefe.*

*"Eu poderia continuar, nestas linhas, fornecendo um bom material sobre os casos da vida de Jesus que não aparecem em seus próprios registros.*

*Realmente, os casos que sei e os que os discípulos contam são histórias bem diferentes. Mas, vamos deixar de lado esses detalhes. Vamos esquecer a traição dos seus discípulos e a idéia ridícula de que Jesus tinha previsto tudo o que ia acontecer a ele<sup>201</sup> (uma óbvia tentativa de esconder os humilhantes fatos).*

*Mas, não devemos omitir que os escritos dos discípulos contêm somente aqueles fatos sobre a vida de Jesus que são de caráter elogioso. É a mesma coisa que dizer, de um lado, que este é um homem correto, enquanto de outro, se admite que é um malfeitor; ou explicando melhor, apontar que um homem é um assassino, enquanto se diz que é santo, ou, enquanto se propaga que ele está em ascensão, mostra-se que está morto; e então - sobretudo - anunciar que ele tinha previsto tudo isso!*

*Vocês admitem que Jesus sofreu e morreu (ou melhor, como vocês dizem, que ele surgiu para padecer desses*

---

<sup>201</sup> Mc 10.32-34; 9.29-31; 8.31-33

*sofrimentos)<sup>202</sup>. Mas, que evidências apresentam para comprovar que ele sabia antecipadamente deste sofrimento? E, se em um dado momento ele morreu, como pode ter sido ele imortal? Parece-me que qualquer deus ou demônio – ou neste caso, qualquer homem sensível – que tenha conhecimento prévio do que vai lhe acontecer, tentará de todas as maneiras evitar que lhe aconteçam tais desgraças.*

*Quer dizer, se ele teve o prévio conhecimento de ambos, do homem que ia traí-lo e do homem que ia negá-lo, é provável que eles teriam medo dele como deus, e sabendo que ele sabia, o primeiro não ia traí-lo e o segundo não ia negá-lo.*

---

<sup>202</sup> Uma alusão à cristologia gnóstica docética. Celsus certamente tomou conhecimento dos ensinamentos Marcionitas (*Contra Celsus*, 5.62) e lista uma série de considerações de outras seitas que negavam o sofrimento físico de Jesus na cruz. A maioria das cristologias do período arcaico eram docéticas em algum grau (cf. Jo 20.19; Mc 16.12,19) Os argumentos de Celsus são baseados na incongruência filosófica de se postular o sofrimento de um deus.

*Naturalmente, do jeito que a história é contada, ambos, um traiu e outro negou, sem nenhuma preocupação sobre esse fato. Se as pessoas conspiram contra uma pessoa que sabe previamente da conspiração e diz isso abertamente a elas, normalmente esses traidores fogem de sua vítima e ficam desde então prevenidas.*

*Dessa forma, eu concluo que esses fatos não aconteceram com Jesus porque eles foram profetizados. Isto é bastante impossível. Não, o que aconteceu realmente parece que foi o oposto: na verdade, eles eram foram totalmente imprevisíveis. Ele não os previu. É impossível pensar que, aqueles que tenham ouvido Jesus falar de seu comportamento, tenham cumprido suas intenções.*

*"Mas, talvez", pode-se argumentar, "ele profetizou todas esses fatos em virtude de ser um deus e conhecer o coração e*



*as mentes de seus seguidores.<sup>203</sup> E o que ele previu deve acontecer. Se for este o caso e essas previsões devam acontecer de acordo com sua divina vontade, devemos então concluir que Jesus, o deus, conduziu seus próprios discípulos e profetas – aqueles com que ele comia e bebia – tão desorientadamente que eles se tornaram maus e traidores.*

*Mas, se era um deus, não seria melhor ter ele feito o bem aos homens? Especialmente aqueles que o seguiam? Para mim, um homem que compartilha de sua refeição com outro homem, não pretende traí-lo, especialmente se o primeiro é um deus! Será que temos que declarar, pois, como sua doutrina ensina, que o próprio deus era o conspirador – pois deus comeu com os homens, somente para transformar seus discípulos em traidores e malfeitores?*

*"Tudo o que aconteceu com Jesus foi extremamente doloroso. Deve ter sido*

---

<sup>203</sup> Cf. Jo 2.24-25

*impossível a ele prever que as coisas seriam como foram. Mas, se é verdade que ele sabia de antemão o que ia acontecer – de fato, se conhecia tudo desde o começo – por que é representado como um lamuriendo e chorão, além de suplicar a deus para que o torne forte na presença da morte. Por que ele choramunga: 'Pai, se este cálice puder ser afastado de mim!'<sup>204</sup> Realmente, um deus de primeira, que tem medo daquilo pelo qual vai passar!'<sup>205</sup>*

*"Para mim está claro que os escritos cristãos são mentiras e suas fábulas não*

---

<sup>204</sup> Mc 14.36

<sup>205</sup> Esta passagem está contida, além de Mc 14. 32,42, também em Mt 26. 36,45. O interessante é que a narrativa em ambos os livros é clara: Jesus se afasta dos discípulos e ora dizendo as tais palavras. Além de estar sozinho, longe dos outros, por três vezes repete a cena e por três vezes, ao voltar encontra seus companheiros dormindo. Aqui então fica a pergunta: Se ninguém escutou Jesus orando, como é que se sabe que ele disse as tais palavras, além de se saber quais foram as palavras? Essa é mais uma falseta que escapou de S. Jerônimo, quando ele compôs os evangelhos. (NTP)

*foram trabalhadas o bastante, para ocultar essa ficção monstruosa. Já ouvi dizer que alguns dos seus sacerdotes estão cientes dessas inconsistências, e, como se estivessem saindo de uma taverna, lápis e papel na mão, alteram os escritos originais por três, quatro, várias vezes, para que possam estar aptos a rebater as contradições apontadas pelos críticos.*<sup>206</sup>

---

<sup>206</sup> Essa é uma acusação familiar: Os Marcionitas alegavam que os apóstolos tinham falsificado os evangelhos, sendo acusados por bispos ortodoxos de “mutilar” os evangelhos e cartas de Paulo. Cf. Irenaeus, *Against Heresies*, 3.12.12; Tertuliano, *Contra Marcião*, 4.2. Não está bem claro se os marcionitas conheciam outros evangelhos, e de acordo com sua tradição, sempre acreditaram somente num protótipo, uma versão de Lucas, como sendo o evangelho conhecido e pregado por Paulo. Ver Marcion: *On the Reconstitution of Christianity* p. 142-145. **NTP:** Mais uma vez, o atual evangelho nada se parece com a verdadeira história de Jesus. O que Celsus descreve reflete traços do que verdadeiramente se passou. Não há como deixar de acreditar nele para abraçar algo tão inconsistente, falso e visivelmente manipulado como os tais evangelhos. Veja que a acusação de falsificar os evangelhos está documentada, enquanto que os seus originais (dos evangelhos) não existem. Os evangelhos são obra de S. Jerônimo, 400 anos depois da morte de Jesus.

Vamos continuar com as críticas de nosso judeu contra os cristãos, agora, com um enfoque nos profetas, os quais, dizem os cristãos, previram a história de Jesus muito tempo antes.

*"Estas mesmas profecias podem ser aplicadas facilmente a milhares de outros, além de Jesus, pois nossos profetas disseram que o único que vai chegar (o Messias) será um grande príncipe, ele será o senhor do mundo e o líder das nações e dos exércitos.*

*Visto isso, é obvio que os profetas não previram um tipo baixo nível como esse Jesus – um homem que foi capaz de transformar a si próprio em filho de deus através de truques, enganações e as mais incríveis histórias. Um verdadeiro filho de deus, como o sol que ilumina o mundo, iluminando primeiro a si próprio, deveria primeiramente ter sido revelado como um deus verdadeiro.*

*Os cristãos elevaram esse Jesus não somente à categoria de filho de deus, mas de uma autêntica divindade (Logos) – não o puro e sagrado Logos, conhecido*

*dos filósofos,<sup>207</sup> poderia você pensar, mas um novo tipo de logos: um homem que fez de tudo para acabar sendo preso e executado na mais humilhante das circunstâncias.*

*"Este feiticeiro fanfarrão a quem vocês chamam de Logos é caracterizado por ter uma genealogia humana. Os homens que inventaram essa genealogia enfatizaram o fato que Jesus era descendente do primeiro homem e do rei dos judeus.<sup>208</sup> A mulher do pobre carpinteiro parece que não teve conhecimento que ela tinha um ramo de descendência tão nobre; todos foram mantidos no armário até que chegasse o tempo em que seriam úteis.*

*Realmente, um deus de primeira, esse feiticeiro fanfarrão, que não fez uma*

---

<sup>207</sup> Chadwick (Orígenes, *Contra Celsus*, p 93 note 3) alega nesta passagem "que Celsus é conhecedor da teologia do Logos do Judaísmo helênico." Philo (Husbandry, 51; *On Languages*, 146) fala do Logos como sendo o filho de deus.

<sup>208</sup> Aqui parece que Celsus se refere mais a genealogia de Lucas (Lc. 3.23-38) que à lista de Mateus (Mat. 1.1-17) que começa com Davi.

*única obra divina, que não podia reagir nem à oposição dos homens, ou evitar o desastre que o levou a desgraça, terminando sua vida. De acordo com seus contos (dos cristãos), o homem que o sentenciou não teve o destino de um Pentheus, que enlouqueceu<sup>209</sup> ou foi esquartejado; ao contrário, Jesus permitiu que fosse ridicularizado, vestido com um manto púrpura e coroado com espinhos. Por que este filho de deus não mostrou um único reflexo de sua divindade sob essas condições? Por que ele se recusou a se livrar da vergonha – ao menos, bancar o homem defendendo sua honra ou a honra de seu pai?*

---

<sup>209</sup> Nas *Bacchantes* (488-551) de Eurípides, uma cena de julgamento, remanescente daquela relacionada aos evangelhos sinópticos, descreve o aparecimento de Dionísus ante Pentheus. Desafiado a revelar provas de sua divindade, Dionísus assegura a Pentheus que o deus nele iria libertá-lo quando quisesse; no final, Pentheus é esquartejado por não ter reconhecido Dionísus como um deus. O ponto central do argumento de Celsus – que se Jesus fosse deus os seus executores teriam sofrido o mesmo destino de Pentheus – não foi esquecido por escritores mais modernos, como o autor da “Carta de Pilatos a Claudius” (Hoffmann, *Jesus Outside the Gospels*, p 65)

*Mas, o que ele falou quando seu corpo estava esticado na cruz? "Este sangue é sangue divino, pois corre nas veias de uma pessoa sagrada."<sup>210</sup> Quando estava com sede, bebeu sofregamente numa esponja ensopada de vinagre e fel, não se comportando com paciência divina.*

*Apesar disso, porventura, vocês que se intitulam verdadeiros crentes enfrentam com críticas, a nós, judeus, porque nos recusamos a confirmar esse homem como deus ou admitir que ele passou por esses sofrimentos pelo bem da humanidade e assim possamos todos evitar uma punição?*

*Vocês já se esqueceram, que, enquanto viveu, esse Jesus não convenceu ninguém de sua divindade – nem mesmo*

---

<sup>210</sup> Aqui Celsus compara o grito de Jesus na cruz (Mc. 15.34) com o grito de morte de Alexandre, que, ferido, conta-se que apontou para seu sangue declarando: "Isto não é o ichor." Cf. Plutarco (*Lives of the Noble Greeks and Romans*, 28; Sêneca, *Epistles* 59,12 **NTP**: "ICHOR" refere-se ao fluido que os antigos gregos acreditavam que corria nas veias de um deus. Daí, o traduzimos como "sangue divino").

*seus próprios discípulos – e por essas blasfêmias foi punido vergonhosamente? Se ele fosse deus, não precisava ter morrido só para convencer o povo do caminho bom e que ele não era mentiroso, mas ele morreu – não somente isso, mas morreu de um modo que foi um monumental exemplo para a humanidade.*

*Nem ao menos, como vocês pensam, estava ele livre de repreensão. Não somente era pobre, como também covarde e mentiroso. Talvez, vocês cristãos, digam que tendo falhado em convencer os homens na terra sobre sua divindade, ele tenha descido ao inferno para convencê-los ali. Em ambas essas crenças, vocês erraram, mesmo que persistam com fidelidade canina em procurar justificativas para os absurdos em que transformaram em doutrinas.*

*Se a doutrina principal do cristianismo estiver correta, por que não podemos imaginar que qualquer condenado seja um anjo, mesmo maior que seu divino*



*Jesus? Quer dizer, por que não ser cínico e confessar que todo ladrão, todo assassino, não é mais nem ladrão nem assassino, mas um deus? E por quê? Por que ele contou antecipadamente ao seu bando de ladrões que não teria um final feliz tornando-se um homem morto? Sua tarefa neste caso é muito difícil, porque nem mesmo seus discípulos acreditavam nele na época de sua humilhação: aqueles que o tinham ouvido pregar e foram ensinados por ele, quando viram que estava se metendo em apuros, não continuaram com ele. Nenhum deles queria morrer por este motivo nem se tornar mártires de sua causa – chegaram até a negar que o conheciam! Mesmo assim, com o exemplo desses traidores originais, vocês apostam em sua fé e professam sua aceitação da morte.*

*"Quando eu pergunto sobre quais os argumentos que vocês poderiam apresentar para mostrar que este homem era filho de deus, vocês respondem dizendo que a intenção de sua morte foi*

*destruir o pai do mal.<sup>211</sup> Ocorre que, outros também foram punidos apenas por serem desgraçados. Por que suas mortes não puseram um fim no mal? Ou, dirão vocês que ele era filho de deus porque também curou os aleijados, cegos e (como você declaram) ressurgiu dos mortos?”*

Mas - deixando nosso judeu descansar por um momento – não será esse tipo de coisa a essência da feitiçaria e derrota? Como os próprios cristãos disseram, o mesmo Jesus alertou sobre seus rivais, bruxos e mágicos, que contestariam seus seguidores, os quais poderiam realizar os mesmos tipos de maravilhas, só que sob a supervisão de Satanás.<sup>212</sup>

Jesus admitiu até que nada havia de exclusivamente “divino” sobre lidar com essas coisas – e que eles podiam ser feitos facilmente por bruxos. Apesar de tudo, ao reconhecer essa capacidade nos outros, inconscientemente, ele prova seu próprio desempenho de mentiroso.

---

<sup>211</sup> Cf. Ef. 2,13-17

<sup>212</sup> Mc 13.6

Santo deus! Não é que o sujeito usa de tais argumentos tolos para provar que um homem é deus, quando se refere aos seus trabalhos e, para provar "feitiçaria", quando se refere ao trabalho de seus rivais?

Por que devemos concluir, pelos seus argumentos, que os feiticeiros são piores que seu deus – isso no caso de levarmos a sério o testemunho de Jesus sobre seus poderes? Ele próprio falou que tais trabalhos não eram produzidos por qualquer intervenção divina, mas, ao contrário, eram trabalhos de falsários e impostores.

Vamos retornar ao nosso judeu curioso. Vamos deixar que pergunte a um conterrâneo recentemente convertido à religião de Jesus:

*"Sua crença é baseada no "fato" que este Jesus, antecipadamente previu que ressuscitaria após sua morte? Nessa sua história se incluem suas profecias sobre o triunfar sobre a sepultura? Muito bem. Vamos assumir, por enquanto, que ele previu sua ressurreição. Vocês não sabem da multidão de pessoas que*

*inventaram contos parecidos para desencaminhar os pobres de espírito?*

*Dizem que Zamolxis<sup>213</sup>, servo de Pitágoras, convenceu os Cítios que ele tinha ressurgido dos mortos, vivendo escondido em cavernas por vários anos,<sup>214</sup> tal qual Pitágoras na Itália<sup>215</sup> - ou*

---

<sup>213</sup> **Zamolxis** (Saitnoxis ou Zalmoxis) era o deus supremo dos Getae (Dacianos) um povo da Trácia que habitava o local que hoje é a Romênia. Sua principal capacidade era desaparecer por três anos (sempre três) e ressurgir no quarto ano. Outra habilidade era se passar por humano, como na ocasião em que foi servo de Pitágoras. (NTP)

<sup>214</sup> Heródoto, *History*, 4,95: "Zamolxis..... (ensinava aos companheiros) que nenhum deles nem ninguém de sua posteridade jamais correria perigo, pelo contrário, todos iriam para um lugar onde poderiam viver eternamente, desfrutando de tudo que é bom. Quanto a ele ( falava então) estava construindo um esconderijo subterrâneo, no qual, quando estivesse pronto, se esconderia, desaparecendo subitamente das vistas dos Trácios, que lamentariam a perda como sua morte. Enquanto isso, ele, em sua câmara secreta, permaneceria por três anos, passados os quais, surgiria de seu esconderijo e se mostraria mais uma vez a seus conterrâneos, que seriam levados a crer na verdade do que ele os ensinasse"

<sup>215</sup> Cf. Diógenes Laertius. *Lives of the Philosophers*, 8, 41; Tertuliano, *On the Soul*, 28.

*Rhampsinitus no Egito.<sup>216</sup> Deste último, a propósito, dizem que jogou dados com Demeter em Hades e recebeu dela um guardanapo de ouro como presente. E quem mais? Podemos citar Orpheus entre os Odrysians<sup>217</sup> Protesilaus na Thessaly<sup>218</sup> e acima de todos, Heracles e Teseu<sup>219</sup>.*

*Mas, bem separado destes todos, que ressurgiram da morte, devemos analisar cuidadosamente a questão sobre a ressurreição do corpo como uma possibilidade dada aos mortais. Sem dúvida, facilmente todos admitem que essas histórias são lendas, o mesmo acontecendo comigo, mas vocês continuarão a manter que a história de sua ressurreição, este clímax para sua tragédia, é nobre e crível. (Isso,*

---

<sup>216</sup> Heródoto, *History*, 2, 122 – De acordo com Heródoto, os sacerdotes celebravam, uma vez ao ano, a descida de Rhampsinitus ao Hades.

<sup>217</sup> Sobre os mitos de Orfeu, ver WHC Gunthre, *Orpheus and Greek Religion* (Cambridge, 1935) 29ff

<sup>218</sup> Apollodorus, *The Library*, 3.30-31

<sup>219</sup> Apollodorus, *The Library*, 2.5-12

*naturalmente, apesar de seu grito de morte na cruz).*

*Acho que vocês dirão que o terremoto e a escuridão que cobriu a terra na hora de sua morte provam que ele era um deus<sup>220</sup> e pensarão que ele não aceitou o desafio de descer por si mesmo da cruz ou de escapar de seus perseguidores enquanto estava vivo, pelo fato que venceria a todos ressurgindo dos mortos e mostrando a todos os sinais de seu suplício, mãos perfuradas, etc.*

*Mas, quem realmente viu isso? Uma mulher histérica, como vocês mesmo admitem<sup>221</sup> e talvez, uma outra pessoa – ambos desiludidos por sua feitiçaria, ou então tão transtornadas pelo sofrimento de sua falha que tiveram a alucinação,*

---

<sup>220</sup> O terremoto é mencionado somente por Mateus (27. 45-54)

<sup>221</sup> Parece que Celsus tem em vista o que é contado em João 20.1-18, apesar de que essa referência poder ser de outro evangelho de fonte incerta. A tradição que antes dos discípulos foram as mulheres as primeiras testemunhas da ressurreição é muito antiga: no final original do evangelho de Marcos (16.8) reconhece-se que elas foram as únicas que tiveram a visão da ascensão de Jesus – uma tradição que Celsus parece ter conhecimento.

*motivada pelo fanatismo, da sua ressurreição dos mortos.*

*Esse erro em tomar a fantasia por realidade não é tão raro, tendo mesmo já acontecido com milhares de pessoas. Possivelmente essas mulheres desiludidas quiseram impressionar as pessoas – que, sensatamente, já o tinham abandonado – espalhando suas alucinações como se fossem “visões”. Depois fazer com que alguns cressem nisso, o alastramento da superstição foi questão de tempo.*

*Se este Jesus quisesse convencer alguém do seu poder, então certamente, deveria ter aparecido primeiro aos judeus, que o torturaram – e aos seus acusadores – e mesmo a todos, em toda parte. Ou melhor, ele podia ter salvo a si mesmo de ser ferido e simplesmente ter desaparecido da cruz.*

*Ele sempre foi um estrategista incompetente: quando estava vivo foi desacreditado e criticado por todos; depois de sua ressurreição, tentando aparentemente concretizar uma forte*

*crença ele optou por se mostrar apenas a uma mulher e alguns companheiros. Quando foi punido, todos viram, ao contrário, quando ressuscitou, quase ninguém viu.*

*Os cristãos são mestres em dizer que Jesus não queria publicidade, apontando, em seus livros sagrados, as passagens que contam quando Jesus pediu segredo aqueles que curou e a quem expulsou demônios.<sup>222</sup> Novamente, eles se contradizem, condenando os judeus por errarem em não reconhecer o cristo.<sup>223</sup> Se ele não queria publicidade, por que se ouviu uma voz vinda dos céus,*

---

<sup>222</sup> Para saber mais sobre esse tema nos evangelhos ver Wrede – *The Messianic Secret*, p. 24-81

<sup>223</sup> Atos 8.51; cf. discurso de Pedro, Atos 4.8-12. Antigas polêmicas cristãs implicavam os judeus na morte de Jesus, mas os evangelhos sinóticos mostravam que Jesus se apresentava como querendo manter sua identidade em segredo, desse modo causando pouca reação diante da falta de vontade dos judeus de reconhecerem Jesus como o messias. As acusações de falta de reação e de ocultamento de identidade permaneceram em conflito na tradição do antigo cristianismo. Celsus aqui comenta a inconsistência da posição cristã.



*declarando que ele era o filho de deus? Se ele não queria publicidade, por que foi punido e executado à vista de todos? No mínimo, parece que ele deveria querer que seus seguidores soubessem porque ele tinha vindo a terra. Mas, seu Jesus não permitiu que seus seguidores compartilhassem de seu segredo, e então eles duvidaram.*

*Essa conclusão não é gratuita. Eu me baseei no que li nos seus próprios livros, que são contraditórios. Qual o deus que, em qualquer tempo, viveu entre os homens que lhe ofereceram a descrença como prova de sua divindade? Qual foi o deus que, por sua vez, apareceu somente aqueles que ansiavam por sua aparição e nem mesmo foi por eles reconhecido?*

*O tipo de deus, vocês podem responder, que encheu a cabeça de seus ouvintes com futilidades abusivas, ameaçando-os com castigos, que nunca foram a eles*

*destinados, provenientes de fatos incompreendidos.*<sup>224</sup>

*A verdade é que esse Jesus não passou de um homem comum e uma razão muito mais forte para desacreditar na ressurreição e crer com mais firmeza na doutrina de nossos pais, que afirma que somente o poder de deus pode ressuscitar alguém da morte.”*

É isso que nosso judeu gostaria de dizer aos seus conterrâneos ludibriados.

---

<sup>224</sup> Cf. Mt. 11.20

#### **IV – A doutrina Cristã comparada com a dos gregos**

**N**osso judeu ficou satisfeito em ganhar esta causa contra os cristãos. Vamos voltar a considerar a verdade que há em sua crença.

Acho que os cristãos e judeus estão se tratando como tolos – sua disputa sobre se Jesus era ou não o messias, me faz lembrar muito o provérbio da sombra do burro.<sup>225</sup> Na verdade, nada há de significativo nessa disputa: ambos mantêm a noção bastante insensata de que, há muito tempo atrás, foi prometido um salvador divino que viria habitar entre os homens.

Todos discordam se isso já aconteceu ou não. Os cristãos dizem que sim e citam os milagres de Jesus como prova de sua identidade. Os judeus dizem que qualquer feiticeiro poderia realizar tais

---

<sup>225</sup> Platão, *Phaedrus*, 260C: uma disputa sem importância.

provas e as circunstâncias da morte de Jesus provam ser ele um impostor.

Da minha parte, estou bastante inclinado a acreditar nessa segunda hipótese, uma vez que milagres e maravilhas ocorrem em todas as partes em todos os tempos: Asclepios fez poderosos trabalhos e predisse o futuro dos cidadãos que o cultuavam – Trikka, Epidaurus, Cós e Pergamum<sup>226</sup> e ainda Aristeas o Proconessian ou o caso de uma certa Clazomennian – ou de Cleomedes o Astypalean<sup>227</sup>.

---

<sup>226</sup> Acreditava-se que Asclepios ( Lat. *Aesculapius*) era filho de Apollo e Coronis. Aprendeu as artes da medicina com Cheiron, o centauro, ressuscitou Hippolytus obedecendo a ordens de Ártemis e, em represália, foi castigado por Zeus. Asclepios era venerado como deus da cura, seu templo principal era em em Epidaurus, mas, como bem observa Celsus, a fama do deus tinha se espalhado por todo o mundo helênico, e algumas histórias de milagres nos evangelhos parecem terem sido plágios das lendas associadas a Asclepios.

<sup>227</sup> Aristeas: um servo de Apollo, de acordo com a lenda. Aristeas foi considerado como o responsável por ter reproduzido os efeitos da morte ao efetuar uma literal separação da alma do corpo (êxtase), aparecendo no mesmo instante em lugares diferentes, algumas vezes em formas não humanas. Cf. Mc. 16.12. Para saber mais sobre Aristeas, ver Heródoto, History, 4.13f. **Cleomedes**: Mencionado por

Sou levado a dizer ainda que os judeus são hábeis em criar tais tolices. Seu povo, semelhante aos egípcios, depois de se revoltar contra seus primos egípcios e por sua vez ter sido deserdado pelos líderes do Egito, tomou seu próprio caminho apenas para experimentar o mesmo tipo de rejeição do culto cristão que crescia no seu meio. Em ambos os casos, apostasia gera apostasia e rejeição conduz à rejeição.

Agora, os cristãos estão tão orgulhosos quanto os judeus. Eles procuravam converter as pessoas e as levaram ao martírio.<sup>228</sup> Eu não tenho dúvidas que, se todos os homens desejassem tornar-se cristãos, o culto imediatamente fecharia suas portas por falta de convertidos.

---

Plutarco (Romulus 28) é um ilusionista que dava um show de desaparecimento. A alusão de Celsus a Cleomedes está de acordo com a regra de que, como mágico, Jesus pode ter iludido seus discípulos fazendo com que acreditassem que ele tinha sobrepujado a morte.

<sup>228</sup> Cf. Tertuliano (sobre o martírio entre os cristãos) *Apology*, 50: “*Sua crueldade, apesar de eficiente, em nada os beneficia. Antes, é uma tentação para nós. Quanto mais vocês nos matam esfolados, mais nós crescemos.*”

No início de seu movimento, eram muito poucos em número e unidos pelo propósito. Desde esse tempo, eles se espalharam por toda a parte e agora são milhares. Não causa surpresa, portanto, que haja divisões entre eles – facções de todas as espécies, todas querendo conquistar o seu próprio espaço.

Também não surpreende que, como estas divisões se tornaram tão numerosas, os seus vários ramos se agridam mutuamente, de tal forma que hoje elas têm somente um único fator – se existir – em comum: o nome de “cristãos”.<sup>229</sup>

Mas, apesar do orgulho de portar seu nome, na maioria dos outros assuntos estão em divergências. Acho pois, muito espantoso, a não existência de pontos de concordância comuns, fazendo com que sua crença não repouse sobre

---

<sup>229</sup> Aqui Celsus faz coro com a reclamação também feita por Justino na sua *Apology* (26): as facções e dissensões tornaram difícil para os leigos determinarem com precisão o que os Cristãos professam. Os argumentos de Justino estão direcionados para sugerir que o verdadeiro cristianismo foi obscurecido pelos falsos ensinamentos dos hereges, especialmente pelos marcionitas. O fato apontado por Celsus é que as facções somente puderam fortalecer-se porque a nova religião carecia de bases sólidas para suas doutrinas.

bases sólidas. Eles concordam, por exemplo, que não se deve acreditar em estranhos, e que devem continuar como perpétuos apóstatas das religiões conhecidas.

Devemos analisar agora, como homens, com uma crença tão disparatada, podem persuadir outros a se juntarem a eles.

Os cristãos possuem diversos métodos de convencimento, além de inventarem inúmeros incentivos ameaçadores. Sobretudo, tramaram uma doutrina absolutamente ofensiva, de eternas punições e recompensas, excedendo qualquer coisa que os filósofos (que nunca negaram a punição aos maus e recompensas aos bons) possam ter imaginado.

Ouvi dizer que antes de suas cerimônias, quando se aprofundam na sua incompreensão das antigas tradições, excitam os ouvintes até a ponto de frenesi, com música de flauta, como a que era tocada entre os sacerdotes de Cybele.

Lembro-me que nas antigas religiões do Egito, um homem poderia ser seduzido pela grandiosidade dos santuários – os jardins

sagrados, as entradas monumentais, os templos rodeados por esplêndidas tendas, isso sem falar nos efeitos hipnóticos dos próprios rituais, idealizados para embasbacar o ingênuo. Mas, uma vez lá dentro, o que o crente encontra? Um gato – ou um macaco; um cão, crocodilo ou cervo.<sup>230</sup>

A intenção da religião antiga era convencer o neófito que ele tinha adquirido um conhecimento secreto – e que o significado desses animais era dado a ele e somente a ele. Mas, pelo menos, a religião do Egito transcende ao culto de feras irracionais: esses animais eram símbolos de idéias invisíveis e não propriamente objetos de culto.

A religião dos cristãos não é dirigida a uma idéia, mas ao Jesus crucificado e isto não é certamente, melhor que o culto ao cão ou cervo, na sua pior forma.

---

<sup>230</sup> Cf. Lucian Imaginings, 11; Clemente de Alexandria, *The Pedagogue*, 3.4.



Os cristãos ignoram os bons ofícios de Dioscuri, de Heracles, Asclepios e de Dionísus<sup>231</sup> e dizem que esses homens não eram deuses, pois foram homens anteriormente.

Mas, professam crença num deus fantasma que aparece somente aos membros de seu pequeno clube, mesmo assim, sob a forma de um mero tipo de espírito.

Já no caso de Asclepios, muitos homens, gregos e também bárbaros, afirmaram que o viram – não sob a forma de um simples fantasma, mas do próprio Asclepios, fazendo seus habituais bons trabalhos e predizendo o futuro.<sup>232</sup>

Ou, tomemos Aristeas<sup>233</sup>, que desapareceu milagrosamente das vistas das pessoas, para

---

<sup>231</sup> Heracles, Asclepios e Dionisus já foram vistos. Os **Dioscuri** eram os deuses irmãos Castor e Polux, os gêmeos filhos de Leda e Zeus. Zeus seduziu Leda, aparecendo a ela sob forma de cisne. São irmãos de Helena de Tróia (NTP)

<sup>232</sup> A comparação entre as maravilhas praticadas por Asclepios e os milagres de Jesus é peça tradicional nas polêmicas anti cristãs: cf. FG Doelger, *Antike und Christentum* (Muenster, 1929-50) vol 4 p 250-57

<sup>233</sup> **Aristeas** era um poeta e um mago nascido na Ásia Menor em 700 ac. (NTP)

aparecer novamente e mais tarde, ao visitar várias partes do mundo, contando suas maravilhas.<sup>234</sup> Seu poder era tanto que, dizem, Apolo ordenou aos Metapontinos<sup>235</sup> a considerar Aristeas um deus.

Apresso-me a mencionar que atualmente ninguém mais considera Aristeas um deus. Assim também acontece com Abaris, o Hiperbóreo<sup>236</sup> – que, de acordo com Heródoto,<sup>237</sup> viajou com uma flecha ao redor do mundo, sem parar para comer. Mesmo apresentado tal poder, não conseguiu que o povo o fizesse um deus.

---

<sup>234</sup> Celsus se refere a uma história tirada de Píndaro (frag 284) e Heródoto (History 4.14-15). De acordo com Heródoto, Aristeas, apareceu, depois de morto, em Cyzicus e Proconnesus e séculos depois aos metapontinos, que foram instruídos a construir um altar dedicado à Apolo e ao seu lado uma estátua em homenagem a Aristeas.

<sup>235</sup> Habitantes do **Metaponto**, cidade grega da Magna Grécia, situada no golfo de Tarento. (NTP)

<sup>236</sup> **Abaris**: Curandeiro e sacerdote de Apolo. Acreditava-se que tinha aprendido as artes mágicas na Hiperbórea (região acima do círculo ártico para os antigos gregos) e que também era profeta (NTP)

<sup>237</sup> Herodoto, *History* 4.36. A história de Abaris é também encontrada em Porfírio (Pythagoras 28-29) e Iamblichus (Pythagoras 19:91)

Temos ainda o Clazomennian, cuja alma, dizem, de vez em quando deixa seu corpo e fica pairando à sua volta.<sup>238</sup> Realmente, uma estupenda maravilha – e ainda assim ninguém o considera um deus.

Temos Cleomedes, o Astypalean: ele entrou dentro de um cofre, trancou a tampa e não foi encontrado pelos que queriam prendê-lo, quando arrombaram o cofre.<sup>239</sup> Talvez ele tenha desaparecido por algum ato da providência: mas, certamente, seu desaparecimento não fez com que o povo o declarasse um deus.

---

<sup>238</sup> Chadwick mostrou (Origen, *Contra Celsus*, 149) que as referências de Celsus são as histórias milagrosas que compõem um cabedal que aparece com frequência em grupos com as mesmas características em toda parte, por exemplo, Plutarco, *Romulus*, 28 (Aristea, Cleomedes); Plínio, *Natural History*, 7.174-176, (Hermodimus, Aristea, Epimenides, a mulher sem vida de Heraclides); Clemente de Alexandria, *Miscellanies*, 1.133.2 (Abaris, Aristea, Epimenides) e assim por diante. A história de Hermodimus de Clazomenae, queimado enquanto dormia depois de ter se gabado diante de sua mulher dizendo que a alma deixava seu corpo durante a noite, é contada por Apollonius (*Mirabilia*, 3) e Plínio (*Natural History* 7.174). Seu uso em polêmicas anticristãs é conhecido desde Tertuliano (*On the Soul*, 44)

<sup>239</sup> Plutarco, *Romulus*, 28

Eu quero enfatizar que os cristãos cultuam um homem que foi preso e morto, da mesma forma que os Getae reverenciam Zamolxis, ou os Sicilianos que adoram Mopsus<sup>240</sup>, ou os Aracarnanaians que cultuam Amphilocus, ou os Tebanos que adoram Amphiarus e como os Lebadianos que reverenciam Trophonius.<sup>241</sup>

As honrarias destinadas a Jesus não são de tipo diferente daquelas oferecidas a Antinous, o jovem favorito de Adriano.<sup>242</sup> Mesmo assim, por terem seu julgamento de tal forma obstruído pelo efeito da fé, não admitem nenhuma comparação entre Jesus e os deuses estabelecidos.

---

<sup>240</sup> **Mopsus** era filho de Ampyx e a ninfa Chloris. Outro Mopsus era filho de Apolo e Manto. Era considerado deus e vidente. Junto com Amphilocus fundou o oráculo de Apolo em Colophon. (NTP)

<sup>241</sup> Aqui Celsus lista oráculos reverenciados em várias regiões. Orígenes observa que (3.35) se Celsus “afirma que as pessoas que ele mencionou eram demônios, heróis ou deuses (então) ele provara justamente o que ele não queria aceitar: ou seja, que Jesus era uma pessoa com idêntica natureza.

<sup>242</sup> Antinous foi elevado à categoria de deus e a cidade de Antinopolis foi fundada por Adriano em sua homenagem, ca 130 ce cf. Dio cassius 69.11 NTP: Antinous era parceiro sexual de Adriano e morreu de um acidente quando acompanhava o Imperador em uma de suas viagens.

Somente a cegueira causada pela fé explica o domínio que Jesus exerce sobre sua imaginação.

Eles insistem que ele nasceu como mortal – assim, sua carne era tão corruptível como o ouro, prata e as rochas. Ao nascer, compartilhou aquelas fraquezas carnis que os próprios cristãos acham abomináveis. Acreditam, no entanto, que ele se desfez desta carne em favor do próximo, tornando-se assim, num deus.

Mas, se a apoteose é um sinal de divindade, por que não admitir deuses também Asclepios, Dionisiyus ou Heracles, cujas histórias eram bem mais velhas? Já ouvi que cristãos ridicularizam os cretenses ao mostrar a tumba de Zeus aos turistas, dizendo que eles (os cretenses) não têm razão em ter Zeus como deus. Da mesma forma, os cristãos baseiam sua fé em alguém que ressurgiu da tumba.

Mesmo o mais inteligente dos cristãos, prega estes absurdos. Seus lemas são: *“Não devemos deixar aproximar-se ninguém culto, ninguém sábio ou sensível. Estes atributos são conseguidos por intermédio de satanás. Mas,*

*procuremos com coragem todos ignorantes, estúpidos, incultos e ingênuos*". Mostram, pelo fato de que eles próprios admitem que estas pessoas são dignas de seu deus, que querem e tem competência de convencer somente os tolos, a ralé, os estúpidos, escravos, mulheres e criancinhas.

Além disso, vemos que esses cristãos fazem suas mágicas no mercado e depois se dispersam mendigando. Eles não aceitam o desafio de discutir com pessoas inteligentes ou apregoar suas crenças sofisticadas diante dos sábios.

Por outro lado, em qualquer lugar que se encontre um grupo de adolescentes ou um bando de escravos ou um ajuntamento de tolos, ali também vamos encontrar um missionário cristão – despejando sua "bela" e nova filosofia.

Nas casas de família podem-se encontrar tecelões, sapateiros, lavadeiros e os tipos grosseiros mais incultos da cidade que não ousam explanar suas opiniões na frente daqueles intelectualmente mais dotados. Mas, assim que ficam tomando conta de crianças nessas casas de família – e também diante de mulheres ingênuas

– começa-se a ouvir seus ensinamentos absurdos.<sup>243</sup>

Ouve-se que, por exemplo, não devem mais, de forma nenhuma, obedecer seus pais e professores, mas sim, devem obedecer a eles. Dizem que seus professores e anciãos são tolos e, na realidade, são pessoas muito ruins que gostam de professar suas estúpidas opiniões.

Esses cristãos afirmam que somente eles conhecem o modo correto de viver e que, somente se as crianças acreditarem neles, é que serão felizes juntamente com seus lares.

Mas, se, enquanto estão conversando com as crianças, acontecer de perceberem que se aproxima um professor, uma pessoa inteligente ou mesmo o pai de uma das crianças, eles fogem em qualquer direção ou, pelo menos, ficam a uma distância cautelosa deles.

---

<sup>243</sup> De fato, a técnica de conquista dos cristãos deu certo, quando convenceram primeiro as mulheres. Lembrar que a mulher era pouco considerada socialmente naquela época e, posteriormente, ficava muito difícil para um filho não acreditar no que a mãe lhe ensinava (NTP)

Os mais afoitos encorajam as crianças a se tornarem rebeldes. Eles dizem às crianças que ficam calados diante dos pais ou de professores somente porque nada tem a tratar com pessoas tão corruptas como esses pagãos, os quais, se souberem o que as crianças escutaram, logo desejarão puni-las por isso.

Esses cristãos também incitam as crianças a deixarem seus pais e professores e seguir as mulheres e seus poucos companheiros para tecelagem, sapataria ou lavanderia<sup>244</sup>, onde poderão aprender como ser perfeito. E sob essa ação conseguiram convencer muitos a se juntarem a eles.

Por favor, não pensem que critico os cristãos mais duramente que merecem. Acho que qualquer um pode perceber que a convocação para que alguém se junte a outras religiões é bastante diferente. É assim: *Venha, quem tiver um coração puro e uma língua sábia e também*

---

<sup>244</sup> Essas eram profissões do povo humilde, consideradas desonrosas para as classes da elite. (NTP)



*quem não for pecador e tiver alma pura – vocês que são direitos e bons – juntem-se a nós.*<sup>245</sup>

Nas religiões místicas esse procedimento é típico, tal como a promessa que seus membros produzirão algum tipo de purificação proveniente de seus pecados.

Mas a convocação para conseguir novos membros para o culto de Cristo é essa: *Quem for pecador, quem for inculto, quem for ingênuo – e mesmo um desgraçado – de vocês é o reino de deus.* Desse modo convidam para serem membros aqueles que são pecadores convictos: os desonestos, ladrões, assaltantes, envenenadores, blasfemadores de todo tipo e ladrões de túmulos.<sup>246</sup>

---

<sup>245</sup> Cf. Mat 12,28 e João 15, 1-5

<sup>246</sup> A descrição social da igreja cristã pode ser comparada com as palavras de Paulo à igreja coríntia (1 Cor. 6-9-11), sendo esta última um reflexo da composição da igreja nas décadas centrais do primeiro século. A acusação de que o cristianismo aproveita-se de crianças parece que surgiu da leitura por Celsus de Marcos 10. 13-16, quando interpreta corretamente ao referir-se à simplicidade como a de crianças como sendo uma das condições necessárias para se aceitar as pregações cristãs.

Ou seja, o único culto que realmente convida ladrões para se tornarem seus membros! Sua desculpa para esse procedimento é que seu deus foi enviado para salvar os pecadores: ótimo! Mas, e os homens direitos? Como explicam o fato de que seu apelo é dirigido ao mais baixo tipo de pessoas? Por que seu Cristo não foi enviado para salvar aqueles que não pecam – é algum tipo de defeito não pecar? Não pregam que um deus que vai receber um homem pecador que se arrepende de seus pecados, através de sua própria humilhação, não receberá um homem direito, mesmo que tenha sido correto e honrado a deus desde o princípio de seus dias?

Naturalmente, os cristãos afirmam que todos os homens são pecadores, assim sua mensagem pode alcançar toda a humanidade.

Talvez seja o caso de que todos são inclinados a pecar – apesar de que nem todos pecam. Mas, se for o caso de que todos pecam, por que seu deus, simplesmente não conduz toda a humanidade para a salvação, em vez de ficar somente com os maus? Então, em nome de deus, por que essa preferência por pecadores?

Acho que sei por que os cristãos procedem dessa forma: eles são incompetentes para converter alguém que seja verdadeiramente virtuoso e bom. Essa deve ser a única explicação pela sua clara preferência pelos maus e pecadores.

O deus cristão é movido, aparentemente, por sentimentos de piedade e compaixão para com o tipo de homens que perambulam pelas igrejas cristãs ou pelo menos, acredita-se que assim seja.

Essa compaixão é um grande alívio, sem dúvida, para o malfeitor, uma vez que pode confiar no fato de que até o deus que julga suas ações não está isento de ser influenciado por lágrimas ou aparência de emoção.

Por que será que sugerem que um homem bom pode ser rejeitado por tal deus? O que pretendem ao dizer que os sábios atrapalham e se perdem por causa de sua sabedoria? É isso, pelo menos, que acredito ser o principal, quando considero suas doutrinas vulgares.

Eu duvido firmemente que um homem verdadeiramente inteligente consiga acreditar

nessas doutrinas dos cristãos, pois para acreditar nelas é preciso que alguém não se importe com os tipos de pessoas burras e mal educadas que são persuadidas por ela.

E como pode alguém não se importar com o fato de que os professores cristãos só ficam felizes se seus alunos forem estúpidos – na verdade, procurando mesmo, escolher somente os cretinos.

Um professor da fé cristã é um charlatão que promete curar corpos doentes enquanto desaconselha seus pacientes a procurarem um bom médico que vai prescrever um remédio eficiente, com medo de que um profissional competente e treinado os desbanque.<sup>247</sup>

Desse modo, os mestres cristãos advertem: *"Fiquem longe de médicos"*. E dizem para a escória que frequenta suas assembleias: *"Assegurem-se que nenhum de vocês jamais aprenda muito, pois muito conhecimento é*

---

<sup>247</sup> Aqui, Celsus atesta a prática cristã de cura pela fé (cf. Atos 3.6) e a prática de se aconselhar os cristãos a evitarem as artes médicas.

*perigoso: o conhecimento é uma doença para a alma e a alma que adquirir conhecimento, perecerá.*"<sup>248</sup>

Seu mestre age como um bêbado que entra num bar e julga que os clientes é que estão bêbados – como um cego que diz que cegos são os que estão à sua volta.

Eu faço essas acusações aos cristãos e poderia fazer muitas outras (que me abstenho de fazer); eu afirmo que insultam deus; eles desencaminham os maus, oferecendo a eles todos os tipos de falsas esperanças e os ensinando a odiar o que é verdadeiramente bom – aconselhando que devem evitar a companhia dos bons.

---

<sup>248</sup> Não se sabe ao certo se Celsus pode ter tomado conhecimento das epístolas de Paulo, a atitude que ele descreve está descrita com certeza em 1 Cor. 3.18, mas os adeptos radicais de Paulo do século dois parecem que tinham igual aversão por debates cultos como método para se chegar à verdade das proposições. Apelles, um discípulo de Marcião e mais tarde o líder de sua própria seita cristã, exemplifica a posição descrita por Celsus; cf. Eusebius, *Ecclesiastical History*, 5.13.5f



## V – Crítica aos Ensinamentos Cristãos

Quero considerar agora os argumentos – criados pelos cristãos e alguns judeus – que algum deus ou filho de deus desceu à terra para julgar a humanidade. Os judeus dizem que ele ainda está por vir (uma vergonhosa idéia que não vale a pena refutar).

O que eu gostaria de entender é o seguinte: O que pretende deus ao enviar dos céus um descendente? Será que ele quer saber o que se passa entre os homens? Se ele não sabe isso, então não sabe nada. Se sabe, por que, simplesmente, não corrige os homens com seu poder divino? Na verdade, um deus de verdade, deve sempre visitar as regiões que se dizem sob seu controle.

Mas os cristãos afirmam que ele não é capaz de corrigir os homens com seu poder divino, sem enviar alguém que seja especialmente apto a salvar as pessoas das conseqüências de seus

pecados. Além disso, se deus é desconhecido dos homens, sendo por si mesmo desvalorizado, não vai querer se tornar conhecido e valorizar aqueles que acreditam nele, em detrimento daqueles que não acreditam, como certos homens ricos, que ao herdar algum dinheiro, decidem gabar-se entre seus amigos?

É a petulância e a ambição por poder que parece determinar as ações desse deus cristão. Para serem consistentes, os cristãos podem dizer que um deus não precisa ser conhecido por seus propósitos, mas antes de tudo, deseja dar-se a conhecer como salvador – isso é o principal, para tornar as pessoas boas e diferenciar os bons dentre aqueles que são maus e merecem punição.

Mas o deus cristão não é assim: ele escondeu seus objetivos para si, por séculos e ficava indiferente enquanto os maus triunfavam sobre os bons. Somente após milhares de anos depois é que deus se lembra de julgar a vida dos



homens? Ele não se preocupou com isso antes?<sup>249</sup>

Dia e noite os cristãos murmuram orações a deus em sua vida ímpia e sem brilho e aterrorizam os incultos com suas descrições falsas de castigos que esperam os pecadores. Assim, procedem como os guardiões dos mistérios de Baco, que nunca se cansam de falar sobre os fantasmas e terrores que esperam aqueles que revelam os seus segredos a estranhos.<sup>250</sup>

Eles postulam, por exemplo, que o seu messias retornará como um conquistador, pairando sobre as nuvens e então fará chover fogo sobre a terra na sua batalha contra o príncipe do mal e então o mundo inteiro, com exceção dos crentes cristãos, será consumido pelo fogo.<sup>251</sup>

Uma idéia interessante – e também bastante “original”<sup>252</sup>. Essa idéia, literalmente, nasceu dos

---

<sup>249</sup> A mesma crítica é feita por Tertuliano contra o deus “desconhecido” dos marcionitas: *Against Marcion* 1.22.2-3

<sup>250</sup> Ver Franz Cumont, *Lux Perpetua* (Paris, 1949) p. 219f.

<sup>251</sup> 2 Pedro 3.7; Ef. 6.16

<sup>252</sup> Realmente essa idéia foi instituída por Zoroastro, séculos antes de Cristo (NTP)

gregos e outros povos que depois de vários ciclos anuais observando conjunções fortuitas de certas estrelas acompanhadas de incêndios e inundações, e depois da última inundação, no tempo de Deucalião, concluíram que cada ciclo necessita de um incêndio para manter estável a sucessão do universo. Ela é a responsável pela tola opinião de alguns cristãos que deus descera e fará chover fogo sobre a terra.

Mas, que tipo de deus é este que “*desce*” à terra e traz consigo o fogo? Como ensinou Platão<sup>253</sup> deus é aquilo que é lindo e feliz e existe por si mesmo no mais perfeito dos estados concebíveis. Isso significa que deus não pode mudar.

Um deus que desça até os homens passa por mutações – uma mudança do bom para o mau; do belo para o vergonhoso, da felicidade para o azar; daquilo que é perfeito para aquilo que é ruim. Pergunto: que tipo de deus gostaria de

---

<sup>253</sup> Celsus refere-se a vários textos: Platão, *Republic* 381 bc e *Phaedrus* 246d; Lucretius 5.146; Diógenes Laertius 10.139: “Um ser eterno e abençoado não conhece problemas e não cria problemas a nenhum outro ser, ele é imune a efeitos da ira e da parcialidade” (Epicurus), cf. Cícero, *On the Nature of the Gods*, 1.19.50f

passar por tais mudanças? Por acaso não é atributo do mortal passar por mudanças para evoluir e do imortal permanecer o mesmo, sem sofrer alterações? Dessa forma, não é possível que deus desça a terra, uma vez que, se o fizer, estará promovendo uma alteração em sua natureza.

Sendo curto e grosso: Nem deus realmente promove as mudanças, que eles apregoam, no ser humano (e isto, como verificado, é impossível) ou então ele não faz mudanças, somente faz pensar aqueles que o vêem, que ele é mortal; e então os engana e mente – procedimento que não é da natureza de nenhum deus.<sup>254</sup>

---

<sup>254</sup> Celsus baseia esse dilema nas duas formas de cristianismo que ele conhece bem: Deus nem sofre uma mudança radical, contrária ao princípio da imutabilidade e, desse modo impossível de acontecer a um deus, nem parece que faz isso acontecer através de fraude, o que é igualmente contrário à natureza divina. A cristologia ortodoxa do Logos, que trata da encarnação física do princípio divino (João 1 1-14) resume a primeira; o cristianismo gnóstico docético, especialmente o gnóstico Sethian (ver *Second Treatise of the Great Seth*, VII.2/56.21-27f) resume a segunda.

O embuste e a mentira são sempre erros, somente exceto quando alguém os usa como um tipo de terapia com amigos que estão doentes e loucos, para curá-los – ou no caso de inimigos, quando alguém tenta escapar do perigo. Porém, deus não tem amigos doentes ou loucos, nem fica receoso de precisar de alguém que tenha que recorrer a magias para que possa evitá-los.

Os judeus afirmam que, como a vida está repleta com todos os tipos de demônios, é necessário a deus enviar alguém à terra de modo que possa punir os maus e purificar tudo, como o que ocorreu no primeiro dilúvio.

Os cristãos acrescentaram outras noções a estas idéias, mas o ponto central continuou o mesmo que literalmente é este: deus é vingativo e arrependido. Quem pode duvidar que um deus que destruiu a torre de Babel queria livrar a terra da desobediência, assim como fez o deus que mandou o dilúvio?

E como antigamente, Phaeton<sup>255</sup>, assim também ele se responsabilizou por destruir com fogo Sodoma e Gomorra, por causa de seus pecados. Tal deus parece que se compraz em se arrepender daquilo que criou e – tendo perdido o controle sobre a criação – em reduzir tudo a escombros.<sup>256</sup>

Os cristãos acrescentaram aos antigos mitos de destruição a idéia de que o filho de deus já veio à terra – devido aos pecados dos judeus – e, porque os judeus puniram Jesus e deram a ele fel e vinagre para beber, atraíram sobre suas cabeças a fúria total da ira de deus.

---

<sup>255</sup> **Phaeton** (Feton). Filho do deus sol Helios, que era tido como condutor da carruagem de fogo que transportava o sol. Phaeton convenceu seu pai a emprestar-lhe a carruagem do sol e, ao dirigi-la com pulso fraco, desviou o sol da sua rota normal, aproximando-se demasiadamente da terra, ameaçando destruí-la. Zeus, vendo isso, mandou um raio que matou Phaeton, que caiu no rio Eridanus. As ninfas do rio encontraram seu corpo e o enterraram. As lágrimas dessas ninfas, derramadas no enterro, se transformaram no âmbar. Já os Etíopes sofreram uma conseqüência trágica desse evento. Phaeton chegou muito perto deles com a carruagem do sol e devido a isso sua pele tornou-se negra. (NTP)

<sup>256</sup> Aparentemente Celsus concorda com os marcionitas na interpretação literal da *metanoia* (arrepentimento) de deus no livro de Gênesis (6,6) cf. *Against Marcion* 1.16.4; 2.23.1

Nessas querelas entre judeus e cristãos, posso dizer que, unicamente, lembram-me uma legião de morcegos ou formigas fugindo de seus ninhos, um bando de sapos reunindo-se num pântano ou um batalhão de vermes infestando a carniça: todos procurando descobrir quem é o pior pecador. Eles dizem:

*“Deus se mostrou a nós primeiramente – e ignorou os problemas do resto do mundo para nos dar, como seus escolhidos, sua total atenção; ele só mandou seus mensageiros para nós, nunca parando de enviá-los, procurando fazer com que nós fiquemos com eles para sempre”.*

Já os vermes cristãos dizem:

*“Não, vocês estão errados, porque deus vem antes de tudo e nós somos os próximos, já que fomos criados exatamente iguais à imagem de deus e todas as coisas foram postas sob o nosso domínio – terra, água, ar, estrelas e tudo o mais – tudo o que existe é para nosso benefício e somente para nos servir.*

*Como alguns se desviaram dos bons propósitos, deus enviará seu filho para eliminar os maus, de modo que nós – os salvos – possamos viver eternamente com ele.”<sup>257</sup>*

Tanto judeus como cristãos extrapolam com essas mensagens. Essas afirmações não pareceriam mais desculpáveis se fossem emitidas por vermes e sapos do que por esses fanáticos em suas insignificantes discussões?

Mas, quem são os judeus? São escravos fugitivos que escaparam do Egito. Nunca fizeram nada de importante – nunca tiveram qualquer significância ou proeminência em qualquer parte do mundo, pois nenhuma menção de sua história pode ser encontrada nas histórias gregas.

Eles tentaram, nos seus livros sagrados – vergonhosamente, acrescento – reconstituir sua genealogia regredindo até uma primeira geração de feiticeiros e impostores, alegando o testemunho de vagas e ambíguas expressões escondidas na mais profunda obscuridade. E

---

<sup>257</sup> Talvez inspirado em Ef. 2.1-22

ensinaram isso aos incultos e tolos, como se, através de toda a duração da história, tal idéia nunca tivesse sido exposta.

Em épocas passadas outros povos também proclamaram tais idéias: Os atenienses, os egípcios, os arcadianos e os frígios – sempre afirmaram que seus ancestrais foram feitos de barro e tentam provar tal afirmação.<sup>258</sup>

Naturalmente, em se tratando da insignificante terra da Palestina, não podemos esperar que os judeus tenham ouvido as histórias e fábulas contadas em versos por Hesiod<sup>259</sup> e outros homens inspirados.

Eles então, criaram particularmente uma história grosseira e fantástica sobre um homem moldado por deus e recebido dele o sopro vital; da mulher que foi formada pelo lado direito do homem, dos

---

<sup>258</sup> Sobre a rivalidade entre raças, ver Chadwick 211, nota 1. Josephus apresenta o argumento em favor da antiguidade dos judeus como uma defesa da religião dos judeus em *Against Apion*. NTP: Celsus não conhecia, mas as plaquetas cuneiformes dos sumérios, bem antes do judeus narra a criação do homem como tendo sido feito de barro.

<sup>259</sup> **Hesiod** – poeta grego do século VIII AC (NTP)



mandamentos que deus lhes deu e da serpente que apareceu e provou que era superior às vontades de deus.<sup>260</sup> As velhas esclerosadas contam essa lenda – como se alardeassem que seu deus, desde o começo, fraquejou – ou seja, foi totalmente incompetente para controlar até mesmo a sua primeira criatura.

É verdade que os judeus e cristãos mais sensatos ficassem envergonhados dessas bobagens e tentassem melhorá-las, fazendo parábolas com elas, como nas histórias relatadas por Hesiod.

De que outra forma entenderíamos a história da criação da mulher de uma costela do homem<sup>261</sup> - que, mesmo na sua forma literal, somente convence ouvidos esclerosados.

Assim também a sua fantástica história – que copiaram dos judeus – relativa ao dilúvio<sup>262</sup> e à construção de uma enorme arca<sup>263</sup> e a tal história

---

<sup>260</sup> Gen 2.21f

<sup>261</sup> Gen 3.21-23

<sup>262</sup> Atualmente está comprovado que a história do dilúvio é anterior aos hebreus, sendo narrada nas plaquetas cuneiformes dos sumérios (NTP)

<sup>263</sup> Gen 7.11ff

sobre uma mensagem trazida à arca para os sobreviventes do dilúvio por uma pomba (talvez não fosse um velho corvo?)

Esta não é nada mais do que uma versão estapafúrdia e insensata do mito de Deucalião, um fato que, estou certo, eles não querem trazer à tona. Como é contada, essa história é realmente um conto infantil.

Vamos passar a outras fábulas. São bastante comuns entre os cristãos várias histórias versando sobre a concepção de crianças muito tempo após seus pais ultrapassarem a idade fértil.<sup>264</sup>

Seus livros estão repletos de histórias sobre traições de mães, aparecimento de deus na terra sob vários disfarces, irmão assassinando irmão, homens aparentemente direitos tendo relações com várias mulheres, além de suas esposas, enfim, histórias que rivalizam em sua imoralidade

---

<sup>264</sup> Aqui Celsus refere-se a Gen 18.17, onde a idade de Sara é estimada em 90 anos, na época da concepção de Isaac. Cf. Luc 1.7,18,36

com os contos dos Thyestians: irmãos vendendo irmãos, mulheres se transformando em sal, etc.

Não é de se admirar que os cristãos sensatos, envergonhados com tais histórias, como não podia deixarem de estar, busquem refúgio na parábola! – pois todas, realmente não passam de estúpidas fábulas.

Por outro lado, algumas das parábolas que tenho visto são mais ridículas que os próprios mitos, uma vez que tentam explicar as fábulas através de idéias que não se encaixam de forma nenhuma no contexto das histórias.

Eu mesmo conheço uma história desse tipo, intitulada “*A Controvérsia entre Papiscus e Jason*”, uma parábola tão absurda que não a considerarei nem ridícula, mas tive pena e desprezo por ela.<sup>265</sup>

---

<sup>265</sup> Este diálogo, mencionado por vários patriarcas da igreja, incluindo Clemente de Alexandria e Jerônimo, não mais existe. Cf. Eusebius *Ecclesiastical History*, 4.6.3. O trabalho foi traduzido para o latim na África no começo do século III.

Acho desnecessário refutar esse tipo de coisa, pois qualquer um notará sua imbecilidade ao lê-las com paciência.

Em vez de ficar ridicularizando os tratados cristãos, eu prefiro dizer algo positivo sobre o mundo natural e sua ordem – para ensinar, por exemplo, que não existe um deus, que seja digno desse nome, criador de mortais: como ensinam os filósofos, qualquer que seja o deus, ele deve criar seres imortais, sendo os seres mortais os seus rascunhos.<sup>266</sup>

Se a alma é obra de um deus, já o corpo é, por sua natureza, diferente – não sendo diferente do corpo de um morcego, de um verme ou de um sapo. Somos todos – todos mesmos – feitos da mesma matéria e somos todos – todos mesmos – destinados ao apodrecimento, mesmo que os cristãos nos ensinem o contrário.

Continuando, devemos dizer que, com relação ao corpo, todos os animais possuem a mesma

---

<sup>266</sup> Nesse ponto, a base da especulação de Celsus é *Timaeus* 6c.d: “Portanto, foi mesmo (deus) o criador do divino, mas a responsabilidade de criar o mortal, ele a transferiu para seus descendentes”.

natureza simples comum; essa natureza atravessa por mudanças e subsiste em muitas formas diferentes, voltando, ao final, ao seu estado original; assim, nenhum tipo de matéria é imortal.<sup>267</sup>

Vamos falar agora considerando a existência do mal,<sup>268</sup> que pode ser encarado sob o ponto de vista de que não pode haver um aumento ou diminuição do mal no mundo – nem no passado, nem no futuro.

No começo dos tempos, no começo do universo, foi determinada a existência do mal, e, em quantidade, ela permanece a mesma.<sup>269</sup> Está na

---

<sup>267</sup> *Timaeus* 81d. Cf. discussão de Paulo I Cor. 150 sobre “tipos” de carne: “Carne e sangue não podem herdar o reino de deus, nem a corrupção pode herdar a incorrupção”.

<sup>268</sup> Esta discussão parece relacionar-se a pontos de vista gnósticos-cristãos que pressupõem um aumento do mal ligado à desagregação do pleroma da ordem da criação. Os marcionitas também acreditavam que a ordem da criação acarretava um aumento do mal: Tertuliano, *The Prescription*, 7 e *Against Marcion* 1.2.2; Epiphanius, *Panarion* 24.6 – NTP - **PLEROMA**: o reino espiritual que existia – e ainda existe - antes da criação do universo

<sup>269</sup> Orígenes (*Against Celsus* 4.63) cita Plotinus (*Enneads* 1.8.9) informando que o número de demônios é

natureza do universo que assim seja e disso depende o nosso entendimento da própria origem do universo.

Certamente, alguém que não tenha aprendido filosofia não terá consciência sobre as origens do mal, mas para as massas, é o bastante que seja mencionado que os demônios não são obra de deus,<sup>270</sup> sendo, sim, parte da natureza da matéria e da humanidade; assim, o período da vida mortal é o mesmo do princípio ao fim e por isso as coisas acontecem em ciclos; o que acontece agora – inclusive o mal – aconteceu antes e acontecerá novamente.<sup>271</sup>

Assim, enquanto o mal persiste, o quadro geral é muito diferente do que percebemos no mundo visível: cada coisa surge e desaparece seguindo uma norma geral – de acordo com o processo de mudanças que descrevi anteriormente. Teologicamente isso significa que, possivelmente, nem o bem nem o mal podem crescer mais na terra: deus não precisa de uma nova criação (o

---

indeterminado e por isso não se pode provar se estão aumentando ou diminuindo.

<sup>270</sup> Platão, Republic 379c.

<sup>271</sup> Platão, Politics 269C, 270A.

que os cristãos esperam);<sup>272</sup> deus não impõe correções ao mundo como se ele fosse um trabalhador inexperiente que é incapaz de construir algo que funcione bem logo na primeira vez. Deus não precisa purificar com dilúvio ou incêndios o que ele construiu (como eles ensinam).

Há uma certa arrogância na sustentação dos cristãos que o mal está crescendo. Mesmo que algo pareça ser ruim para alguém, fica difícil sobre o que é realmente o mal; uma pessoa com uma perspectiva limitada do quadro global da criação não está preparada para descobrir se, no universo, o que é bom para uma pessoa é bom para outra e vice-versa.

Assim, quando um inimigo dos judeus os mata, tanto a jovens quanto a velhos, e queima suas cidades, aniquilando-os completamente, eles continuarão a dizer que isso deixou o deus supremo irado e com ódio e sua providência foi

---

<sup>272</sup> Isa. 65.17ff, a principal profecia do antigo apocalipse cristão; cf. II Pedro 3.13, Ver 21. 4-5

enviar seu filho à terra para ameaçar os humanos – e sofrer todo tipo de indignidades.<sup>273</sup>

Quero mostrar que sua estupidez, na verdade, depende de sua doutrina da criação, uma vez que sustentam que deus criou todas as coisas para o benefício do homem, enquanto nossa filosofia afirma que o mundo foi criado tanto para o benefício dos animais irracionais quanto para os homens<sup>274</sup> - ou seja, por que as coisas *deveriam* ser criadas mais para o desfrute do homem que para o benefício das plantas e árvores, a relva e os espinhos?

Suponho que eles não ignoram o fato de que as coisas não crescem sem o esforço humano – lutamos para tornar tudo fértil, independente de como deus possa tratar esse fato – enquanto eles atribuem tudo a deus, achando que tudo cresce sem que se are e semeie a terra. Como já dizia

---

<sup>273</sup> Celsus se refere à destruição de Jerusalém pelo exército romano, no reinado de Tito, em agosto de 70: o contraste que ele pretende mostrar está entre o poder de Roma, mostrado pela destruição do templo e a fraqueza do deus cristão, o qual, ele aponta, é refletido no assassinato de Jesus.

<sup>274</sup> O assunto aqui levantado por Celsus é discutido por Martin Pohlenz, *Die Stoa* (Goettingen, 1948) vol I, p. 81ff



Euripedes, "*O sol e a luz servem aos mortais*"<sup>275</sup>  
Mas também servem às formigas e moscas da mesma forma. Elas também dormem à noite e trabalham de dia.

Os cristãos, assim como os judeus, se gabam que somos os organizadores e senhores da criação – porque caçamos e comemos animais. Devo responder perguntando por que, por outro lado, eles não são nossos senhores e por que não se pode dizer que fomos criados para seu benefício, uma vez que eles também nos caçam e nos comem?

E, enquanto eles caçam sozinhos, nós temos que utilizar cães, armas e outros homens para nos ajudar a abater a presa!

E para esses que dizem que o homem é superior aos animais irracionais, eu replico que deus, mesmo nos dando a capacidade de capturar animais ferozes e fazer uso deles, antes de existirem cidades, artes, cultura, armas e redes – os homens eram capturados e devorados pelas

---

<sup>275</sup> Euripedes, *Phoenician Maidens*, 546

feras e, era raro que esse fato acontecesse diferentemente.

E, se dizem que os seres humanos são melhores que os animais irracionais porque vivemos em cidades e temos cargos proeminentes e assemelhados – eu digo que isso nada prova: as formigas e abelhas também fazem isso, sendo que as abelhas elegem líderes e um sistema de líderes de várias camadas sociais, operários, servos; possuem suas armas e travam suas guerras, escravizam os conquistados, constroem cidades, até, com subúrbios.

Elas dividem o trabalho de sua sociedade entre si e punem os que não trabalham – quer dizer, expulsam os zangões, defendendo-se por si mesmas. E as formigas não são menos inteligentes, pois armazenam as frutas verdes para que possam utilizá-las durante todo o ano – e criam um espaço separado, como se fosse um cemitério, para depositar aquelas que morreram.<sup>276</sup>

---

<sup>276</sup> Plínio, *Natural History*, 11.110. O que é apresentado nessa seção, Celsus retirou de vários escritos antigos.

Além disso, essas mesmas formigas reúnem-se em conselho para planejar sua estratégia e por isso não ficam perdidas. Elas possuem uma inteligência bastante desenvolvida – e parece que têm uma nítida noção de certas leis universais e mesmo um modo de passar a experiência do seu conhecimento adquirido para as outras de sua espécie.

Em vista disso tudo eu pergunto aos cristãos: se alguém no céu pudesse observar a terra qual seria a diferença que veria entre o que fazemos e o que fazem as formigas e abelhas? Talvez digam que os seres humanos aprenderam artes mágicas e feitiçaria, e isso os animais nunca poderão fazer.

Eu respondo que nesse caso as serpentes e abelhas fazem isso melhor que nós, pois é claro que elas conhecem o antídoto para doenças e prevenções para muito mais – incluindo o uso de minerais para manter a saúde de seus jovens. Se o homem descobrir tais segredos vai pensar que achou algo maravilhoso – sendo que os animais já os conhecem há muito tempo.

Alguns cristãos inconseqüentes podem alegar que essa forma de nossa capacidade de conceber a divindade – pensando pelo lado divino – é que nos leva a nos separar das criaturas “inferiores”. Mas, eu pergunto: será que é assim mesmo – o poder da divindade é o que importa e este homem deve aprender com os pássaros e outros animais?

Parece que existem animais que os profetas usam de forma especial – são chamados “animais proféticos” - mas, de qualquer forma, o poder de conhecer o futuro foi dado a eles por deus e eles, por sua vez, compartilham seu conhecimento com os homens.

Já que é assim, fica claro que esses animais estão muito mais próximos de deus – talvez sejam mais sábios e mais queridos por deus - que nós.

Alguns dizem que os pássaros possuem associações similares com nossas próprias sociedades secretas e que eles podem compreender o que os pássaros falam e, tendo obtido dos pássaros informações sobre tais e tais

eventos, confirmam que os fatos aconteceram do jeito que os pássaros tinham previsto.

Além disso, dizem que nenhum animal é tão capaz de reter uma lembrança quanto o elefante e por isso ele é mais fiel a deus que muitos homens. Assim também a cegonha é mais humilde que muitos homens e mais afetuosa, pois as cegonhas jovens trazem alimento para seus pais.

Uma ave árabe, a fênix, gasta vários dias procurando o corpo de seu pai no Egito, e o enterra em uma redoma de mirra no santuário do sol.<sup>277</sup>

Por tudo isso, se pode concluir que todas as coisas não foram criadas para o homem – não mais que para o leão, a águia ou o golfinho – mas antes, tudo foi criado por deus para que o mundo seja completo e perfeito em todos os seus setores.

Realmente, muitas coisas foram disponibilizadas, mas não para o benefício do homem – mas antes

---

<sup>277</sup> Cf. Heródoto, *History*, 2.73

para o bem do universo inteiro. Deus cuida do universo; ou seja, a providência nunca o abandona e ele não se torna pior.

Portanto, os cristãos são tolos em dizer que deus quer cuidar novamente do mundo, após tê-lo abandonado por um longo tempo<sup>278</sup> e que ficou irado com os “pecados” do homem. Na realidade não ficou mais irado do que ficou com os macacos e camundongos pelo que fazem naturalmente. Para cada um ele reservou um lugar na estrutura da natureza.

---

<sup>278</sup> Gen 6.6-7

## VI – Sobre judeus e cristãos

Quero agora fazer uma exortação aos judeus e cristãos, porém, especialmente aos cristãos: nenhum deus ou filho de deus desceu a terra nem ninguém merecedor do nome de deus desceu a terra. Ou vocês querem dizer que seja, não um deus, mas um anjo ou demônio? Ou querem dizer (como acho que querem) que seja um outro tipo de ser?

Vale notar outro fato sobre os judeus: apesar de adorarem os céus e os anjos que nele habitam, se recusam a homenagear suas partes mais sagradas, que são o sol, a lua e as estrelas – tanto as fixas como as móveis. Eles se comportam como se pensassem que o todo pode ser deus, mas suas partes individuais, não podem ser divinas.

Ou ainda, parecem pensar que se devam adorar seres que, talvez, através de qualquer tipo de artes mágicas, descem entre o povo, que está cego pela escuridão ou cheio de pesadelos.

Mas, para esses seres que predizem o futuro tão claramente – ou seja, os seres que predizem a chegada de aguaceiros, secas, as nuvens (que eles cultuam), as tempestades e todos os fenômenos da natureza – resumindo, esses mesmos seres a quem deus se revelou e têm a nítida prova da divindade pairando sobre eles – a todos esses, eles não dão atenção nem valor.

É também uma tolice desses cristãos supor que quando seu deus manda fogo (como se fosse um simples cozinheiro) toda a humanidade será devidamente assada e somente eles escaparão ilesos, não só aqueles que estiverem vivos, você pode pensar, mas também (dizem eles) aqueles que estiverem mortos ressuscitarão dos túmulos com seus mesmos corpos que possuíam quando vivos.<sup>279</sup>

---

<sup>279</sup> Não fica claro se Celsus tinha conhecimento do discurso de Paulo sobre a ressurreição do corpo em Cor. 15.35-50. Tertuliano (*Apology*, 48; *On the Soul*, 56; *On the Ressurrection of the Flesh*, passim) faz distinção entre a carne a ser ressurgida e o corpo material, argumentando sob a óptica paulina que o corpo a ser ressuscitado está especialmente preparado para o seu destino.



Pergunto: Não é isso uma esperança de vermes? Que tipo de alma humana é esta que terá algum uso para um cadáver apodrecido de um corpo?

A verdade é que alguns judeus e mesmo alguns cristãos<sup>280</sup> rejeitam esses ensinamentos sobre ressurreição de cadáveres demonstrando como isso é absolutamente repulsivo: nada mais é do que nauseante e impossível. Quer dizer, que tipo de corpo é esse que pode retornar à sua forma original ou tornar-se o mesmo como era antes de ter apodrecido?

Naturalmente eles não têm resposta para esta pergunta e na maioria dos casos em que **não há resposta** eles se refugiam na afirmação: "*Para deus nada é impossível*".<sup>281</sup> Realmente, uma brilhante resposta!

Mas, a verdade é que deus não pode fazer o que é vergonhoso e deus não faz nada que seja

---

<sup>280</sup> Cf. Tertuliano, *On the Resurrection of the Flesh*, 48-49. Entre os judeus, os saduceus rejeitavam a idéia de ressurreição corporal (Lc. 20.27) Celsus baseia sua objeção na doutrina platônica de que o corpo é um invólucro da alma imortal.

<sup>281</sup> Cf. João 14.12-14

contrário à natureza. Se alguém praticando o mal pedir a deus para realizar algo terrível, ele não pode fazê-lo – por conseguinte não se deve crer, como o fazem muitos, que todo anseio básico deve ser atendido completamente.

Pois deus não é a resposta para qualquer pedido feito por capricho, ele não age com confusão. Ele é o criador daquilo que é, por natureza, justo, verdadeiro e correto. Ele pode, como disse Heráclito, dar vida eterna à alma; mas o mesmo filósofo acrescenta que “cadáveres devem transformar-se em adubo, pois não passam de adubo”.<sup>282</sup>

Assim, para o corpo – cheio de corrupção e todo tipo de maldade – deus não podia (e não o faz) torná-lo imortal, pois isso contraria o bom senso. Pois ele mesmo é o Logos – a razão – sobre tudo que existe, e não é capaz de fazer algo que viole ou contradiga sua própria característica.<sup>283</sup>

Para os judeus:

---

<sup>282</sup> Heráclito, Frag. 96. Cf. Platão, *Timaeus*, 37.

<sup>283</sup> Cf. Platão, *Phaedrus*, 247

Vocês se tornaram uma nação independente e fizeram leis de acordo com os costumes de seu povo. E ainda mantém essas leis entre si até o presente dia e observam certos rituais e práticas que apesar de peculiares, basearam-se em antigas tradições. Elas não são, de qualquer forma, sob esse ponto de vista, diferentes das do resto do mundo: cada nação segue seus costumes e leis onde quer que estejam.

Essa situação parece que veio a acontecer não só porque certos povos decidiram pensar de certo modo e então cuidaram de inventar jeitos de proteger suas convenções sociais, mas também porque desde o começo do mundo, várias de suas partes foram ocupadas por diferentes guardiões, e, como foram conquistadas dessa forma, as coisas são feitas da maneira como os agrada. Por isso, é heresia abandonar os costumes que existem desde o princípio em cada local.

Mas os cristãos, nesse particular, não são iguais aos judeus: eu pergunto a eles de onde vieram ou quem é o autor de suas leis tradicionais. "Ninguém", respondem, apesar de que elas provêm dos judeus. Nem podem indicar nenhuma

outra fonte que inspirou seu mestre e chefe do coro. Não seriam eles judeus? Não – eles se rebelaram contra os judeus.

Heródoto escreveu o seguinte:

*“Os povos das cidades de Marea e Apis que vivem na parte do Egito que faz fronteira com a Líbia, pensando como líbios ao invés de pensar como egípcios, eram contrários ao culto em templos, sem querer se abster de comer carne de vaca.*

*Assim foram até Amon, dizendo que eles nada tinham em comum com os egípcios, pois viviam fora do delta<sup>284</sup> e não concordavam com seus costumes. Queriam que Amon os permitisse experimentar todo tipo de alimento, mas o deus não permitiu que o fizessem, dizendo que a terra banhada pelo Nilo era o Egito e aqueles que viviam abaixo da cidade de Elefantina e bebiam desse rio, eram egípcios.”<sup>285</sup>*

Assim conta Heródoto.

---

<sup>284</sup> Delta do Nilo (NTP)

<sup>285</sup> Heródoto, *History*, 2.18

Eu acredito que Heródoto não seja pouco capacitado a analisar essas questões sobre deus e os anjos dos judeus, dessa forma, nada há de errado em que cada nação observe suas próprias leis de culto e, realmente, verificamos que as diferenças entre as nações são bastante consideráveis, apesar de que (naturalmente) cada um pense que seu modo de fazer é, sem dúvida, o melhor.

Vejam os egípcios que vivem em Meroe adoram somente Zeus e Dionísus. Os árabes adoram somente Ourania e Dionísus. Todos os egípcios adoram Osíris e Isis, os povos de Sais, Athena; os Naucratis – de recente colheita – adoram Serapis e assim fazem o restante dos povos, de acordo com suas respectivas leis.<sup>286</sup>

Alguns não comem carne de ovelhas, julgando-as sagradas; outros ficam longe dos bodes, outros dos crocodilos, ainda outros das vacas e porcos, pois detestam ser contaminados por eles.

Entre os povos Cítios, prospera o canibalismo, e alguns indianos consideram um ato de piedade,

---

<sup>286</sup> Celsus tirou essa informação dos livros 1 e 3 de Heródoto

devorar seus pais. Continuando, como conta Heródoto (tomando apenas o que nos interessa em vista da precisão) temos a seguinte história<sup>287</sup>:

*“Se alguém fizer uma reunião com todos os homens e pedir a eles que escolham quais são as melhores leis, sem dúvida, cada um, após alguma reflexão – não muita – irá escolher as suas próprias. Portanto, não é provável que alguém que não seja um lunático possa fazer gozação com esses assuntos: todos os homens sempre creram cada qual à sua maneira.”*

Ainda há outra testemunha sobre quantos homens acreditaram que suas leis eram as únicas: quando governava, Dario chamou os gregos que estavam com ele e perguntou quanto dinheiro queriam para comer seus pais mortos; eles responderam que não fariam tal coisa por dinheiro nenhum.

Chamou ele então os que eram conhecidos como Calatianos (indianos) que devoravam seus pais, e

---

<sup>287</sup>Heródoto, *History*, 3.38

perguntou a eles (na presença dos gregos e através de um intérprete) quanto queriam em pagamento para que queimassem seus pais mortos ao invés de comê-los. Então, ao ouvirem esta proposta, eles começaram uma gritaria furiosa, até que lhes fosse imposto silêncio. Tal é o poder de costumes e de leis, como já dizia Píndaro: "*O costume é o rei de tudo.*"<sup>288</sup>

Dessa forma, nada há de errado que um povo muito antigo, como os judeus, mantenha suas leis; o defeito está com aqueles que abandonaram suas próprias tradições para abraçar as dos judeus – aqueles que agem como se tivessem tido alguma revelação profunda que os autorizou a deixar seus amigos e conterrâneos com o pretexto que atingiram um alto nível de religiosidade e ouviram que a doutrina (deles) do paraíso não se originou com eles, mas (só para exemplificar) foi criada há muito tempo atrás, pelos Persas.<sup>289</sup>

---

<sup>288</sup> Píndaro, Frag, 152

<sup>289</sup> Celsus está corretíssimo. A teoria do paraíso é mais uma criação do Mitraísmo, feita por Zoroastro (NTP)

Seu hábito, escreve Heródoto, é subir os montes mais altos para oferecer sacrifício a Zeus e invocar todo o círculo celeste que rodeia Zeus.<sup>290</sup>

Acho que, todavia, isso é de pouca importância quando invocamos a Zeus, “O Altíssimo”, ou Zen ou Adonai ou Sabaoth ou Amon (como os egípcios) ou Papeus, como os Cítios.

Ainda mais, certamente, eles não se julgam mais sagrados que os outros povos só porque são circuncidados, uma vez que outros, como os egípcios e os Colchians, já faziam isso antes deles.

Eles não são mais sagrados só porque não comem carne de porco – também os egípcios já faziam isso antes deles, assim também com os bodes, ovelhas, novilhos e peixes. E os pitagóricos, que se abstém de feijão e de todas as coisas vivas.

Também não é verdade que os judeus são o povo escolhido por deus, que os ama mais que aos outros ou que os anjos somente aparecem a eles – e mais, que a eles foi dada uma terra que

---

<sup>290</sup> Heródoto, *History*, 1.131



havia sido preparada só para eles. Podemos ver que tipo de terra é essa que deus julgou ser valiosa para eles! E podemos ver que tipo de povo a habita!<sup>291</sup>

Muito bem. Basta de falar sobre os judeus. Deixo esse assunto somente lembrando que eles não conhecem o deus supremo, e foram enganados pelas feitiçarias de Moisés e as aprenderam sem que recebessem com isso benefício algum.<sup>292</sup>

Vamos voltar aos renegados do judaísmo, os cristãos, os mesmos que seguem as feitiçarias de Moisés e foram seduzidos por seu deus, Jesus. Não quero discutir as tolices e coisas contraditórias que eles têm a dizer sobre seu líder. Teria até a boa vontade de crer que ele era realmente um anjo. Mas, neste caso, podemos dizer que ele seria o primeiro de sua espécie a

---

<sup>291</sup> Mais uma vez Celsus vai direto ao ponto: Deus poderia ter dado uma terra melhor aos hebreus. Chamar o vale do Rio Jordão de terra prometida parece brincadeira. Deus poderia muito bem ter dado aos judeus, como terra prometida, o Brasil! (NTP)

<sup>292</sup> A acusação de Celsus repete certas críticas gnósticas sobre a “feitiçaria” e burla de Moisés, tal como se encontra em *Apocryphon of John* (II. 1/22.21-25) e *Second Seth* (VII 2/63.26-64.22) de Nag Hammadi

descer à terra? Será que não existiram outros antes dele? Se eles dizem que ele é único, então estão mentindo e se contradizendo.

Pois admitem que outros vieram, 50 ou 60 de uma só vez e foram punidos sendo lançados acorrentados para as profundezas da terra, onde, dizem, correm rios escaldantes, aquecidos pelas lágrimas dos atormentados.<sup>293</sup>

Dizem também que um anjo veio até a sepultura desse homem – alguns dizem que foi um, outros dizem que foram dois – e informou às mulheres que ele tinha ressuscitado.<sup>294</sup> Parece que o filho de deus não foi capaz de mover a pedra que fechava o sepulcro e precisou de um anjo para fazer isso por ele.<sup>295</sup>

---

<sup>293</sup> Parece que Celsus refere-se a certas interpretações cristãs de Enoque 6-10 e 67-69. Os cristãos podem ter sugerido que tais punições eram reservadas para o “falso” messias (Mc. 13-6)

<sup>294</sup> Celsus ressalta a bem conhecida discrepância na história da ressurreição contada por Marcos (16.5: um único jovem [*neaniskos*]) e Lucas (24.4: dois homens [*andres duo*])

<sup>295</sup> Cf. Mt, 28,2

E não é só isso, pois um anjo veio até a casa do carpinteiro para defender Maria quando ela ficou grávida<sup>296</sup>, e outro anjo apareceu para mandar que fugissem de onde moravam para salvar a criança do perigo.<sup>297</sup> Para mim, parece inútil fazer uma lista completa de todos aqueles que dizem que apareceram para Moisés e outros.

A questão é, naturalmente, se este Jesus é seguramente o único ser angelical que visitou a humanidade, mesmo que antes dele houvessem outros que foram enviados pelo criador, pois, mesmo antes de seu tempo, existiram aqueles que foram enviados pelo criador, apesar de que alguns, entre os cristãos – por exemplo, Marcião e seu discípulo Apelles – acreditem que o criador é um deus inferior.<sup>298</sup>

---

<sup>296</sup> O anjo teve que explicar para José como sua esposa, que ainda era virgem, tinha ficado grávida. Já os judeus contavam outra história, como vimos anteriormente aqui

<sup>297</sup> Isso sugere que Celsus estava bem ciente da história contada por Mateus sobre a natividade (Mat. 1,20; 2.12)

<sup>298</sup> Ver meu (Hoffmann) *Marcion: On the Restitution of Christianity* (1984), p 155-208, sobre o dualismo de Marcião. O que Celsus sabia sobre os marcionitas demonstra a importância do cristianismo marcionita nas últimas décadas do século II. Veja mais em Justino, *Apology*, 26.

Aqui há um considerável desacordo, pois enquanto alguns cristãos proclamam que o seu deus é o mesmo dos judeus, outros defendem que existe um outro deus, mais poderoso que o deus criador e que o antagoniza. Outros cristãos ensinam que o filho provém deste deus mais poderoso.

Ainda outros, admitem um terceiro deus – é bom esclarecer, aqueles que se auto-intitulam de gnósticos<sup>299</sup> - e ainda outros, apesar de se denominarem cristãos, que querem viver de acordo com as leis dos judeus.<sup>300</sup>

Eu também poderia mencionar aqueles que se denominam Simonianos, de Simão,<sup>301</sup> e aqueles

---

<sup>299</sup> Celsus pode estar se referindo à antropologia Valentiniana descrita por Irenaeus, Haer., 1.7.5

<sup>300</sup> Orígenes comenta (5.61) que Celsus ao mencionar os Elkaisaites, queria se referir aos Ebionitas, outra seita dos cristãos judeus mencionada por Eusébio, *Ecclesiastical History*, 6.38 (retirado dos comentários de Orígenes pág. 82)

<sup>301</sup> Os simonianos floresceram na Samaria e foram, provavelmente, uma seita taumaturga pré-cristã. Não se tem certeza se podem ser chamados de “gnósticos”; Irineu foi o primeiro a atribuir uma heresia gnóstica a Simão, o Mágico (*Against Heresies*, 1.23.1) Em todo caso, eles são lembrados com alguma exatidão em Atos 8.9-25, como representando uma ameaça ao sucesso do evangelho na Samaria.

que se denominam helenianos, de Helena,<sup>302</sup> sua esposa. Existem seitas de cristãos oriundas de Marcellina<sup>303</sup>, cristãos carpocráticos que se dizem originar de Salomé,<sup>304</sup> alguns que seguem Mariamne e outros que seguem Martha,<sup>305</sup> e ainda outros que se denominam marcionitas, de seu líder, Marcião.

Fica claro que alguns acreditam em um deus, outros em outro, mas, sobretudo, que estão caminhando às cegas, tão perversos e melancólicos quanto tristes eram os festins de

---

<sup>302</sup> Esta história é contada por Irineu (1.23.2), Tertuliano (*De anima*, 34) e Hipólito (Refut. 6.19) Wilhelm Bousset analisa a tradição helênica em *Die Hauptprobleme der Gnosis* (Goettingen, 1997) 78ff

<sup>303</sup> Irenaeus (*Against Heresies* 1.25.6) e Epiphanius (*Panarion* 27.6.1) mencionam Marcellina como sendo uma seguidora do gnóstico egípcio Carpocrates. Acredita-se que esteve em Roma na época do episcopado de Anicetus.

<sup>304</sup> Salomé aparece em vários trabalhos gnósticos como sendo um dos apóstolos do senhor, notadamente no *Gospel of Thomas* e em *Pistis Sophia*; Clemente de Alexandria (*Misacellanies* 3.45.63,66,92) a relaciona com o Evangelho Segundo os Egípcios.

<sup>305</sup> Os Ophitas veneravam Mariamne como sendo o apóstolo que foi escolhido por Tiago, o irmão do senhor, para continuar sua obra. Hipólito (*Refutations* 5.7.1; 10.9.3)

Antinous no Egito. Esta é a extensão de sua maldade e ignorância.

Os cristãos, não é necessário dizer, odeiam-se profundamente entre si;<sup>306</sup> injuriam-se constantemente com as formas mais vis de insultos e não conseguem chegar a nenhum acordo nos seus ensinamentos.

Cada seita apregoa ser a verdadeira, enche a cabeça de seus membros com bobagens fraudulentas e transforma em perfeitos porquinhos aqueles que os criticam. Como muitas sereias, pregam sem cessar e batem em seus peitos: "*O mundo* (dizem, para sua vergonha) *é crucificado para minha salvação e eu me crucifico pelo mundo*".

Alguns poucos apregoam que sabem mais que os judeus. Suponhamos que assim seja: vamos assumir que apesar mesmo de não terem autoridade sobre sua doutrina, seus ensinamentos possam ser examinados – e vamos

---

<sup>306</sup> O grau de hostilidade aqui mencionado por Celsus é também reconhecido por escritores cristãos, tais como Justino ( 1 Apol.26)

examiná-los. Vamos falar sobre sua sistemática corrupção da verdade, sua incompreensão de alguns dos mais elementares princípios da filosofia – que naturalmente, eles estragaram completamente.





## VII – Críticas à Doutrina Cristã

Muitas das idéias dos cristãos foram melhor – e anteriormente – propostas pelos gregos, que, todavia, eram modestos o bastante para não dizerem que essas idéias advinham de um deus ou de um filho de deus.

Os anciãos, na sua sabedoria, revelaram certas verdades para aqueles que estavam aptos a compreendê-las: Platão, filho de Ariston, mostra a verdade sobre o deus supremo quando diz que ele não pode ser definido com palavras, mas, antes de tudo, é percebido pela familiaridade – como um relâmpago no céu, marcando a alma.<sup>307</sup>

Porém, mesmo que Platão estivesse errado – e se o deus supremo pudesse ser definido por escrituras ou com palavras, então ele não poderia ser igualmente bom – na verdade, o que poderia ser melhor que ele – para revelar este fato em benefício de todos os homens?

---

<sup>307</sup> Platão, *Epistles*, 7.341C

Platão afirmava que o bem é um conhecimento de poucos e quando as massas ficam conhecendo alguma verdade sagrada, ou apenas meia verdade, elas se comportam entre si com arrogância e orgulho.<sup>308</sup>

Mas Platão, ao declarar isso, não continua lembrando alguns mitos que reforçam essa teoria (como fazem muitos outros) nem faz calar ao seu inquiridor que atacava algumas das verdades que ele professa; Platão não pede a ninguém que pare de questioná-lo ou que aceitem que deus é assim e assado ou tem um filho chamado esse ou aquele, esse mesmo com quem eu estava conversando hoje de manhã!

---

<sup>308</sup> Platão, *Epistles*, 7.341D. Novamente, Celsus conclama os cristãos a procurarem suprir sua deficiência em conhecimentos e pararem de apregoar que possuem uma sabedoria superior. Na carta citada, Platão faz uma distinção entre os temperamentos filosóficos “verdadeiros” e “falsos”, sendo estes últimos “nada mais que meras opiniões que penetram apenas para dar cor superficialmente, como um bronzeamento solar, que somente atinge a pele” (7.340D). Celsus aqui elogia o sistema de se usar perguntas e respostas como meio de se chegar à verdade de uma crença (cf. Platão, *Epistles*, 7.344b) e critica os cristãos por “recorrer imediatamente à fé” quando são desafiados em algum ponto de lógica.

Para esclarecer melhor meu ponto de vista, vou me aprofundar mais um pouco.

Todos sabem que existem muitas facetas em uma doutrina verdadeira. Isso deve ser óbvio para quem pretende escrever sobre tal assunto. Tudo, ou seja, tudo que existe, possui três predicados que tornam possível o seu conhecimento. O conhecimento da própria coisa é geralmente conhecido como um quarto atributo. O quinto atributo é aquele que é verdadeiro e possível de ser conhecido.

Na linguagem de Platão: o primeiro é o nome; o segundo, a palavra; o terceiro, a imagem; o quarto, o conhecimento.<sup>309</sup>

Definindo assim o Bem, Platão continua reforçar que ele não pode ser descrito com palavras, mas fornece vasta explicação para esta dificuldade para evitar levar a discussão do Bem para além

---

<sup>309</sup> “Para tudo que existe há três instrumentos pelos quais o seu conhecimento é necessariamente transmitido; há um quarto que é o próprio conhecimento e um quinto que é a descrição do próprio fato, que é conhecido e verdadeiramente existe” Platão (Ep. 7.342 A,B)

da pergunta e da discussão. Mesmo a natureza do nada pode ser descrita em palavras.

Platão não está falando em vão; ele não dissimula ou proclama que está dizendo algo novo. Platão não afirma que desceu dos céus para anunciar sua doutrina. Pelo contrário, ele nos conta de onde apareceu sua doutrina, ou seja, resumindo, uma explicação do que ele diz e que está feliz por indicar as fontes de seu conhecimento, ao invés de nos pedir que se acredite no que fala, baseado somente em sua própria autoridade.

O que dizem os cristãos? Dizem: *“Primeiramente, acreditem que a pessoa que nos conta essas coisas é o filho de deus, mesmo que tenha sido preso, humilhado, punido em público e pregado de forma inadequada em circunstâncias desfavoráveis. Esta é a maior razão para crer!”*<sup>310</sup>  
Assim dizem eles.

---

<sup>310</sup> Orígenes (*Against Celsus* 6.11) refuta que os mestres cristãos “apresentam o evangelho para cada pessoa de uma maneira que possa ajustar-se à sua índole e condição... Realmente existem alguns a quem fazemos somente uma exortação para crer, já que são incapazes de assimilar algo mais, mas com outros, fazemos tudo o que podemos para

Pois bem, se esses crentes confessam Jesus e outros confessam alguém diferente e se todos têm o slogan “*Creiam e sejam salvos ou sejam condenados*” o que acontecerá com aqueles que realmente querem ser salvos? Quer dizer, que caminho têm que seguir, uma vez que ameaças do mesmo tipo surgem de todos os lados? Aqueles que suplicam por salvação têm de jogar dados para descobrir qual caminho a seguir? Quanto deverão gastar em apostas na sua salvação? A quem devem seguir?

Os cristãos apelam para o pior lado dessas pessoas ávidas de salvação, insistindo que a sabedoria dos homens não é nada mais que uma tolice para os que estão com deus<sup>311</sup> e assim tentam trazer para seu meio os incultos e estúpidos. (Devo mencionar que, mesmo nesse ensinamento, eles estão meramente plagiando as idéias dos filósofos gregos que desde há muito tempo ensinavam que a sabedoria do homem é uma coisa e a sabedoria divina, outra.)

---

conquistá-los com argumentos racionais colocados sob forma de perguntas e respostas”.

<sup>311</sup> | Cor. 3.19

E, Heráclito não ensinou que: *“O caráter do homem não têm um senso comum, mas o de deus tem.”* E mais: *“O homem não passa de um tolo diante de deus, como uma criança o é diante de um adulto”*<sup>312</sup>

E o grande Platão, em sua *Apologia*, disse: *“Eu, homens de Atenas, cheguei a ter o nome que tenho devido à sabedoria; e que tipo de sabedoria é esta? É a sabedoria que um homem pode conseguir e desse modo eu sou, posso assim dizer, sábio.”*<sup>313</sup>

Pode-se notar pois, que a distinção entre a sabedoria divina e a humana baseia-se em Heráclito e Platão. Mas, os cristãos querem dizer algo mais fazendo essa distinção. Eles direcionam sua mensagem para os incultos, os escravos e os ignorantes – os completamente sem sabedoria – e então os convencem que o conhecimento que

---

<sup>312</sup> Heráclito, Frags. 78-79

<sup>313</sup> Platão, *Apology* 20D. Aqui Celsus se preocupa em fazer uma distinção entre a agnóia demonstrada por um filósofo em sua procura da sabedoria e da verdade e a idéia cristã que a simplicidade por si mesma é uma virtude. NTP: AGNOIA: Doença que faz com que o paciente perca seu conhecimento, falta de conhecimento, ignorância – agnosia

adquiriram em sua nova superstição é divino – a própria sabedoria de deus!

Isso pode ser comprovado pelo modo como fogem a galope das pessoas com conhecimentos e cultas – pessoas que eles não podem enganar – e, por outro lado, convencendo somente pessoas incultas.<sup>314</sup>

Não surpreende que enfatizem a virtude da humildade (que no seu caso é fazer da virtude uma necessidade!) novamente aqui prostituindo as ideias de Platão que escreveu em Leis: "*Deus, que conhece o princípio, o meio e o fim de tudo que existe, age de acordo com regras diretas da natureza; a justiça segue o transgressor e aquele que é feliz segue a lei divina atenta e humildemente.*"

Mas, é uma coisa diferente seguir a lei divina com humildade, conhecendo a sabedoria com a qual foi determinada. A humildade cristã novamente, é algo mais: para o cristianismo o homem

---

<sup>314</sup> Cf. *Against Celsus* 1.127 sobre a estrutura social das comunidades cristãs. Ver também AJ Malherbe, *Social Aspects of early christianity* (Baton Rouge, La. 1977)

“humilde” rebaixa-se num estilo humilhante, atira-se precipitadamente ao solo; arrasta-se ajoelhado, veste-se com trapos como um mendigo; cobre-se com o pó da estrada.

Eles não só confundem as palavras dos filósofos; estão inclinados a dizer que são de Jesus as palavras dos filósofos. Por exemplo: nos contam que Jesus julgará os ricos ao dizer: *“É mais fácil passar um camelo num buraco de uma agulha que um rico entrar no reino dos céus.”*<sup>315</sup>

Novamente, sabemos que Platão expressou a mesma idéia de modo claro, quando disse: *“É impossível a um homem excepcionalmente bom ser excepcionalmente rico.”*<sup>316</sup> Será aquela expressão mais inspirada que esta?

---

<sup>315</sup> Mc. 6.2 e pars. – NTP: Na verdade, houve um erro de tradução nesse trecho da Bíblia. Pesquisadores dizem que o termo original “*kamel*” significa corda e não camelo. Assim a citação ficaria “é mais fácil passar uma corda num buraco de uma agulha...” e não a tradução aberrante e sem nexo feita com o camelo

<sup>316</sup> Platão, *Laws*, 743 A . Celsus aqui reforça esta objeção comum ao cristianismo, ou seja, que a tal “verdade” que sua doutrina possa conter não é original.



E sobre sua crença numa trindade de deuses; não é mesmo essa sua doutrina principal uma má interpretação grosseira de certas palavras que Platão escreveu em suas cartas? "*Todas as coisas*" escreve o filósofo, "*estão centradas no rei de tudo e o tudo é sua finalidade e ele é a causa de todo bem. As coisas secundárias estão centradas no Segundo e as terceiras coisas estão centradas no Terceiro.*"<sup>317</sup>

A alma humana quer aprender sobre essas coisas e, para descobrir a sua verdadeira natureza, estuda coisas relacionadas a ela própria – as quais nenhuma é perfeita. Por outro lado, com relação ao rei e os princípios, nada há de imperfeito.

É por isso que esses cristãos ao compreenderem mal, em sua totalidade, as palavras de Platão, apregoam que deus está acima dos céus e o colocam acima dos céus no qual os judeus acreditam.

---

<sup>317</sup> Platão, *Epistles*, 2.312E . e cf. Justino, 1 *Apology*. 1.60.7; Clemente de Alexandria, *Strom.*, 5.103.1. Os patriarcas da igreja que conhecem bem essa passagem, geralmente aceitam que Platão projetou a doutrina cristã da trindade.

Mas, nenhum poeta terreno e certamente nenhum cristão, descreveu ou cantou a região dos céus que se adequasse a eles: sendo moderno, Platão o descreve: "*incolor, sem forma, intocável e visível somente para as mentes que guiam a alma na sua busca pelo conhecimento verdadeiro que habita esta esfera.*"<sup>318</sup>

Então os cristãos pregam que, depois de suas lutas e conflitos aqui embaixo, entrarão no reino dos céus e concordam com o antigo sistema no qual existem sete céus e o caminho da alma é através dos planetas.<sup>319</sup>

Esse seu sistema baseado em ensinamentos muito antigos, pode ter sido extraído de crenças semelhantes dos velhos mistérios da Pérsia associados ao culto de Mithras.

Neste sistema são definidas órbitas para as estrelas fixas e outras para os planetas e um esquema para a passagem da alma por estes últimos. Eles o simbolizam como uma escada com

---

<sup>318</sup> Platão, *Phaedrus*, 247<sup>a</sup>

<sup>319</sup> A incrível e tola teoria de Platão (copiada descaradamente do mitraísmo) de organização do universo através de esferas celestes, que teve crédito até o século XVIII. (NTP)

sete portais e no ponto mais alto um oitavo portal: o primeiro portal é chumbo; o segundo estanho; o terceiro bronze; o quarto, ferro; o quinto, uma liga; o sexto, prata e o sétimo, ouro.

Então associam os metais aos deuses da seguinte forma: o chumbo, com Cronos, tomando o chumbo como símbolo de sua lentidão, o segundo com Afrodite, comparando o estanho com seu brilho e delicadeza; o terceiro com Zeus – o bronze simboliza a solidez do deus; o quarto com Hermes, pois ambos, o ferro e Hermes são confiáveis e trabalhadores, o quinto com Ares – o portal que é o resultado da mistura que é impar na qualidade; o sexto com a lua e o sétimo com o sol – esses últimos dois sendo simbolizados pelas cores dos metais.<sup>320</sup>

---

<sup>320</sup> Ver Franz Cumont, *Les Mysteres de Mithra* (Brussels, 1913) e Wilhelm Bousset “*Die Himmerlreise der Seele*” *Archiv fur Religionswissenschaft*, 4 (1901) 136-69. Semelhanças entre o mitraísmo e o cristianismo foram detectadas pelos patriarcas da igreja desde o tempo de Justino em diante; cf. I Apol. 66. Sua réplica às acusações comuns de “empréstimo” de teorias tiradas das religiões ocultas era que o demônio, se antecipando à fundação da igreja, entregou antes, aos pagãos, os ritos e doutrinas cristãos. NTP: Parece brincadeira...

Naturalmente, quando se compara a cosmologia dos Persas com a dos cristãos, pode-se ver a diferença entre elas, tendo eu visto um desenho cristão no qual havia dez círculos separados uns dos outros e unidos por um círculo simples, que dizem ser a alma do universo, chamada de Leviatã.<sup>321</sup> Esse diagrama era dividido por uma grossa linha negra a qual, contaram-me, era Gehenna ou Tartarus.<sup>322</sup>

Esses cristãos também falam de um selo, dado pelo pai a um jovem chamado o Filho ou o Filho do Homem, que dizem ter sido unguido com um óleo branco extraído da árvore da vida.<sup>323</sup>

---

<sup>321</sup> A cosmologia complicada aqui descrita por Celsus é provavelmente gnóstica. A idéia de que o mundo está envolto por uma gigantesca serpente, *Leviatã* (cf. Isa. 27.1; Jó, 3,8; etc) prevalecia nas comunidades gnósticas cristãs, como atestam as provas de *Pistis Sophia* (126) e *Acts of Thomas* (32).

<sup>322</sup> Ver Mt. 5.22

<sup>323</sup> Sobre os possíveis paralelos à essa história, citados por Chadwick (Orígenes, *Against Celsum*, 6.27, nota 2 p. 342) o mais real parece ser a referência em Clementine, *Recognitions* (1.145) ao fato de que o filho de deus era chamado de "Cristo" porque "o Pai o ungiu com óleo que foi extraído da árvore da vida". Portanto Orígenes não merece crédito quando diz que Celsus inventou essa história.

Os cristãos ensinam que quando alguém está morrendo, sete anjos postam-se do lado de sua alma, um grupo é composto por anjos de luz, os restantes são o que se chama de anjos das trevas, e tendo como líder, dizem, o anjo maldito por deus.

Alguns cristãos (ou seja, os gnósticos) afirmam que o anjo maldito é o deus dos judeus, sendo este deus aquele quem envia trovões, quem criou o mundo e era adorado por Moisés, que descreve seu modo de agir em sua própria história da criação do mundo.<sup>324</sup> Pois bem, tal deus pode bem merecer ser amaldiçoado se ele é o deus que amaldiçoou a serpente por ter dado ao homem o conhecimento do bem e do mal!<sup>325</sup>

Isso que os cristãos chamam de sabedoria não poderia ser algo mais idiota!<sup>326</sup> O deus dos

---

<sup>324</sup> A hierarquia de anjos mencionada por Celsus foi descrita por Irenaeus como sendo uma doutrina dos gnósticos (*Against Heresies* 1.30-2-3) Celsus mostra-se muito bom conhecedor das doutrinas gnósticas cristãs, onde é lugar comum a identificação do deus do velho testamento com um anjo inferior. **NTP:** A história de anjos, foi inventada no *Avesta* e corroborada por Zoroastro, 14 séculos antes de Cristo.

<sup>325</sup> Gen 3.14-15

<sup>326</sup> Cf. I Cor. 2.30

judeus, seu grande legislador (dizem os cristãos) cometeu um erro.<sup>327</sup> Então: por que, se aceitam suas leis como sendo dignas de serem seguidas – por que tomam essas leis e as interpretam como parábolas? Por que vocês, adoram tão raivosamente este criador, seus hipócritas, quando ele prometeu tudo aos judeus – faria sua raça prosperar, os faria ressuscitar dos mortos com seu corpo original – o mesmo deus que inspirou os profetas? E ainda derramam insultos sobre ele!

---

<sup>327</sup> Parece que Celsus tem em mente a polêmica marcionita contra a instabilidade do deus do velho testamento (cf. Tertuliano, *Againt Marcion* 1-3); porém confunde a posição dos cristãos que se opuseram e eliminaram os livros do velho testamento por serem revelação de um deus inferior com aquela dos cristãos que fizeram uma interpretação alegórica das escrituras dos hebreus e ficaram com a visão do “novo” pacto como uma revelação posterior do deus de Israel. Celsus apresenta a observação interessante de que alguns cristãos são simplesmente hipócritas em suas crenças, acomodando seus pontos de vista para acalmar os judeus se necessário, e em outras vezes, quando desafiados a explicar as diferenças entre a lei judaica e os ritos cristãos, alegam que o deus dos judeus e o deus dos cristãos são serem antologicamente diferentes. Esta é, indubitavelmente, uma simplificação da situação histórica encontrada por Celsus; ele não é capaz de alinhar toda uma gama de interpretações – algumas monoteístas e outras não - que eram usadas nas diversas comunidades cristãs que ele conhecia.

Mas, quando seus cristãos encontram dificuldades impostas pelos judeus, vocês disfarçam e dizem que adoram o mesmo deus que eles! Em quê acreditar? Pois, quando seu mestre, Jesus, baixa leis contrárias aquelas baixadas por Moisés, em quem os judeus colocam sua fé, vocês, imediatamente cuidam de encontrar outro deus, alguém que seja diferente do Pai.<sup>328</sup>

Alguns dos cristãos, assim como os seguidores de outras seitas misteriosas, levam suas teorias a ponto do absurdo, amontoando as afirmações dos oráculos por sobre as outras regras, tudo com intuito de confundir.

Assim ficamos sabendo de círculos no topo de círculos e emanações fluindo de emanações, igrejas terrenas e igrejas de circuncisão; testemunhamos os judeus nascendo do poder representado como uma virgem – Prunikus

---

<sup>328</sup>Tertuliano, *Against Marcion*, 1.6.2. Tertuliano observa que Marcião não idealizou dois deuses supremos, mas deuses diferentes: “um, sendo um juiz, cruel e guerreiro; o outro brando e pacífico, amável e extremamente bom.”

(Sophia)<sup>329</sup> – e outros revivendo uma alma que tinha sido morta para que, desse modo, no paraíso possa ter vida.

Ou mostram a terra destruída por uma espada ou a destruição de homens para que outros possam viver e mostram a perdição da morte chegando ao fim quando for destruído o pecado do mundo.

Também mostram em seu diagrama uma estreita passagem através das esferas com portais que se abrem de acordo com sua vontade.

Esses mesmos cristãos nunca se cansam de falar na “árvore da vida” e da possibilidade de ressurreição dos corpos devido a essa árvore – o simbolismo fica evidente se aceitarmos sua história de que seu mestre foi pregado em uma cruz de madeira e era carpinteiro.

Eu suspeito que se ele tivesse sido jogado de um desfiladeiro ou empurrado para dentro de um poço ou estrangulado – ou tivesse sido, em vez de carpinteiro, um sapateiro, pedreiro ou ferreiro,

---

<sup>329</sup> O sistema gnóstico aqui descrito é o de Valentinus; cf. Irenaeus, *Against Heresies*, 1.29.4; 30.3-9.



nós os encontraríamos contando histórias sobre os rochedos da vida nos céus, ou um poço da ressurreição, ou uma corda da imortalidade, ou uma rocha sagrada, ou uma forja de amor, ou o sagrado mistério do couro. Será que eles não envergonhariam uma velha bruxa bêbada que ao ninar uma criança, contasse tais histórias ?

Mas, esse não é o fato mais notável nesses cristãos: eles interpretam certas palavras que aparecem inscritas entre os círculos superiores, acima dos céus, particularmente entre o mais largo e o mais estreito, como o Filho e o Pai, e ensinam seus discípulos a ler os sinais e aprender a interpretação dos diagramas, prometendo que, se assim o fizerem, se tornarão hábeis em feitiçaria.

Na verdade eles são muito desonestos, plagiando de outras religiões até mesmo os encantamentos em seus cultos mágicos. Seu verdadeiro talento é ludibriar as pessoas que desconhecem o fato de que os demônios possuem nomes diferentes entre os gregos, entre os cítios e assim por diante (como nos conta Heródoto que os cítios chamam Apolo de Gongosyrus; Poseidon de

Thagimasada; Afrodite de Agrimpasa e Hestia de Tabitha.<sup>330</sup> )

Não vou me deter aqui na sua louca propaganda em busca de poder: basta dizer que incontáveis pessoas procuraram conforto para seus pecados recorrendo a tais zombarias religiosas; incontáveis religiões prometeram purificar a alma dos homens; incontáveis charlatões prometeram libertar os crédulos do mal e da doença; e sim, os curandeiros e mágicos cristãos são capazes de produzir ruídos e efeitos de barulhos estranhos, pretendem realizar milagres através do nome de Jesus<sup>331</sup>; usam em seus trabalhos panos de seda e cortinas, números, pedras, plantas – raízes e objetos de todo tipo - e toda uma variada parafernália que se possa esperar de tal gente.

---

<sup>330</sup> Heródoto 4.59

<sup>331</sup> Cf. Mc. 16.9-20; At. 3.6. Sem dúvida, Paulo fala de poderes semelhantes em I Cor. 2.4. Os primeiros cristãos encaravam tais demonstrações como provas doutriniais; a descrição de Celsus sugere que vários mestres cristãos do século II atraíam a atenção através de mágicas comuns e prestidigitação, sendo que Irineu tinha conhecimento de celebrações eucarísticas de natureza esotérica. (cf. Haer 1.12) Cf. também Smith, *Jesus The Magician* (New York, 1977)

Apesar de professarem fé religiosa, já vi esses cristãos usarem livros contendo fórmulas mágicas e o nome de vários demônios; certamente não estão fazendo algo bom, pois somente pretendem enganar as pessoas de boa fé através desses truques.

Um músico egípcio, chamado Dionysus, contou-me em primeira mão que sortilégios mágicos são especialmente eficazes entre os incultos e entre aqueles com caráter moral sombrio.<sup>332</sup>

Por outro lado, aqueles que se preocupam com filosofia, estão imunes a tais feitiçarias, uma vez que estão interessados em examinar as ações e analisar suas conseqüências.

Sua suprema estupidez pode ser ilustrada de vários modos, especialmente com referência a sua interpretação equivocada dos enigmas divinos e sua insistência em afirmar que existe um ser oposto a deus, que eles chamam de diabo (em hebreu, Satanás, pois chamam esse mesmo

---

<sup>332</sup> A idéia de que os mágicos eram moralmente depravados estava difundida largamente: ver Plotinus, *Enneads*, 4.4.43-44; Porfírio, *Life of Plotinus*, 10.

ser por diversos nomes) Mas, demonstram como tais idéias foram tramadas quando continuam a dizer que o altíssimo deus no céu deseja fazer isto e aquilo – quer dizer, dar grandes presentes ao homem – e não pode conseguir inteiramente seus objetivos porque ele é atrapalhado e ameaçado por um deus que é seu oponente.

Isso significa que o filho de deus pode ser enfrentado por um demônio? Será que isso realmente significa que o filho de deus é punido pelo demônio com algum tipo de lição, tal como nos ensinar que devemos ficar indiferentes ao sofrimento que nos seja infligido?

Eles ensinam mesmo que satã vai se manifestar novamente e mostrará sua obra à humanidade, rivalizando com deus em poder e glória.<sup>333</sup> Portanto, dizem que não devemos ser desencaminhados pelas obras do demônio, pelo contrário, devemos aderir firmemente ao deus cristão e somente crer nele.

---

<sup>333</sup> Cf. II Tess. 2.3-5; Celsus mostra algum conhecimento de Rev. 20.7: “Quando os milênios terminarem, Satanás será libertado de sua prisão e retornará para destruir as nações nos quatro cantos do mundo.”

Que blasfêmia é esta? Isso não é, definitivamente, o tipo de coisa que alguém esperaria ouvir de um mágico, um feiticeiro que pretende somente ter ganhos para si, ensinando que os mágicos rivais estão realizando seus truques pelo poder do demônio, enquanto que ele, e somente ele, representa o poder de deus? O que mais poderemos esperar desses mendigos?<sup>334</sup>

E, qual é a fonte de suas opiniões? Se consultarmos Heráclito, encontraremos o seguinte: *"A guerra é uma coisa mútua e a justiça nada mais é que uma rixa: tudo que existe é conseguido através de rixas e necessidade."*<sup>335</sup>

Pherecydes, antes mesmo que Heráclito, fala de dois exércitos prontos para batalharem, tendo Cronos como líder de um lado e Ophioneus<sup>336</sup> comandando o lado oposto. Depois de muita deliberação combinaram que qualquer exército que fosse levado rumo ao oceano (Ogenus)

---

<sup>334</sup> Mc. 13.5-6 pars.

<sup>335</sup> Heráclito, Frag. 80

<sup>336</sup> **Ophion** (Ophioneus) na mitologia grega governava o mundo, no princípio, juntamente com Eurynome e foram derrotados por Cronos e Rhea. (NTP)

deveria ser o perdedor, enquanto aquele que tivesse sucesso em conduzir o outro ao abismo deveria herdar o paraíso.<sup>337</sup>

Encontramos um mito semelhante nas histórias dos Titãs e os Gigantes e nos mistérios contados pelos egípcios com relação a Typhon, Horus e Osíris.<sup>338</sup> Aos nos depararmos com tais histórias, devemos primeiramente descobrir seu significado, e, fica claro que os antigos não estavam contando histórias sobre diabos e demônios.

Homero escreveu o seguinte sobre as palavras que Hephaestus disse a Hera: *“Uma vez, quando eu estava pronto para defender-te, ele tomou-me pelo pé e jogou-me para fora dos lugares celestiais.”*<sup>339</sup> Zeus falou a Hera o seguinte: *“Lembra-te quando estavas esperando no alto e coloquei bigornas em tuas pernas e lancei correntes de ouro em volta de teus braços? Tu estavas esperando no éter de sombras. Então os deuses o descobriram – longe do Olimpo – mas,*

---

<sup>337</sup> Pherecydes of Syros, Frag. 4

<sup>338</sup> Plutarco, *Moralia*, 371 A,B

<sup>339</sup> *Ilíada*, 1.590f

*mesmo apesar de estarem próximos a ele, não podiam libertá-lo. Ninguém, a não ser eu, o dominando, o trazendo dos limites do céu [o liberei] e ele caiu desamparado na terra.*<sup>340</sup>

No entanto, as palavras de Zeus para Hera não devem ser tomadas ao pé da letra. Elas versam sobre a importância das palavras de deus; se referem vagamente ao fato de que no princípio tudo era caos e então deus dividiu o mundo em determinados setores, os ordenou e organizou.

Ele arremessou à terra todos os arrogantes archons<sup>341</sup> Isso é o que Pherecydes entende de Homero, quando diz: *“Embaixo da terra é o mundo de Tartarus, vigiado pelas filhas de Boreas, as Harpies e Thyella; e Zeus manda para lá qualquer deus que se torne arrogante.”*<sup>342</sup> Este é o significado da procissão de Panathenea,

---

<sup>340</sup> *Iliada*, 15.18-24

<sup>341</sup> Termo usado no gnosticismo para designar os servidores do Demiurgo. Os **archons** eram os senhores dos anjos e dos demônios. (NTP)

<sup>342</sup> Pherecydes, Frag. 5: O argumento de Celsus se baseia no direito de um deus poderoso de punir a arrogância por uma demonstração absoluta de força; os cristãos pregam que um deus fez concessões ao demônio, e por isso não pode ser considerado todo poderoso.

quando a túnica de Athena é exibida; isso significa que uma deusa eterna e imaculada governa os arrogantes mandatários da terra. Assim esses mitos devem ser interpretados.

Mas, a noção cristã que o filho de deus aceitou as punições a ele infligidas por um demônio é simplesmente um absurdo, especialmente se somos levados a crer que isso serve para nos ensinar a suportar as punições mansamente.<sup>343</sup>

Em minha opinião, o filho de deus tem o direito de punir o demônio; e, claramente, não tem razão para ameaçar com punições os homens a quem veio salvar,<sup>344</sup> os mesmos que sofreram demais devido aos abusos dos demônios.

E está claro de onde tiraram a sua idéia de um filho de deus. Pois, nos tempos antigos, os homens costumavam chamar nosso mundo de criança de deus e personificá-la como um semi-deus, como se originasse de deus.

---

<sup>343</sup> Cf. Mc 8.34-35

<sup>344</sup> Celsus parece que se refere ao infortúnio que é atribuído a Jesus no evangelho de Mateus (24.13-36)



Jesus e a “criança de deus” são muito semelhantes. Mas os antigos estavam falando figurativamente e os cristãos acreditam em Jesus como sendo o verdadeiro logos de deus. E sua visão do mundo é muito néscia – de fato, tão tola como sua crença de como surgiu o homem:

Eles ensinam que o homem existiu primeiro num jardim plantado por deus, e depois de algum tempo, foi expulso desse jardim, devido a certas circunstâncias que fugiram de seu controle, e foi obrigado a viver num mundo que, na maioria dos aspectos, era propriamente o oposto ao jardim.

Realmente, tudo isso é uma grande besteira.

Moisés só pode ter escrito tais coisas porque era um estúpido e seu efeito geral é semelhante ao das velhas comédias, onde escuta-se: “*Proteus casou-se com Belophoron e Pegasus veio da Arcádia.*”<sup>345</sup>

---

<sup>345</sup> Ver Gen. 1-3. A defesa de Orígenes baseia-se em que os humoristas escrevem peças a partir do desejo de fazer as pessoas rirem, da mesma forma, a finalidade de Moisés, ao criar leis para toda a nação “era encorajar o povo a acreditar que eles descendiam de deus.” (Cels. 6.49)

Resumindo, Moisés e os profetas que escreveram isso, absolutamente não tinham a menor noção de como o mundo apareceu e seus livros não passam de lixo.<sup>346</sup>

Esse negócio de “*faça-se a luz*” – devemos pensar que o criador do mundo, usou a luz do alto como um homem que toma emprestado o archote de seu vizinho? Ou devemos pensar, como o fazem alguns cristãos, que um deus demoníaco criou o mundo ao contrário do que o deus do bem pretendia, e se assim for, por que a luz não foi desligada desde o princípio?

Não quero entrar aqui em questões de física – onde o mundo não é criado e indestrutível ou criado e destrutível. Mas, não ensinamos que o criador é um estranho ao mundo. Alguns dentre os cristãos, dizem que as coisas foram planejadas por um criador diferente do grande deus que governa tudo, e que o deus supremo se restringiu de agir, e que não pode mais fazer

---

<sup>346</sup> A lucidez de Celsus é impressionante quando diz que “*não tinham a menor noção de como o mundo apareceu*” (NTP)

isso;<sup>347</sup> e eles ficam a ensinar que a criação precisa ser destruída.

Alguns ensinam que, quando o deus supremo deu o espírito ao criador, pediu que ele fosse devolvido. Mas, que tipo de deus é esse? Que deus pede para que algo que doou, lhe seja devolvido – pois pedir algo é uma ação de alguém necessitado, e deus, por definição, não precisa de nada.

Se o deus supremo emprestou seu espírito, ele não saberia que o estava emprestando a um ser maligno?

E se o deus supremo e o criador são princípios opostos, por que o deus do Bem suportaria um deus do Mal que lhe fazia oposição?

Quero perguntar o seguinte a esses cristãos: "Por que (o deus do Bem) quer destruir as obras do criador? Por que ele se faz de engraçadinho e enganador? Por que ele carregou para longe esse povo, a quem o criador tinha amaldiçoado e trata

---

<sup>347</sup> Assim falaram os marcionitas (cf. Tertuliano, *Against Marcion*, 1.122)

com a humanidade como se fosse um mercador de escravos? Se eles são obra do criador, por que ele os ensina a fugir do seu mestre? Se o criador é seu pai, por que devem abandonar sua terra? E com que direito, sem o consentimento paterno, tem ele de levá-los para longe de seu pai”?<sup>348</sup>

E o que vamos encontrar no final? Realmente um deus “impressionante”: alguém que não quer nada mais que adotar pecadores como filhos; alguém que deseja chamar a si criaturas que foram condenadas por outras, pobres desgraçados que são (como eles se tratam), nada, além de estrume; um deus que não é capaz de se vingar deste criador, mas o adora depois de mandar seu filho para fazer o trabalho sujo.

Mas, se esses são verdadeiramente a obra do criador, como pode ser isso, ou seja, deus praticar o mal? Como pode se arrepender quando

---

<sup>348</sup> Essa linha de pensamento é idêntica à de Irineu contra Marcião: Se a humanidade pertence ao criador, então o deus todo poderoso se torna nada mais que um usurpador da propriedade alheia. (*Against Heresies* 4.33.2) Ver também Tertuliano, *Against Marcion*, 3.4.4

eles se tornam ingratos e rebeldes?<sup>349</sup> Como pode encontrar erros em sua própria obra ou ameaçar destruir sua própria descendência? Onde está ele para bani-los do mundo que ele próprio criou?

Analisemos mais uma vez a história da criação que eles acreditam, onde lemos que deus expulsou o homem do jardim criado especialmente para ele.<sup>350</sup>

Tolos como só eles e mais tolo ainda o modo como se conta que o mundo foi criado. Eles dedicam certos dias à criação, antes dos dias existirem.<sup>351</sup> Pois, se o céu ainda não tinha sido criado, ou a terra fixada ou o sol posicionado no céu, como poderiam existir os dias?

Não é um absurdo pensar que o deus supremo montou seu trabalho como um pedreiro monta tijolos, dizendo "*Hoje farei isso, amanhã, aquilo*". E assim por diante, e assim fez no terceiro, no quarto e algo mais no quinto e no sexto dias!

---

<sup>349</sup> Gen. 6.6

<sup>350</sup> Gen. 4.23

<sup>351</sup> Celsus aponta aqui uma aparente contradição entre Gen. 1.3f e 1.14-16

Então não nos surpreendemos em descobrir que, como um simples trabalhador, este deus caiu esgotado e precisou de um feriado depois de seis dias.<sup>352</sup>

Preciso comentar que um deus que se cansa, faz trabalhos braçais e dá ordens como um capataz não está agindo muito apropriadamente como um deus?

---

<sup>352</sup> Gen. 2.3

## VIII – A Doutrina Cristã sobre Deus

**O**s cristãos dizem que deus tem mãos, boca e voz; sempre estão a proclamar que “Deus disse isso” ou “Deus falou.” “Os céus testemunham o trabalho de suas mãos”, dizem.<sup>353</sup>

Somente posso comentar que tal deus não é um deus completo, pois deus não tem mãos, boca ou voz, nem nenhuma das características que conhecemos. E eles dizem que deus criou o homem à sua própria imagem, deixando de dizer que deus não é, em nada, semelhante ao homem, e vice versa; deus não possui nenhuma forma que seja por nós conhecida.

Eles dizem que deus tem forma descrita como a forma do Logos, que se tornou corpo em Jesus

---

<sup>353</sup> Sl. 18.2; Isa. 4.20, etc. Orígenes contesta que os cristãos não são antropomórficos no seu entendimento do velho testamento, antes, interpretam tais passagens alegoricamente (Cels. 6.62)

Cristo.<sup>354</sup> Mas sabemos que deus não tem forma nem cor.

Eles dizem que deus se estabeleceu acima das águas que ele criara – mas sabemos que é contrário à natureza de deus se estabelecer.<sup>355</sup>

Sua absurda doutrina também faz referências a deus passeando pelo jardim que criara para o homem; e falam dele como estando zangado, com ciúmes, movido pelo arrependimento, triste, com sono – enfim, sendo em todos os aspectos, mais humano que um deus.

Eles não leram Platão, que nos ensina na “República” que deus (o Bem) não participa nem da existência. É verdade que todas as coisas derivam de deus, como já disse Platão; mas também é muito claro que nada mortal foi criado por deus.

---

<sup>354</sup> Jo. 1.1-18

<sup>355</sup> Platão argumenta (*Republic* 509B) que o bem supera a essência. Celsus usa a doutrina platônica para rebater o que considera idéias ingênuas dos judeus e cristãos sobre a divindade.



O deus dos filósofos não provém de nada, não pode ser qualificado, não pode ser entendido pela lógica humana. Tais atributos, desse modo como os postulamos, não são atributos da natureza humana, e todos tais atributos são bastante diferentes da sua natureza. Ele não pode ser compreendido em termos de atributos ou experiência humana, ao contrário do que os cristãos ensinam, sobretudo porque ele está isento de qualquer experiência emocional.

Pode ser contestado que este deus, ensinado pelos filósofos não pode ser realmente bem conhecido: Como posso conhecê-lo? Como alguém pode aprender o caminho? Quem vai mostrá-lo a mim?

Pode se objetar que o deus dos filósofos está imerso em escuridão e nada pode ser conhecido sobre ele.

Aqui, também, ainda temos a instrução de Platão, ensinando que, primeiramente, nós estamos na escuridão, com relação ao Bem; mas uma vez conduzidos dessa escuridão para a luz, nossos sentidos não avaliam corretamente o brilho de sua fonte; ou melhor, pensamos que nossa visão

está de alguma forma defeituosa ou incapacitada.<sup>356</sup>

Porém, pergunte a um cristão como se conhece a deus e obteremos uma resposta muito diferente: para eles o caminho não é difícil, e não mais precisam se preocupar com a escuridão. Para eles a escuridão foi dissipada por Jesus<sup>357</sup> e uma vez que é difícil conhecer a deus, ele colocou seu espírito num corpo humano e o fez andar pela terra para que todos fossem capazes de ouvir e aprender dele.

O deus dos filósofos não precisa recorrer a esses objetivos absurdos. Como os estóicos, com os quais temos grandes afinidades, dizemos que: "*Deus é um espírito*"; e como os gregos, afirmamos que esse espírito, por assim dizer, é a

---

<sup>356</sup> Republic 518 A: "Qualquer um que tenha bom senso se lembrará que as ilusões de óptica são de duas espécies e aparecem devido a duas causas, ambas provenientes ou da emissão da luz ou incorporando-se à luz, e isso é válido tanto para o olho mental quanto ao olho corporal"

<sup>357</sup> CF. Jo. 1.4-5

essência de tudo e contém tudo ao mesmo tempo.<sup>358</sup>

Mas, os cristãos dizem algo totalmente diferente: dizem que o filho de deus possui um espírito oriundo de deus e que se encarnou num corpo humano e daí, ensinam que o filho de deus não é propriamente imortal. Podem assim, alguns cristãos afirmarem que deus não é um espírito?

Digam o que disserem, o que é certo é que não existe essa coisa de um espírito que viva eternamente; não é da natureza do espírito proceder assim. Mas os cristãos têm a visão infantil de que deus deixou fluir seu espírito (na criação) e necessita agora recuperá-lo.

Se assim for, então é impossível que o corpo de Jesus tenha ressurgido dos mortos, pois isso tornaria impossível para deus recuperar seu espírito que tinha se poluído ao entrar em

---

<sup>358</sup> Cf. Epictetus, *Discourses*, 1.14: “Não estão nossos corpos tão ligados e unidos com o todo, e não estão nossas almas [ligadas] e em contato com deus, fazendo parte dele e sendo porções dele, e não percebe deus cada movimento dessas partes como sendo seu próprio movimento inerente a ele mesmo?”

contato com a carne humana. Além disso, se deus queria enviar um espírito proveniente dele mesmo, por que iria inseri-lo no ventre de uma mulher?<sup>359</sup> Ou seja, ele já sabia como criar homens sem tal artifício.

E, com certeza, ele poderia criar também um corpo apropriado para esta ocasião, sem precisar macular a si próprio e a seu espírito. Se ele tivesse sido verdadeiramente criado por poder divino (como um dos seus evangelhos ensina) poderia haver mais razões para crer na sua história.

E, qual é a prova que os cristãos mostram para afirmar que este Jesus é o filho de deus? Considerando sua punição, como provar ser ele divino, a não ser, naturalmente, dizendo que foi o cumprimento de uma profecia afirmando que ele deveria sofrer e morrer da maneira como aconteceu. Mas, muitos cristãos negam que sua morte foi profetizada.<sup>360</sup>

---

<sup>359</sup> De acordo com Tertuliano, a inspiração divina foi realmente depositada no ventre da virgem por intermédio de um sopro de deus nele. (cf. *On The Flesh of Christ*)

<sup>360</sup> Celsus se refere a seitas como os marcionitas, que negavam o caráter vaticinador das profecias hebréias.

Estes mesmos cristãos falam de dois filhos divinos, travando uma disputa um contra o outro. Lutam como codornas, os dois filhos, já que seus pais estão senis e muito esgotados para lutar.

Quanto à idéia que um espírito divino encarnou em um corpo humano, podemos crer que tal corpo certamente, era diferente do nosso em forma, beleza, força, magnetismo, etc. Por isso, é claramente impossível que um corpo contendo a essência da divindade possa se assemelhar a um corpo qualquer.

Porém eles concordam com isso? Não. Eles afirmam que o corpo de Jesus era igual a um corpo comum, ou pequeno, feio e repugnante.<sup>361</sup>

Além disso, se deus (como na representação de Zeus, por um poeta cômico) acordou de um longo sono e decidiu livrar do mal a raça humana, pergunta-se por que ele enviou seu espírito somente a uma cidadezinha atrasada dos

---

<sup>361</sup> Uma interpretação literal das referências cristãs de Isa. 52.14: “Seu rosto era tão desfigurado – nem parecia humano – e seu aspecto mais estranho que o dos filhos dos homens.” E Isa. 53.2-3: “Ele nada tinha de bonito; quando se olha para ele, não se vê nenhuma beleza.”

---

judeus? Não deveria ele, soprar seu espírito em muitos corpos e igualmente, por todo mundo? O poeta cômico, para ser engraçado, escreveu que Zeus acordou e enviou Hermes aos atenienses e espartanos. Portanto, acredito que se deve considerar um absurdo os cristãos levarem a sério a premissa de que o filho de deus foi enviado somente a Jesus.

## IX – A Doutrina Cristã da Ressurreição

**A**queles que ensinam existir outro deus além do deus dos judeus não possuem uma resposta inteligente às minhas críticas.

Na verdade, tomam em sua defesa a noção de que os profetas dos judeus profetizaram o deus cristão. Porém este é um velhíssimo truque: aqueles que oferecem um novo deus realmente nada têm a dar; e aqueles que afirmam que os profetas falavam de um deus dos judeus e não sobre um outro, sempre terão um deus melhor, *"Sim, era inevitável que os fatos se passassem da maneira como aconteceram – e por quê? Bem, porque foram profetizados que assim aconteceriam."*

É fácil aos cristãos usar os livros judeus a seu favor, já que ninguém pode provar nada quanto às tais profecias: As predições da sacerdotisa Pythian, ou das sacerdotisas de Dodona, ou de Clarian Apollo, ou de Branchidae, ou no santuário

de Zeus, Ammon e de outros incontáveis profetas, são consideradas grandes tolices pelos cristãos, mas as predições dos profetas judeus, quer sejam ou não profecias, desde que sejam usadas para falar de modo especial, pessoas que vivam na faixa de Fenícia e Palestina, são consideradas como a eterna palavra de deus – como algo verdadeiramente maravilhoso! Sobre isso tenho experiência própria, já que conheço os povos daquela região como também os vários tipos de suas profecias.

Por exemplo, existem inúmeras pessoas naquela região que “profetizam” com a queda de um chapéu, dentro ou fora dos templos. Outros cuidam de mendigar e proclamar serem oráculos de deus, ocupando-se de agir nas cidades ou postos militares. Representam estarem sendo “inspirados” para realizar suas profecias.<sup>362</sup>

Geralmente, afirmam serem maiores que os profetas e dizem coisas como “Eu sou deus” ou “Eu sou filho de deus” e mesmo “Eu sou o espírito santo” e “*Eu vim (para trazer vida) pois*

---

<sup>362</sup> A influência de profetas na Ásia Menor é tratada no estudo de E. Fascher, *Prophets* (Giessen, 1927) pp 190ff



*o mundo está se aproximando do final, como já preveni. E os maus vão perecer (no fogo) por causa de seus pecados. Eu vou salvá-los; vocês ainda tornarão a me ver, pois estou voltando armado com poderes celestiais. Assim, bendito seja aquele que me adora agora. Aqueles que se recusam, cidades e nações inteiras, serão lançadas no abismo ardente. Pobres daqueles que não me conhecem e nem ao que está por vir, pois se arrependerão em vão e chorarão por misericórdia em vão. Aqueles que me ouvem e acreditam em mim serão salvos (do fogo).”*

Esse tipo de coisa é ouvido em toda a Judéia, falado pelos mais comuns dos profetas; e continuam, depois de lançarem essas ameaças para uma platéia, a tagarelar sobre os sinais dos últimos dias – ou a falar de acontecimentos misteriosos que não vão preocupar a nenhuma pessoa sã e inteligente. Seu discurso é uma completa bobagem, e por isso, influenciam as mentes de tolos e feiticeiros, que podem assumir suas “profecias” e fazer delas o que lhes melhor convier.

Na verdade, já conversei com inúmeros desses profetas depois de escutá-los fazendo uma

investigação apurada. Com perguntas cuidadosas (depois de ganhar sua confiança) eles admitiram que não passavam de fraudes, e que planejam suas palestras para satisfazer sua audiência e torná-las deliberadamente misteriosas.

Quando os cristãos usam os profetas judeus para defender sua doutrina de Cristo, é razoável que estejam realmente em um terreno instável.

Provar que deus irá sofrer todo o tipo de indignidades não é tão fácil só porque alguns cristãos proclamam que isso foi profetizado; pois deus não sofre e deus não pode ser humilhado, ele não chama somente os maus para serem salvos.

Um deus não comeria a carne de um cordeiro (na Páscoa); um deus não beberia fel e vinagre; um deus não se corromperia como os cristãos dizem que o seu cristo fez.

Examinando com cuidado sua lógica: Se os profetas tivessem dito que o deus supremo nasceria na pobreza, que teria uma morte cruel, como um escravo, quer dizer – considerando que foi profetizado – que deus deveria morrer de tal

forma que confirmasse os termos da profecia, deveria se acreditar que ele era deus? Sob todos os aspectos, esse parece ser o furo de seu argumento. E cometem uma grosseira injustiça com os profetas, que jamais poderiam ter predito tal coisa.

Essa é uma pérfida má interpretação dos oráculos dos judeus. Assim, o problema se eles previram ou não o sofrimento e morte de deus não tem importância.

Tudo que uma pessoa inteligente deve se perguntar é o seguinte: Esses fatos fazem justiça à idéia de deus, já que é um axioma que aquilo que deus faz é bom e que deus não pode agir de uma forma que contrarie sua natureza?

Isso conduz a que não se pode acreditar que deus seja responsável por aquilo que é desgraçado, mau e inapropriado, independente de quantos tolos tagarelas digam que isso foi destinado a ele. (Em quem temos que acreditar - num bando de profetas pilantras ou nos filósofos?)

Além disso, não passa de simples heresia, sugerir que os fatos que aconteceram com Jesus foram obras de deus. Certas coisas, em se tratando de lógica, são simplesmente impossíveis de serem obras de deus, notadamente aquelas coisas que violam a essência de sua natureza: deus não pode realizar menos do que é adequado a deus fazer, daquilo que é da natureza de deus fazer.

Mesmo que os profetas predissessem tais coisas sobre o filho de deus, seria necessário acrescentar, de acordo com o axioma que acabei de citar, que os profetas estavam errados, principalmente em acreditar que deus sofreria e morreria.

Peço ainda que os cristãos considerem o seguinte caso: se os profetas de Javé, o deus dos judeus, costumassem dizer aos judeus que Jesus seria o filho de deus, então por que Javé imporia suas leis através de Moisés, prometendo aos judeus que se tornariam ricos, famosos e povoariam a terra?<sup>363</sup> Por que garantiria, que, sob sua proteção, eles trucidariam seus inimigos (inclusive crianças) e raças inteiras de pessoas,

---

<sup>363</sup> Gen 8.17

como Moisés ensina? <sup>364</sup> Ele não ameaçou fazer com eles o que fez com seus inimigos, em caso de desobediência?<sup>365</sup>

Aí, temos que acreditar que seu “filho”, esse homem de Nazaré, criou um conjunto de leis contraditórias: ele diz que um homem não pode servir a deus adequadamente se for rico, famoso ou poderoso<sup>366</sup> (ou, por extensão, se ele for inteligente e com boa reputação!)

Os judeus baseiam sua religião na promessa de deus de dar a eles uma terra de fartura, mas os cristãos dizem que ninguém deve se preocupar com comida, ou com sua despensa – não mais do que o fazem os pássaros – ou com suas vestes, não mais do que o fazem os lírios.<sup>367</sup>

Os judeus ensinam que deus se vinga dos seus inimigos, mas Jesus prega que alguém que seja injuriado deve, voluntariamente, se oferecer para ser ferido novamente.

---

<sup>364</sup> Ex. 17.13-16; Num 21.34-35; etc

<sup>365</sup> Dt. 1.26-45; 7.4

<sup>366</sup> Mt. 19.24; 20.25-27

<sup>367</sup> Mt. 6.26-29; 5.39

Bem, quem deve ser desacreditado – Moisés ou Jesus? Talvez haja uma solução mais simples: talvez quando o pai mandou Jesus, ele tenha se esquecido os mandamentos que deu a Moisés e, inadvertidamente, condenou suas próprias leis, ou talvez tenha enviado seu mensageiro para avisar que tinha cancelado as leis que antigamente lhes dera.

O que os cristãos acham que acontece depois da morte? Partindo do princípio que representam deus como tendo um corpo como o nosso, não é de se admirar de encontrá-los pregando que vamos para outro mundo, diferente e melhor que a Terra. Tiraram essa idéia dos antigos, que ensinam que há uma vida feliz para os abençoados – conhecida de diversos modos como Ilhas dos Abençoados, os Campos Elíseos – onde estarão livres de todo o mal do mundo. Como dizia Homero: "*Os deuses o levarão aos Campos Elíseos, no fim do mundo, e lá a vida será fácil*"<sup>368</sup>

Platão que defende a imortalidade da alma, chama o lugar para onde as almas são enviadas de região: "*O mundo é enorme e nosso domínio*

---

<sup>368</sup> *Odyssey* 4.563f

*nele, dos pilares de Hercules às Fases, é somente uma fração; assim como muitas formigas ou sapos em volta de um pântano, nós, mortais, nos agrupamos em torno dos oceanos, como todo mundo faz. E, em vários locais em volta da terra existem espaços vazios de diversos tamanhos e formas, nos quais se aglutinaram água, ar e poeiras. Mas a terra das almas é pura e se localiza nas regiões etéreas.*<sup>369</sup>

Os ensinamentos de Platão são, certamente, áridos; não se pode compreender inteiramente quando ele diz que devido à nossa fraqueza e lentidão não podemos atingir as regiões etéreas que ficam acima dos céus, ou quando ele diz que somente se formos capazes de adquirir a visão poderemos reconhecer o verdadeiro paraíso e a verdadeira luz quando os virmos.

Parece que os cristãos, tentando responder a pergunta sobre como poderemos conhecer e ver a deus, desvirtuaram a doutrina de reencarnação de Platão e acreditam na absurda teoria que o corpo será ressuscitado e reconstituído por deus e que, de alguma forma, eles realmente verão a

---

<sup>369</sup> *Phaedo* 109 A,B

deus com seus olhos mortais, o ouvirão com seus ouvidos e serão capazes de tocá-lo com suas mãos.

Tais idéias podem ser encontradas nos cultos heróicos de Trophinus, Amphiaraus e Mopsus,<sup>370</sup> onde se prega que deuses podem serem vistos sob forma humana. Estes, porém, não são o deus supremo, mas homens que eram homens e manifestaram seus poderes abertamente – e não surgindo secretamente como esse camarada que enganou os cristãos com uma aparição praticamente despercebida.

Os cristãos estão preocupados com a questão do conhecimento de deus, e acham que ninguém pode conhecer a deus a não ser através dos sentidos do corpo.<sup>371</sup> Dessa forma não pensam como homens ou almas, mas como carne.<sup>372</sup>

---

<sup>370</sup> Celsus afirma que o caráter progressivo dessas revelações as distingue da revelação secreta de Jesus; ele não sugere que deuses não se manifestam sob forma humana.

<sup>371</sup> Parece uma referência à passagens anti docéticas nos evangelhos (ex. Jo. 20.27) ou a ensinamentos cristãos baseados na crença de que a humanidade e divindade de Jesus eram da mesma categoria.

<sup>372</sup> Cf. Paulo II Cor. 5.16



Quero pois, ensinar-lhes ainda algo, apesar de sua lentidão de pensamento: Se alguém fecha seus olhos aos sentidos corporais e tenta enxergar com os olhos da mente, e se alguém volta-se da carne para seu íntimo, a alma, aí vai ver e conhecer a deus.

Mas para começar a jornada, deve-se afastar de enganadores e mágicos que apresentam fantasias à sua frente. Você se transformará em alvo de chacotas logo que repetir a blasfêmia que os deuses dos outros homens são ídolos, enquanto você, audaciosamente, cultua como deus um homem cuja vida foi miserável, que é conhecido por ter morrido (em circunstâncias deploráveis), e quem, vocês ensinam, é o único modelo de deus que podemos ter como nosso pai.

A fraude que vocês perpetram com seus discursos sobre feitos miraculosos, leões e outros animais com formas estranhas e guardiões super humanos (cujos nomes vocês tem dificuldades

em memorizar!)<sup>373</sup> e a loucura generalizada de seus crentes, são culpados pelo fato de terem sido estigmatizados pela crucificação. Sua rejeição à verdadeira sabedoria – aquela dos poetas inspirados, homens sábios, filósofos e assemelhados – é que os leva ao patíbulo.

Platão nos ensina a verdadeira teologia quando escreve: “*Encontrar o Arquiteto e pai do universo é difícil, mas torna-se impossível, ao encontrá-lo, proclamá-lo para todos os homens.*”<sup>374</sup> Tanto os profetas como os filósofos enxergaram o caminho da verdade, mas Platão sabia que a maioria dos homens não poderia segui-lo.

Os sábios que falam desses assuntos nos dizem que nenhuma concepção do Primeiro Ser Desconhecido depende da própria razão – nem conhecendo suas manifestações na síntese das coisas ou analisando-se sua diferença do mundo material ou por analogia.

---

<sup>373</sup> Aqui Celsus se refere à seita gnóstica conhecida como os Ofitas: ver Hipólito, *Refutation*, 5; e Iraeneus, *Against Heresies*, 1.30

<sup>374</sup> Platão, *Timaeus*, 28C

Em resumo, falar sobre deus é muito difícil, pois é falar sobre o que é indescritível; e sobre isso, queria ensinar-lhes, se estiverem aptos a aprender isso. Porém, vendo que ficam a falar sobre a carne e o que acontece com ela, duvido que possam entender minha lição.

Mesmo assim:

Existir e transformar-se são, respectivamente, inteligíveis e visíveis. A verdade relaciona-se com a existência; o erro relaciona-se com a transformação. O conhecimento tem a ver com a verdade, a opinião com a existência; e igualmente, o pensamento relaciona-se com o que é inteligível e a visão com o que é visível. Dessa forma a mente sabe o que é inteligível e o olho o que é visível. O que o sol significa para as coisas visíveis (não sendo nem o olho nem a visão, mas antes a causa da visão pelo olho, da existência da visão, da possibilidade de se ver coisas visíveis e por sua vez a causa dos objetos serem analisados pelos sentidos) assim é deus para as coisas inteligíveis.<sup>375</sup>

---

<sup>375</sup> Cf. Platão *Republic*, 508B

Ele não é a mente, a inteligência ou o conhecimento; mas a razão da mente poder pensar, e daí é a causa da existência da inteligência; da possibilidade do conhecimento; ele é a razão da existência de coisas inteligíveis – até mesmo da verdade e dos seres – uma vez que transcende de todas as coisas e é inteligível somente para determinado poder, o qual não pode ser descrito.

Isso que acabei de dizer foi somente para aqueles que são capazes de entender essa mensagem. Vocês, cristãos, fariam melhor se compreendessem qualquer parte dela.

E se, algum espírito divino desceu para proclamar verdades divinas sobre deus, então não poderia ter proclamado algo diferente. Assim tal espírito agindo entre os antigos tornou-os capazes de fornecer preciosos ensinamentos (para nosso benefício).

Se não forem capazes de assimilar seus ensinamentos então caleem-se e escondam sua ignorância; não tentem nos convencer que aqueles que podem ver são cegos e aqueles que podem desenvolver-se estão defeituosos, uma

vez que são vocês que estão cegos de espírito e com defeito na alma; ensinando uma doutrina que cuida somente do corpo e absortos na esperança de reviver uma coisa morta.

Eu os consideraria melhor se tivessem entusiasmo em ensinar algo novo baseando sua religião em um dos homens antigos que teve morte de herói e foi glorificado por isso – alguém, enfim, que já tinha se transformado em mito.

Podiam ter escolhido Heráclito ou Asclepius, e se estes fossem muito pouco convincentes, sempre haveria Orfeu, que, todos sabem, era bom e sagrado e ainda morreu de maneira violenta. Ou já terá sido ele escolhido? Bem, nesse caso temos Anaxarchus, um homem que encarou a morte quando estava sendo derrotado e disse aos seus algozes antes de ser trucidado "*Batam, acabem com Anaxarchus, pois não é a ele que vocês estão matando.*"<sup>376</sup> Lembro que alguns filósofos já o proclamam como seu mestre.

Bem, e sobre Epicteto? Quando seu mestre estava torcendo sua perna, ele sorriu e disse com

---

<sup>376</sup> Cícero, *Tuscan Orations*, 2.52

toda compostura: *‘Assim você vai quebrá-la.’* E quando quebrou mesmo, ele sorriu e falou: *“Eu não disse?”*<sup>377</sup> Seu deus deveria ter dito algo parecido quando estava sendo punido!<sup>378</sup>

Vocês teriam mesmo mais crédito se considerassem Sibyla (que alguns de vocês também citam) como filho de deus. Em vez disso, pegam seus oráculos e os distorcem,<sup>379</sup> inserindo fatos que ajudem seus propósitos, inclusive a noção de que um homem que teve uma vida desvirtuada e uma morte humilhante, era deus.

Vocês podiam mesmo ter escolhido Jonas no lugar de Jesus - ou Daniel, que escapou das feras, ou aqueles de quem contam fábulas semelhantes.

---

<sup>377</sup> Epítecto, *Discourses*, 1.8.14; 1.16.20

<sup>378</sup> Está claro que Celsus se refere ao grito de desespero de Jesus na cruz; Mc. 15.34. Como sempre, aqui desafia a divindade de Jesus, apoiado no fato de que ele perdeu a virtude de *“apatheia”* diante da adversidade. NTP: APATHEIA: (grego) apatia – Em filosofia, o estado da alma indiferente às emoções e paixões. Característica dos estoícos.

<sup>379</sup> Vários autores cristãos – Teófilo da Antioquia, Clemente de Alexandria e Lactantius – copiaram descaradamente os oráculos de Sibyla, porém, adaptando-os para os propósitos cristãos.

Vocês, cristãos, têm um ditado parecido com isto: *"Não reaja a um homem que os insulte; mesmo que os machuquem, também ofereçam a ele a outra face."*<sup>380</sup> Isso não é novidade, além de já ter sido dito de forma mais elegante por outros, especialmente Platão, que atribui o seguinte a Sócrates em Crito:

*"Então, não devemos nunca errar?"*

*Nunca.*

*Não devemos nem mesmo tentar vingar um erro, se formos prejudicados, assim como todos o fazem, baseado na premissa que nunca devemos errar?"*

*Assim parece.*

*Assim, devemos ou não agir de forma prejudicial, Crito?"*

*Devo dizer que não, Sócrates.*

*Bem, então, é justo ou injusto pagar a injúria com injúria?"*

*Acho que é injusto*

*Porque, agindo prejudicialmente com os homens, não é diferente de agir errado?"*

*É exatamente isso.*

---

<sup>380</sup>Mt. 5.39

*Desse modo, nunca devemos nos vingar e nunca ferir a ninguém, mesmo que tenhamos sido feridos.*<sup>381</sup>

Assim escreve Platão, que continua:

*"Verifique com cuidado onde você concorda comigo e o que é aceitável para você, e então, pensaremos juntos no fato de que nunca é correto agir errado e nunca é correto vingar-se; nem é certo pagar o mal com mal, no caso de alguém que sofreu algum tipo de ofensa, para tentar tirar desforra. Você concorda ou não com minhas premissas? Para mim parece evidente a verdade do que eu disse sendo tão válida hoje como o foi antigamente".*<sup>382</sup>

Esta era a opinião de Platão e, como ele mesmo disse, nada disso era novo para ele, pois foi pronunciado por homens inspirados, muito tempo antes dele.

---

<sup>381</sup> Platão, *Crito*, 49B-E

<sup>382</sup> *Crito*, *idem*.



O que eu disse sobre esse assunto, pode servir em parte como um exemplo do tipo de idéias que os cristãos mutilaram. Mas, apesar de citar um único caso, asseguro que qualquer um que cuide em tentar, encontrará incontáveis outros exemplos da sua perversão da verdade.

Eles dizem que detestam altares e imagens, assim também o fazem os Cítios; os nômades da Líbia; os Ceres, que, sobretudo não acreditam em deus, e assim o fazem inúmeros povos, em toda parte, que não têm o costume de fazer o que é certo.

Heródoto nos conta que os Persas tem a mesma opinião: "*Os persas*", relata ele, "*não consideram ilegal construir altares, imagens e templos e acham estúpidos aqueles que o fazem. Parece que julgam isso a partir do fato de que não consideram os deuses como tendo uma natureza similar à dos seres humanos, como o fazem os gregos.*"<sup>383</sup>

---

<sup>383</sup> A maior parte do que Celsus escreve nesta seção foi retirado de escritos de Heródoto 4.59,188

E Heráclito confirma isso quando escreve: "*Eles oram às imagens como alguém que conversasse com uma casa, sem ter noção da natureza dos deuses e dos heróis.*"<sup>384</sup>

Heráclito, que é mais sábio que todos, diz que, mesmo secretamente, é ridículo orar para imagens se a pessoa não tem noção da natureza dos deuses e heróis. Além disso, Heráclito pode estar dizendo que uma imagem de pedra, madeira, bronze ou ouro, feita por um artesão, não pode ser um deus, sendo a prática de se orar para ela, uma bobagem.

Ou seja, somente uma criança pensa que objetos são deuses e não imagens de deuses. Mas, se dizem que não devemos adorar imagens como divinas, pois deus tem uma forma diferente, como parece que os persas o fazem, então os cristãos se contradizem: ensinam, ou não, que deus fez o homem à sua própria imagem e dessa forma, a imagem do homem é igual a dele.

Não faz sentido, pois, a sua negativa: se eles concordarem que imagens e ofertas votivas são

---

<sup>384</sup> Heráclito, Frag. 5

para a honra de certos seres (de quem podem ou não se lembrar de sua forma) por que mantém aquelas dedicadas a demônios e não a deuses, concluindo que o culto a imagens é um culto demoníaco e intolerável para aqueles que adoram a deus?



## **X – A Iconoclasia Cristã**

Seja qual for o desfecho do debate sobre a aparência de deus e a importância das imagens, os cristãos são os perdedores, já que não adoram nem a deus e nem mesmo um demônio, mas um homem morto!

E mais, por que não deveríamos adorar deuses? Ou seja, se aceitamos que toda a natureza – tudo no mundo – funciona de acordo com a vontade de deus e que nada age em contrário aos seus desígnios, então deve-se também aceitar que os anjos, os demônios, heróis – tudo no universo – estão sujeitos à vontade do deus supremo que governa tudo.

Em cada esfera há um ser encarregado de governar, e com poder, pelo menos, para conseguir cumprir sua tarefa. Assim sendo, seria apropriado que cada homem que adorasse a deus também honrasse o ser que tem a responsabilidade de executar a vontade de deus,

já que este ser deve ter sido autorizado por deus a cumprir sua tarefa.

Seu Jesus diz: "*É impossível a um homem servir a muitos senhores.*"<sup>385</sup> (e isso faz parecer que existem seres que cumprem tarefas bem diferentes da vontade de deus, sendo que, porém, tais seres, não representam o deus supremo, mas forças menos poderosas).

A noção de que alguém não pode servir a muitos senhores, é o tipo da coisa que se pode esperar dessa raça de cristãos – uma posição excêntrica, mas talvez previsível para um povo que se desligou do resto da civilização.

Dessa forma, eles, na verdade, estão considerando seus próprios anseios como se fossem de deus, pois, comumente, um homem que serve a um senhor não pode, realmente, servir a um segundo, uma vez que o primeiro pode ser prejudicado pela lealdade do homem ao segundo.

---

<sup>385</sup> Mat. 6,24

Um homem comprometido com um senhor não poderia comprometer-se com um segundo, pois, fazendo isso, poderia estar causando prejuízo ao primeiro. Por isso, é igualmente razoável que se diga que não se pode servir a diferentes heróis ou demônios ao mesmo tempo.

Mas deus não é um homem que possa ser considerado como um "amo". Com relação a deus, prejuízo, necessidade e tristeza são irrelevantes: ele é imune a ofensas, sofrimento e necessidade. Daí não pode ser irracional adorar vários deuses; e o homem que faz isso naturalmente irá adorar alguns deuses que provém do deus supremo, e será amado por isso.

Um homem que honra aquilo que pertence a deus não o ofende, já que tudo pertence a ele.  
386

---

<sup>386</sup> Este é o cerne do ataque de Celsus à iconoclasia cristã e à inconsistência da posição cristã: Se deus é o criador do mundo, então tudo que está no mundo pertence por direito a ele, e o culto às coisas do mundo, inclusive a esses deuses que provém dele, deve ser considerado boa prática. Assim, erram os cristãos ao negar homenagear ao que pertence a deus. Seu erro é aumentado com sua recusa em seguir os costumes dos povos: são acusados de se isolar do resto da humanidade, por sua teimosia.

Do seu ponto de vista, os cristãos poderiam ter razão em adorar um único deus. Mas, na realidade, adoram um homem que só surgiu recentemente.<sup>387</sup> Eles não acham que estão abrindo uma brecha no monoteísmo, pelo contrário, acreditam que é perfeitamente consistente adorar o deus supremo e a seu servo como se fosse deus.

E, o seu culto a esse Jesus é mais ultrajante pois recusam a ouvir qualquer menção a deus, o pai de todos, a não ser que se inclua alguma referência a Jesus: diga a eles que Jesus, o chefe da insurreição cristã, não foi filho de deus, e eles não o ouvirão. E, quando o chamam de filho de deus, na verdade, não estão prestando nenhuma homenagem a deus, antes, estão tentando exaltar Jesus de maneira extrema.<sup>388</sup>

---

<sup>387</sup> Aqui, a fraca acusação de que os cristãos não podem ser classificados como monoteístas, pois adoram um homem como se fosse deus. Tais ataques apóiam-se em antigas defesas filosóficas da unidade da divindade, e terminaram com as definições do credo no século IV

<sup>388</sup> Cf. Phil. 2.6-11



Para provar o que digo, sirvo-me de seu próprio livro: Em um de seus diálogos divinos, dizem o seguinte: *“Se o filho de deus é supremo e o filho do homem é seu senhor (e quem irá superar o deus supremo?) então como pode ser que muitos viram o bem, mas não o assimilaram? Por que, tendo chegado ao fim de sua jornada, vocês estão com medo? – Vocês estão errados, pois tenho coragem e uma espada.”*<sup>389</sup>

Dessa forma, seu culto não tem por finalidade adorar o deus todo poderoso, mas aquele a quem proclamam ser o pai de Jesus, o elemento de culto intocável de sua pequena sociedade. Eles adoram apenas este filho do homem, sob a alegação que ele é realmente um deus supremo.

Dizem até que ele é mais poderoso que o senhor do deus todo poderoso. Daí que tiram a noção de não servir a dois senhores, tentando assegurar que (Jesus) será preservado como um deus e senhor do culto, sem ser sobrepujado por nenhum outro.

---

<sup>389</sup> Chadwick tirou essa passagem deturpada, em parte de Lc. 22.38, como se fosse uma versão gnóstica da história da agonia em Getsemane.

Portanto, os cristãos evitam construir altares e imagens, achando que agindo assim estão resguardando os segredos e a obscuridade de seu pequeno clube. Acham que, ao não fazer sacrifícios aos deuses estão preservando sua santidade. Mas pensar dessa forma é vulgarizar a real idéia de deus, que não pertence só aos cristãos, mas a todos os homens, e que – como um deus perfeito – nem mesmo necessita de sacrifícios, como já disse, em algum lugar, Platão.<sup>390</sup>

Um deus não dá preferência a uma devoção de um povo em particular, a necessidade é estranha à sua natureza, e a homenagem que o povo lhe presta tem a ver com seu empenho e não com seus atributos. Desse ponto de vista, não se deve impedir esses cristãos de participar dos festivais públicos, com o intuito de relacionamento social e como sinal de sua lealdade com o estado.

Se, como afirmam, os ídolos nada representam, então não se deve impedi-los de participar de

---

<sup>390</sup> Platão, *Phaedrus*, 247 A; *Timaeus* 29E

atividades de cunho público como o Festival.<sup>391</sup> Por outro lado, se os ídolos são seres viventes – demônios de qualquer tipo – então devem pertencer ao próprio deus, pois foi ele quem criou tudo que existe, e se eles ocupam essa posição, é dever cristão prestar homenagem, crer, fazer sacrifícios e orar por eles para o bem geral do povo.

Vamos ainda, analisar sua idéia central: Se adquiriram seus ensinamentos de pais espirituais, os judeus, ao não oferecer homenagem aos deuses e se abster de determinados animais, por que não se abstém da carne de todos os animais?

Pitágoras, para citar apenas um, se recusava comer carne de animais baseado no fato de que assim honrava a alma e suas funções.<sup>392</sup> Os cristãos, todavia, acham que evitam

---

<sup>391</sup> Paulo se antecipou às críticas de Celsus a aversão cristã ao culto dos ídolos em I Cor. 8.4-7. Todavia, o objetivo de Celsus em toda esta seção é a aceitação dos cristãos da existência de outros deuses pela perpetuação das proibições alimentares dos judeus e a não participação em festivais públicos envolvendo o culto de ídolos.

<sup>392</sup> Cf. *Against Celsus* 5.41

confraternizar com demônios, e nesse particular eu os felicito: confirmam isso, dizendo que sempre estão na presença dos deuses. Ou seja, naturalmente, que além de evitarem sacrifícios, sobretudo não respiram, comem, bebem água e vinho, evitando assim dar trabalho aos deuses de administrar cada uma dessas atividades.

Assim são colhidos na inconsistência de sua própria lógica: ou alguém não deve viver integralmente – ou então, tendo nascido para viver nesta terra, deve-se dar graças aos deuses que controlam as coisas terrenas, dedicar-lhes as primícias<sup>393</sup> e as preces, para que sejam nossos amigos enquanto vivermos.

Os maiores sábios gregos já disseram que a alma humana é consagrada aos deuses desde o seu nascimento, então, de alguma maneira estamos sob o seu controle e por isso também é que não os ofendemos, ou melhor, fazemos o possível para solicitar suas graças: Os sátrapas ou oficiais subordinados, sem mencionar os procuradores

---

<sup>393</sup> **Primícias:** as primeiras coisas de uma série: os primeiros frutos, os primeiros animais nascidos de um rebanho, etc (NTP)

que representam o imperador Persa ou Romano – mesmo aqueles que ocupam cargos mais inferiores – podem tornar as coisas bem desagradáveis para qualquer um que os ofenda (como os cristãos ofendem aos deuses); e ninguém deve esperar que os sátrapas e substitutos da terra e do ar vejam os insultos com bons olhos (da nova seita).

Naturalmente os cristãos pensam de outra forma: acham que pronunciar o nome de seu mestre os protege contra os poderes da terra e do ar<sup>394</sup> e seu deus enviará exércitos para defendê-los. E afirmam que nenhum demônio, nem um único, pode causar-lhes mal de qualquer espécie. E são bastante insistentes sobre a eficácia do nome como forma de proteção: pronunciá-lo de forma inadequada, afirmam, é ineficaz. Os gregos e latinos não conseguem a proteção pois, para funcionar, deve ser pronunciado em uma língua bárbara.

Pode-se encontrá-los, bobalhões que são, parados junto a uma estátua de Zeus ou Apolo,

---

<sup>394</sup> Sobre o efeito mágico do nome “Jesus”, cf. Mc. 16.17 e Fil. 2.10

ou algum outro deus, berrando: "*Vejam aqui: Eu blasfemo e ofendo esse deus, pois ele não tem poder sobre mim, pois sou cristão!*"<sup>395</sup> Será que esse bom camarada cristão não percebe que posso fazer o mesmo, sem medo de represálias, com uma imagem de seu deus?

E mais: aqueles que ficam ao redor de seu pequeno deus estão mesmo bastante seguros! Vocês estão banidos da terra e do mar, segregados, punidos por sua devoção (ao seu demônio cristão) e levados para serem crucificados. Então onde está a vingança de seu deus para com seus perseguidores? Isso que é proteção!

Vocês ridicularizam as imagens dos deuses; duvido que seriam tão corajosos caso ficassem face a face com Heráclito ou Dionísio. Mas isso é assunto meu. Queria chamar sua atenção para o

---

<sup>395</sup> O exemplo de Celsus não pode ser uma simples hipérbole: cf. Minucius Felix, *Octavius*, 8.4, comentando que o pagão Cecílio, ficou irado ao ver os cristãos cuspiendo nos deuses. Celsus comenta que os cristãos deveriam ser convencidos, por nada mais que, pelo fato de que sofrem por professar sua fé, enquanto aqueles que adoram imagens desprezadas pelos cristãos, vivem em paz e segurança.

fato bem conhecido de que as pessoas que torturaram seu deus feito homem, nada sofreram como castigo; nenhum deles, ao longo de toda a sua vida.<sup>396</sup>

E, desde que sua história foi comprovada ser falsa, quais são os fatos novos que aconteceram – algo que possa incentivar alguém a achar que este homem não era um feiticeiro, mas o filho de deus?

E o que devemos pensar de um deus tão negligente que não somente permitiu que seu filho padecesse de morte cruel, como fez esse Jesus, mas também permitiu que a mensagem de salvação que ele trazia, morresse com ele? Desde então, já transcorreu um grande lapso de tempo e nada mudou.<sup>397</sup>

---

<sup>396</sup> Autores cristãos do século II reagiram a essas críticas com provas “documentadas” de vários tipos, especialmente usando cartas forjadas atribuindo sua autoria aos que foram responsáveis pela execução de Jesus. Destas, a que talvez seja mais famosa é a correspondência falsa entre Pilatos e Tibério. Ver Hoffmann *Jesus Outside the Gospels*, pp 63-65

<sup>397</sup> A crítica de Celsus se apóia na seção apologética da epístola do novo testamento conhecida como II de Pedro: *“Pou estin he apangelia te parousias autou; aph’ hes gar hoi patres ekoimethesan panta houtos diamenei ap’ arches*

Será que existe um pai humano tão cruel como seu deus?

Eis sua resposta: "*É a vontade de deus que as coisas aconteçam assim*"<sup>298</sup> E assim é, como já mencionei, sua resposta para tudo: ele se sujeitou a ser humilhado por que era sua vontade ser humilhado.

Eu seria mesmo negligente, se não sugerisse que os deuses a quem vocês ofendem poderiam dizer que era a **sua** vontade, o que seria mais sensato pensar desse episódio.

Ou alguém poderia dizer que toda vez que se ofende um deus, ele suporta a ofensa e que esse motivo sozinho não prova que alguém seja deus: qualquer um, por opção, pode suportar situações sem mudanças por muito mais tempo do que o necessário. E quem pode dizer que a necessidade não era importante no caso de Jesus?

---

*ktiseos*["Onde está a promessa de sua vinda? Pois desde que os patriarcas morreram tudo continuou do mesmo modo que era no princípio."] Esse sentimento é atribuído aos escarnecedores que estavam previstos a surgirem nos últimos dias.

<sup>398</sup> Cf. II Pd. 3.8-9



Quando se consideram esses fatos com objetividade, fica evidente que os antigos deuses eram muito mais eficientes em punir os blasfemadores que o deus dos cristãos, e aqueles que insultaram os primeiros são, geralmente, apanhados e punidos: então, nesse caso, o quão eficaz é o deus cristão?

Certamente que os cristãos não estão sós quando invocam o dom da inspiração para os fatos que atribuem ao seu deus, através de seus profetas. Preciso mencionar, categoricamente, os casos de profecias que dizem terem acontecidas entre o nosso próprio povo – profetas e profetizas também, ambos, homens e mulheres, dizendo-se possuidores do poder dos oráculos e de dons de inspiração.

Quais dentre aqueles que se disseram com poder para desvendar a verdade, usando vítimas e sacrifícios de toda espécie, e aqueles que se dizem possuidores de certos símbolos e presentes dados a eles pelo sobrenatural, são verdadeiros?

A vida está cheia de tais exemplos: Cidades foram construídas porque um profeta disse: “Construam!” Doenças e fome foram espalhadas

a partir de seus oráculos, e aqueles que não fizeram caso de seus conselheiros, muitas vezes correram riscos.

Os profetas profetizaram desastres com certa precisão, colonos ouviram seus conselhos antes de seguir para o estrangeiro e lucraram com isso; não só o povo comum, mas os governantes prestaram atenção ao que eles disseram; os estéreis conseguiram realizar seu maior desejo e escaparam da maldição da solidão porque os profetas os ajudaram; os sofrimentos acabaram.

Por outro lado, quantos insultaram os templos e foram punidos? Alguns enlouqueceram imediatamente após a blasfêmia; outros, admitiram que agiram errado; outros foram induzidos ao suicídio; outros foram punidos com doenças incuráveis; alguns foram destruídos por uma voz saída do próprio santuário!

Serão tais diferentes acontecimentos exclusivos dos cristãos – e se for assim, em que grau? Ou será que estamos contando mitos e neles acreditando? Quais as razões que os cristãos fornecem para a exclusividade de suas crenças?

Na verdade, nada há de incomum sobre a crença dos cristãos, exceto que acreditam excluindo as mais claras verdades sobre deus. Acreditam em castigo eterno; bem, assim também o fazem os pastores e neófitos de várias religiões. Os cristãos ameaçam a todos com essa punição, da mesma forma como também são por ela ameaçados.

É muito simples verificar quais são as ameaças verdadeiras, mas diante das provas, os cristãos apontam para evidências de milagres e profecias que julgam embasar sua crença.

Porém não há jeito de disfarçar o ponto de vista absurdo dos cristãos sobre recompensa e punição. Por um lado, acreditam na restauração do seu corpo terreno (como se não houvesse nada melhor para salvar!) na mesma forma de como ele era durante a vida. De outro, avisam que todos os corpos dos que não acreditam, serão perdidos no inferno, como se os corpos não tivessem, realmente, nenhum valor.

Porém, não vale a pena ficar insistindo nesse ponto, especialmente com um grupo de pessoas tão preocupadas com conceitos de carne-sangue.

Tais pessoas são geralmente rudes por natureza e pouco afeitas à aplicação da maioria dos padrões, e ainda mais, são criaturas intimamente revoltadas.

Eu ficaria contente em poder tornar claro meu ponto de vista para os que, dentre eles, caso existissem tais, pudessem assimilar algo ao ouvir sobre como a alma ou a mente vão residir eternamente com deus (seja lá como queiram chamá-los – psique ou um espírito intelectual, uma alma viva, ou um produto divino de natureza incorpórea, super racional e irreduzível.)

Talvez seja suficiente dizer que todo aquele que levar uma vida de bem será feliz em outra fase, e nesse ponto até mesmo os cristãos hão de concordar. Aqueles que são maus serão afligidos com a infelicidade eterna. Essa, porém, não é uma sua doutrina exclusiva: é sua por plágio<sup>399</sup> e é uma que eles, ou ninguém, vão querer abandonar.

Os homens nascem em forma corporal, estão limitados a isso, estão tolhidos pela carga de

---

<sup>399</sup> Plágio do Mitraísmo (NTP)

paixões e necessidades do mundo e pagam por seus pecados, até o tempo em que a alma tenha sido purificada através de estágios sucessivos.

Como ensina Empédocles, "*ela (a alma) deve vagar longe das bênçãos, por trinta mil anos, assumindo, nesse período, toda forma possível de ser mortal.*"<sup>400</sup>

A alma é aprisionada, aqui e agora pelos guardiões de nossa prisão terrena. Isso é a natureza de nossa existência mortal: somos subordinados aos guardiões dos portais<sup>401</sup> para cumprirmos finalidades ordenadas por deus; os guardiões fazem seu trabalho pela vontade de deus.

Todavia, isso faz pouco sentido para os cristãos, que atribuem grande quantidade de abusos aos guardiões, os demônios, que cuidam de nossa prisão.

---

<sup>400</sup> Celsus tirou essa análise da origem da alma de Platão, *Phaedo*, 114B, C; *Republic*, 517B

<sup>401</sup> Os archons (NTP)

Eles oferecem seus corpos para serem torturados e mortos sem qualquer finalidade, achando que, com isso, estão desafiando os demônios e sendo encaminhados para sua eterna recompensa.

Eles levaram a extremos o princípio de que, antes de tudo, deve-se obedecer: literalmente, que no final, amar a vida desorientadamente, não faz bem a ninguém. Mas, odiar a vida é um mal. Os cristãos não sofrem por um princípio, mas porque quebraram a lei, não são mártires, mas, sim, ladrões.<sup>402</sup>

A lógica requer um desses dois princípios: Se eles persistem em recusar-se a adorar os inúmeros deuses que governam dia a dia as atividades da vida, então não se deve permitir que vivam até a idade de procriação, não se deve permitir que se casem, que tenham filhos, que façam qualquer atividade que seja governada por um deus.

---

<sup>402</sup> O argumento de Celsus é que a idéia cristã de martírio é uma verdadeira tentativa absurda para explicar sua humilhação: como foram condenados à morte por seu comportamento fizeram do ódio ao seu corpo e a este mundo, dogmas de sua religião.. Sobre como os cristãos encaravam o martírio, cf. Tertuliano, *Apology*, 38-50

Se continuarem a casar-se, ter filhos e obter vantagens com isso, fazendo o bem contra o mal, tal como devem fazer todos os homens, <sup>403</sup> então devem também orar para os seres que tornaram a vida possível para eles.

Devem oferecer os sacrifícios adequados e orar de forma apropriada, até a época em que estiverem livres de suas complicações terrenas e tenham caído nas graças dos seres que controlam as esferas das atividades humanas. É uma enorme ingratidão usar a casa de alguém sem pagar aluguel (como os cristãos fazem com a terra).

Qualquer um pode ver, dos escritos egípcios, que a vida está sob o controle de deuses.<sup>404</sup> Eles afirmam que o corpo humano é influenciado por trinta e seis demônios (ou deuses de algum tipo), que o dividem entre eles, ficando cada um com uma parte do corpo.

---

<sup>403</sup> Platão, *Theaetetus*, 176 A

<sup>404</sup> Sobre as divisões astrológicas dos egípcios e sua aplicação, ver W. Gundel, *Dekane und Dekansterbilder* (1936) **NTP**: Insuperável é a obra de Gerald Massey sobre os deuses do Egito. Ver: *Egypt: The Light of the World*

Esses demônios são conhecidos por diversos nomes: Chnoumen, Chnouchoumen, Knat, Sikat, Biou, Erou, Erebiou, Rhamanoor, Rheianoor, e outros vários nomes que são usados em seu idioma. Invocando estes nomes, eles curam a parte adequada do corpo.

Em todo caso, por que evitar que alguém renda homenagens a eles e a outros deuses - se isso for a opção pessoal – se, afinal, disso depende que alguém tenha saúde ou não, tenha mais boa que má sorte e fique livre de todo tipo de azar?

Ao contrário, os cristãos pregam tolices como: *"Pelo nome de Jesus, dobre-se todos os joelhos no céu, na terra e abaixo dela e toda boca confesse que Jesus é o Senhor!"*<sup>405</sup>

Todavia, não estou dizendo que se façam invocações aos demônios, estou simplesmente tentando mostrar que os cristãos fazem a mesma coisa que os egípcios fazem, ao decorar os nomes de trinta e seis demônios, mesmo que se queira invocar apenas um.

---

<sup>405</sup> Fp. 2.11



Deve-se ser cauteloso ao se acreditar em tais coisas no sentido de atrair curas e cair em superstições associadas a artes mágicas, que desviam a pessoa de assuntos celestes, os objetos apropriados para reflexões.

Alguns cétricos dizem – e talvez devamos acreditar neles – que os demônios fazem parte das coisas criadas por deus, e que estão associados ao sangue e ofertas queimadas, encantamentos mágicos e assemelhados. Curas e previsão do futuro são suas especialidades, mas seu conhecimento e atividade relacionam-se somente às atividades mortais.

Assim sendo, é bom invocar formalmente os demônios apenas quando houver motivos razoáveis, sendo que, não agimos racionalmente em todos os casos.

Talvez seja melhor pensar que os demônios não exigem nada, não desejam nada, não necessitam de nada. Podem talvez ficar agradecidos com nossos pequenos sinais de reconhecimento, mas, o que realmente deveria ocupar nossos pensamentos, dia e noite, seria o Bem: Deveríamos nos direcionar, pública e

particularmente, em cada palavra, ação e no silêncio da reflexão, no sentido da contemplação do Bem.

Assim como deus é objeto de nossos pensamentos, as pequenas devoções que fazemos ao crer nos poderes deste mundo – não somente aos demônios mas aos governantes e príncipes, que por vontade de deus exercem o poder – não são, certamente, nada de horríveis.

Dessa forma, é pura insanidade os cristãos rejeitarem os deveres religiosos deles, partindo precipitadamente para a ofensa ao imperador e governantes, atraindo sua ira. Amar o imperador e servir a deus são deveres complementares:<sup>406</sup>

Se alguém adora a deus não será influenciado por aqueles que o obrigam a blasfemar ou tramar traições contra as autoridades. Prefere-se morrer a proferir ou pensar algo profano contra deus: fica-se firme.

Mas, por essa lógica, não é a rejeição cristã aos deuses uma blasfêmia, mesmo contra o deus que

---

<sup>406</sup> Cf. I Pd. 2.13-14 (do século II) e Tito 3.1

eles dizem adorar? Pois somos ensinados a adorar o grande deus Hélios ou bendizer Athena, e fazendo isso estamos também adorando a deus; assim, cantando um hino a Mithra ou a Athena, os cristãos, pelo menos, não seriam considerados ateus<sup>407</sup> mas sim como crentes no deus todo poderoso. O culto a deus somente aumenta com o culto aos deuses.

Assim também: se alguém diz a um cristão, *“Olha, eu lhe ordeno a prestar juramento ao imperador”* não há nada a temer. Está fazendo-se um juramento ao homem a quem foi dado todo o poder da terra: o que se recebe em vida, foi dado por ele (E isso é o que significa ser um deus).

Não é prudente desprezar o ditado antigo que diz: *“Que haja um rei: alguém a quem o astuto Kronos transmitiu o poder”*<sup>408</sup> Derrubar esse axioma é descobrir como os castigos podem ser rapidamente espalhados!

---

<sup>407</sup> A acusação de ateísmo é uma constante; cf. Justino, 1 *Apology*, 6

<sup>408</sup> Homero, *Iliada*, 2.205

Se todos adotarem as atitudes cristãs, sobretudo, haverá um descontrole da lei: a legitimidade da autoridade será abandonada, as coisas terrenas voltarão ao caos e às mãos dos foras da lei e bárbaros selvagens; e nada mais poderá ser ouvido sobre o culto cristão ou sobre a sabedoria, em qualquer parte do mundo. (Realmente, mesmo que seja para garantir sua superstição, o poder do imperador é necessário).

Ou, vocês estão sugerindo que, se os romanos pudessem ser convencidos por vocês e nós fôssemos obrigados a abandonar nossas leis e costumes, e proferir o nome de seu deus altíssimo (seja qual for o nome que vocês escolheram para ele) para que ele viesse e lutasse ao nosso lado, não mais precisaríamos de um exército para nos defender? Poderia seu deus preservar o império?

Vocês estão cansados de repetir que, antigamente, esse mesmo deus altíssimo fez essas e maiores promessas para aqueles que obedeceram seus mandamentos e o adoraram. Mas, mesmo correndo o risco de ser indelicado, eu pergunto qual foi o bem que essas promessas trouxeram tanto aos judeus seus antepassados

quanto a vocês nas atuais circunstâncias? E vocês ainda querem que acreditemos em tal deus? Ao invés de serem senhores do mundo inteiro, os judeus não possuem atualmente, nem um lar. E mais: se algum judeu quiser abraçar suas antigas crenças, terá que fazê-lo secretamente, para não ser caçado e finalmente levado a um tribunal e condenado à morte.<sup>409</sup>

Vocês são, na realidade, bastante chatos com seus discursos: se aqueles que agora reinam fossem convencidos por suas doutrinas, dizem vocês, e esses mesmos fossem feitos prisioneiros, vocês poderiam convencer aqueles que reinariam depois deles e aqueles depois e assim por diante, mais e mais imperadores reinando e sendo cativos, até que aparecesse um governante que sendo sensível e entendendo tais eventos como a representação da vontade e dos planos de deus, tentaria destruí-los antes que vocês tivessem sucesso em arrasar o império juntamente com ele.

---

<sup>409</sup> Novamente Celsus é perfeito: Dos 4000 anos de existência do povo hebreu, somente tiveram 300 anos como povo livre. O restante do tempo foram conquistados, escravizados ou escorraçados de sua “terra prometida” (NTP)

Ah, se fosse possível haver uma só lei para o mundo inteiro – tornando a Ásia, Europa, Líbia, Gregos e bárbaros e outros uma só nação - seu discurso seria plausível. Mas querer isso é nada querer.

Nós somos cidadãos de um determinado império, com um conjunto de leis próprias e isso, pelo menos, obriga os cristãos a reconhecerem suas obrigações no presente contexto: ou seja, ajudar o imperador na sua missão de manter o bem geral, cooperar com ele no que é justo e lutar por ele se for necessário como se todos fossemos soldados ou camaradas.

Isso é o que faz um homem de bem: se for necessário, aceita cargos públicos para poder preservar a lei e a religião, sem recusar funções públicas. Ele não descumpra as leis estabelecidas, tendo a noção de que se todos assim o fizerem não será possível que as leis funcionem. Isso é coisa diferente daquilo que está contido nas doutrinas dos cristãos.

Resta-me agora compor um novo tratado, para enriquecer aqueles que aceitaram e são capazes

de acreditar no que eu disse aqui, e para ensiná-los a como ter uma vida virtuosa.

0-0-0-0-0-0-0





## BIBLIOGRAPHY

- Andresen, Karl. *Logos und Nomos: Die Polemik des Kelsos wider das Christentum*. Berlin, 1955.
- Bader, Robert. *Der Aléthēs Logos der Kelsos*. Stuttgart and Berlin, 1940.
- Bail, P. *Die philosophische Fundamentierung von Celsus' Angriffes wider das Christentum*. Erlangen, 1921.
- Bordes, Georg. "L'Apologétique d'Origène d'après le contre Celse." Diss., Univ. of Paris, 1900.
- Borret, Marcel, ed. *Origenes, Contre Celse*. Introduction et texte critique. (Sources chrétiennes, nos. 132, 136, 147, 150.) Paris, 1967.
- Bošnjak, Branko. *Grčka filozofska Biblije. Kelsos contra apologeticos*. Zagreb, 1971.
- Chadwick, Henry. *Early Christian Thought and the Classical Tradition: Studies in Justin, Clement, and Origen*. New York, 1966.
- , ed. and trans. *Origen, Contra Celsum*. Cambridge, Eng. 1953.
- . "Origen, Celsus, and the Stoa," *Journal of Theological Studies*, 48 (1947), 34-49.
- . "Origen, Celsus, and the Resurrection of the Body," *Harvard Theological Review*, 41 (1948), 83-102.
- Crouzel, Henri. *Bibliographie critique d'Origène*. La Haye, 1971. (For secondary materials beyond 1971, the reader is referred to the *Bibliographia Patristica*, "Origenes," Berlin, 1971/1972 seq.)
- . *Origène et la Philosophie*. Paris, 1962.
- Denis, J. F. *Du discours de Celse contre les chrétiens intitulé "Le discours véritable"*. N.d.; periodical extract in University of Michigan Library.
- de Faye, Eugene. *Origen and His Work*. New York, 1929.
- Geffcken, J. *Der Ausgang des griechisch-römischen Heidentums*. Heidelberg, 1920-29.
- Glöckner, Otto. *Celsi Aléthēs Logos, excussit et restituere conatus est*. Bonn, 1924.

- Hanson, R. P. C. *Allegory and Event: A Study of the Sources and Significance of Origen's Interpretation of Scripture*. London, 1959.
- Harris, J. Rendel. *Celsus and Aristides*. Manchester, 1922. Rpt. from the *Bulletin of the John Rylands Library*, 6 (1922), 163-75.
- Heine, Otto. "Ueber Celsus' 'Aléthēs Logos,'" in *Philologische Abhandlungen Martin Hertz dargebracht*, 1888, pp. 197-214.
- Koch, Hal. *Pronoia und Paideusis, Studien über Origenes und sein Verhältnis zum Platonismus*. Leipzig, 1932.
- Koetschau, Paul. *Die Textüberlieferung der Bücher des Origenes gegen Celsus in der handschriften dieses Werkes und der Philokalia*. Leipzig, 1889.
- de Lange, N. R. M. *Origen and the Jews: Studies in Jewish-Christian Relations in Third-Century Palestine*. Cambridge, Eng., 1976.
- Lods, M. "Étude sur les sources juives de la polémique de Celse contre les chrétiens," *Revue d'histoire et de philosophie religieuses*, 21 (1941), 1-31.
- Miura-Stange, A. *Celsus und Origenes*. Giessen, 1929.
- Muth, J. F. S. *Der Kampf des heidnischen Philosophen Celsus gegen das Christentum*. Mainz, 1899.
- Nautin, Pierre. *Origène, sa vie et son oeuvre*. Paris, 1977.
- Patrick, John. *The Apology of Origen in Reply to Celsus: A Chapter in the History of Apologetics*. Edinburgh, 1892.
- Robinson, J. Armitage. *The Philocalia of Origen*. Cambridge, Eng., 1893.
- Rougier, L. A. P. *Celse ou le conflit de la civilisation antique et du christianisme primitif*. Paris, 1926.
- Pelagaud, Elysée. *Un conservateur au second siècle: étude sur Celse et la première escarmouche entre la philosophie antique et le christianisme naissant*. Lyon, 1878.
- Turner, W. "Celsus: The Voltaire of the Second Century," *Irish Theological Quarterly*, 3 (1908), 137-50.
- Weber, Karl Otto. *Origenes de Neuplatoniker: Versuch einer Interpretation*. Munich, 1962.